



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE ENGENHARIA FLORESTAL
Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e
Ambientais

DIVERSIDADE DE INSETOS EM DIFERENTES
AMBIENTES FLORESTAIS NO MUNICÍPIO DE
COTRIGUAÇU, ESTADO DE MATO GROSSO

MARCELO MUNIZ SILVA

CUIABÁ – MT
2009

MARCELO MUNIZ SILVA

**DIVERSIDADE DE INSETOS EM DIFERENTES
AMBIENTES FLORESTAIS NO MUNICÍPIO DE
COTRIGUAÇU, ESTADO DE MATO GROSSO**

Orientador Prof. Dr. Otávio Peres Filho

Dissertação apresentada à Faculdade de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais, para obtenção do título de Mestre.

CUIABÁ – MT
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S586d Silva, Marcelo Muniz.

Diversidade de insetos em diferentes ambientes florestais no município de Cotriguaçu, estado de Mato Grosso / Marcelo Muniz Silva. -- 2009.

xii, 111 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Otávio Peres Filho.

Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso. Faculdade de Engenharia Florestal. Programa de Pós - Graduação em Ciências Florestais e Ambientais, 2009.

Inclui bibliografia e apêndices.

1. Entomofauna. 2. Biodiversidade. 3. Florestamento misto. 4. Mata nativa. 5. Vegetação de capoeira. 6. Impactos ambientais. 7. Engenharia florestal. I. Título.

CDU 630*12:595.7(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Carlos Henrique T. de Freitas. CRB -1: 2.234

Permitida a reprodução parcial ou total desde que citada a fonte.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE ENGENHARIA FLORESTAL
Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e
Ambientais

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Título: Diversidade de Insetos em Diferentes Ambientes Florestais no
Município de Cotriguaçu, Estado de Mato Grosso

Autor: Marcelo Muniz Silva

Orientador: Prof. Dr. Otávio Peres Filho

Aprovada em: 28 de Março de 2009.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Alberto Dorval
UFMT/FENF

Prof. Dr. Márcio do Nascimento Ferreira
UFMT/FAMEV

Prof.Dr. Otávio Peres Filho
Orientador – UFMT/FENF

Aos meus queridos pais Lúcia Maria Muniz Tanaka e Osvaldo Epifânio da Silva, pela educação, criação, compreensão, imenso amor, carinho e incentivo.

DEDICO

A minha querida avó materna Maria de Lourdes Muniz (*in memoriam*), a Danielucia Noya de Almeida, ao meu padrasto Seiichi Tanaka, aos meus filhos Rhaiza Marina Mendes Muniz Silva, Igor Rhafael Mendes Muniz Silva, Mateus Almeida Muniz Silva, ao meu tio Nivaldo Benedito Muniz, a Maria Donizete Zanovello (Marizete), aos meus irmãos Marcos Massuo Tanaka, Frederico Haruo Tanaka, Ártemis Epifânio da Silva (têca), Gilmar Epifânio da Silva, Valdo Epifânio da Silva, Sidney Epifânio da Silva, Daniele da Silva Gomes, ao meu compadre Josiney dos Santos Conceição, a Ermínia dos Santos Conceição e a todo pessoal do Saião Salgados.

OFEREÇO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus: a grande força que me guia.

A UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Engenharia Florestal (FENF), pela grande oportunidade de realização do Mestrado.

Ao Professor Dr. Otávio Peres Filho, pela orientação, pelos conhecimentos transmitidos, pelo apoio e pela amizade que construímos nesses anos de convivência.

Ao professor Alberto Dorval pela co-orientação desse trabalho.

A CAPES, pela bolsa de estudo.

A ONF Brasil Ltda. e a todos os seus funcionários em especial ao Engenheiro Florestal José Vespasiano L. Assumpção, pela oportunidade ímpar e imenso apoio na realização desse trabalho.

Aos professores do Curso de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais.

Aos acadêmicos de graduação Engenharia Florestal Kellton Nogueira Farias, Marcelo Dias de Souza, Bernardo Tabaczanski, Iohana Weber Both, aos Biólogos Thiago Augusto Dourado Castanheira, Érica Sevilha Harterreiten Souza e ao técnico Sr. Manoel Lauro da Silva, pelo auxílio na coleta de dados.

SUMÁRIO

RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
1 INTRODUÇÃO	1
2 REVISÃO DE LITERATURA	3
2.1 FUNÇÃO ECOLÓGICA DOS INSETOS.....	3
2.2 A ENTOMOFAUNA EM AMBIENTES NATURAIS.....	4
2.3 A ENTOMOFAUNA EM AMBIENTES REFLORESTADOS.....	5
2.4 A ENTOMOFAUNA ASSOCIADA À IDADE DOS PLANTIOS FLORESTAIS.....	6
2.5 O USO DA ARMADILHA LUMINOSA	7
3 MATERIAL E MÉTODOS	10
3.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	10
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	10
3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS AMBIENTES AMOSTRADOS.....	12
3.4 ARMADILHA LUMINOSA.....	14
3.5 OBTENÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL ESTUDADO..	15
3.6 AVALIAÇÃO DA POPULAÇÃO COLETADA.....	15
3.7 ANÁLISES DOS DADOS	16
3.7.1 Flutuação Populacional.....	16
3.7.2 Análise de Agrupamento.....	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	17
4.2 Análise Faunística do período de 2003.....	31
4.3 Análise Faunística do período de 2004.....	56
4.4 ANÁLISE QUALITATIVA.....	82
4.5 ANÁLISE DE CLÚSTER.....	85
4.6 FLUTUAÇÃO POPULACIONAL.....	87
5 CONCLUSÕES	91
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
APÊNDICE	97

LISTA DE TABELAS

1-NOME CIENTÍFICO E VULGAR DAS ESPÉCIES NOS GRUAMENTOS DA FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU, MT.....	12
2-CARACTERIZAÇÃO DOS AMBIENTES AMOSTRADOS.....	13
3-ESPÉCIES IDENTIFICADAS NOS DEZ AMBIENTES AMOSTRADOS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.....	17
4-QUANTIDADES DE ESPÉCIES E DE INDIVÍDUOS COLETADOS POR AMBIENTE NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU – MT, 2003.....	21
5-QUANTIDADES DE ESPÉCIES E DE INDIVÍDUOS COLETADOS POR AMBIENTE NA FAZENDA SÃO NICOLA U, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU – MT, 2004.....	22
6-QUANTIDADE DE INDIVÍDUOS COLETADOS POR ORDEM NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.....	22
7-QUANTIDADE DE ESPÉCIES COLETADAS POR ORDEM NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU – MT, 2003 A 2004.....	23
8-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE UM, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	31
9-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE DOIS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	34
10-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE TRÊS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	37
11-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE QUATRO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	39
12-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE CINCO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	42

13-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE SEIS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	44
14-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE SETE, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	47
15-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE OITO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	49
16-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE NOVE, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	52
17-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE DEZ, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	54
18-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS N O AMBIENTE UM, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	56
19-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE DOIS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	59
20-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE TRÊS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	61
21-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE QUATRO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	64
22-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE CINCO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	67
23-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE SEIS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	69
24-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE SETE, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	72

25-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE OITO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	75
26-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE NOVE, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	78
27-ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE DEZ, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	80
28-RELAÇÃO DE ESPÉCIES IDENTIFICADAS E COMUNS EM TODOS OS AMBIENTES AMOSTRADOS NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.....	83
29-RELAÇÃO DE ESPÉCIES IDENTIFICADAS E COMUNS EM TODAS AS ÁREAS AMOSTRADAS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2004.....	84

LISTA DE FIGURAS

1-LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU – MT.....	11
2-TIPOLOGIAS VEGETAIS EXISTENTES NA FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU – MT.....	11
3-ARMADILHA LUMINOSA LIGADA NA BATERIA E PENDURADA NO INSTRUMENTO CHAMADO “FORÇA”.....	14
4-DISTRIBUIÇÃO DAS ARMADILHAS LUMINOSAS NA FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004...	15
5-QUANTIDADE DE ESPÉCIES POR AMBIENTE. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.....	25
6-QUANTIDADE DE INDIVÍDUOS COLETADOS EM DIFERENTES AMBIENTES. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.....	25
7-QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM LEPIDOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.....	26
8-QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM COLEOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.....	27
9-QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM HEMIPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.....	27
10-QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM HYMENOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004...	28
11-QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM ORTHOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.....	28
12-QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM MANTODEA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.....	29
13-QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM ISOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.....	30

14-QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM MEGALOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU -MT, 2003 A 2004...	30
15-DENDROGRAMAS DOS DEZ AMBIENTES ESTUDADOS NOS PERÍODOS DE 2003 E 2004. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU – MT.....	86
16-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DAS ESPÉCIES <i>Platypus linearis</i> , <i>Oebalus ypsilon</i> , <i>Doru luteipes</i> , <i>Polana</i> sp., NOS DEZ AMBIENTES AMOSTRADOS (B) E PLUVIOSIDADE (A), NO PERÍODO DE 2003. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU – MT.....	89
17-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DAS ESPÉCIES <i>Platypus linearis</i> , <i>Oebalus ypsilon</i> , <i>Doru luteipes</i> , <i>Polana</i> sp., NOS DEZ AMBIENTES AMOSTRADOS (B) E PLUVIOSIDADE (A), NO PERÍODO DE 2004. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU – MT.....	90

RESUMO

SILVA, Marcelo Muniz. **Diversidade de insetos em diferentes ambientes florestais no município de Cotriguaçu, estado de Mato Grosso**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá – MT. Orientador: Prof. Dr. Otávio Peres Filho.

O presente trabalho realizou o levantamento da entomofauna em diferentes ambientes florestais formados por florestamentos mistos, mata nativa remanescente e capoeira, com o objetivo de avaliar os impactos das alterações ambientais na biodiversidade e na quantidade de indivíduos. Os estudos foram realizados na Fazenda São Nicolau, de propriedade da Organización Nacional de Fôret/Peugeot, no município de Cotriguaçu, estado de Mato Grosso localizado na Amazônia legal. As coletas foram realizadas de janeiro de 2003 a dezembro de 2004 sendo utilizadas dez armadilhas luminosas modelo “Luiz de Queiroz” adaptado, instaladas em dez diferentes áreas. Sendo nove áreas florestadas com diferentes espécies florestais, associados com pastagens e capoeira, e uma com vegetação remanescente da floresta. Foram coletados um total de 36.874 indivíduos distribuídos em nove Ordens. As ordens Lepidoptera e Coleoptera apresentaram as maiores quantidades de espécies coletadas, as espécies com os maiores registros de ocorrência nas áreas citadas foram *Platypus linearis*, *Oebalus ypsilon* e *Doru luteipes*. As ordens Coleoptera e Hemiptera apresentaram as maiores quantidades de indivíduos no período de estudo. Nos ambientes de mata nativa remanescente, capoeira e floresta plantada de menor espaçamento foram os ambientes mais equilibrados ecologicamente. As gramíneas das áreas de pastagens remanescentes afetaram significativamente a ocorrência de determinadas espécies de insetos, propiciando total distribuição nos ambientes e períodos estudados. As vegetações nativas presentes nas áreas plantadas e a grande área de floresta intacta, ao redor da propriedade, influenciaram a riqueza da entomofauna, mesmo nas áreas de florestamentos mistos, chegando em alguns ambientes a se assemelharem ao ambiente florestal nativo remanescente (ambiente 2). Os aumentos e picos populacionais das espécies de maior ocorrência estão relacionados com o período de maior pluviosidade na região.

Palavras-chave: biodiversidade, entomofauna, Amazônia Legal, florestamento.

ABSTRACT

SILVA, Marcelo Muniz. **Diversity of insects in different forest habitats in the municipality of Cotriguaçu, State of Mato Grosso, Brazil.** 2009. Dissertation (M.Sc. in Forestry and Environmental Sciences) - Federal University of Mato Grosso, Cuiabá - MT. Adviser: Prof. Dr. Otávio Peres Filho.

This research involved collecting data on entomofauna in different forest habitats formed by mixed forestation, native forest remaining and secondary forests, with the objective of evaluating the impacts of environmental change on biodiversity and the number of individuals. Data was collected at the Farm São Nicolau, property of National Organization du Fôret/Opeugeot in the municipality of Cotriguaçu, State of Mato Grosso, in Brazil's Legal Amazon. Data collection was undertaken between January 2003 and December 2004 utilizing ten light traps. The traps were an adapted version of the "Luiz de Queiroz" type and were placed in ten different areas. A total of 36,874 individual insects were captured, their specimens were distributed in nine orders. The orders Lepidoptera and Coleoptera had the highest quantities of species collected; the species with the greatest records of occurrence in the areas mentioned were *Platypus linearis*, *Oebalus ypsilon* and *Doru luteipes*. The orders Coleoptera and Hemiptera presented the most significant quantities of individuals during the study period. The study sites with native forest, secondary forests and planted forests proved to be the most ecologically balanced environments. The pasture study sites were found to have a significant effect on the presence and distribution of certain insect species. Native vegetation presented in planted areas and the largely intact native forest surrounding the property also influenced species richness. Mixed forests in some areas approximated the species composition of the native forest. Population numbers of insects were found to peak periods of high rainfall in the region.

Keywords: biodiversity, entomofauna, Legal Amazon, forests

1 INTRODUÇÃO

A necessidade do uso da terra e a sua má utilização, acompanhando o crescimento populacional resulta na fragmentação dos habitats naturais, causando modificações profundas na dinâmica das populações de animais e vegetais. Essas alterações podem resultar no isolamento e até extinção de espécies devido às interações ecológicas, às vezes, muito estreitas e complexas.

O fato dos plantios florestais serem, normalmente, constituídos por monoculturas em grandes extensões de terra e cultivados por longos períodos tem favorecido as espécies-praga: lepidópteros-desfolhadores, formigas cortadeiras e coleópteros, os quais constituem os maiores problemas para a silvicultura nacional.

Com a expansão de florestas plantada no Brasil nessas últimas décadas, vem ocorrendo uma grande pressão governamental sobre tais plantios, pressão essa que sinaliza por mais pesquisas, estudos de avaliação e monitoramento ambiental. O que se percebe é que para se ter a sustentabilidade do empreendimento há a necessidade da estabilidade dessas florestas.

Os estudos de levantamentos são a chave para a conservação da biodiversidade, uma vez que os polinizadores possuem um papel importante no sucesso reprodutivo e fluxo gênico de muitos grupos importantes de plantas agrícolas e florestais e estas plantas por sua vez, são importantes fontes de recursos alimentares para os polinizadores (LAROCCA, 1995).

Os insetos são os organismos mais adequados para uso em estudos de avaliação de impacto ambiental e de efeitos de fragmentação florestal, pois, além de ser o grupo de animais mais numerosos do globo terrestre, com elevadas densidades populacionais, apresentam grande diversidade, em termos de espécies e de habitats e grande variedade de habilidades para dispersão e seleção de hospedeiros e de respostas à qualidade e quantidade de recursos disponíveis. Além de sua dinâmica populacional ser altamente influenciada pela heterogeneidade dentro de um mesmo habitat.

Segundo Holloway et al. (1987), os insetos fitófagos, quando específicos para determinadas plantas, são os organismos mais adequados para estudo de habitat, principalmente os lepidópteros, que são taxonomicamente bem estudados e podem ser facilmente amostrados através de armadilhas luminosas.

O presente trabalho realizou o levantamento da entomofauna em diferentes ambientes florestais formados por florestamentos mistos, mata nativa remanescente e capoeira, com o objetivo de avaliar os impactos das alterações ambientais na biodiversidade e na quantidade de indivíduos, utilizando-se de análises faunística e de Clúster, bem como elaborar listas de espécies que ocorrem na região estudada. Os resultados obtidos poderão subsidiar o monitoramento e o manejo integrado de pragas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 FUNÇÃO ECOLÓGICA DOS INSETOS

A Classe Insecta é representada por aproximadamente 53% das espécies conhecidas de animais, sendo, portanto, o maior grupo existente atualmente (HALFFTER et al., 2001).

Muitas espécies se constituem em pragas agrícolas e urbanas outras são polinizadoras de várias espécies de plantas (TRINDADE et al., 2004) e há, ainda, aquelas que atuam na dispersão de sementes. Devem-se, ainda, enfatizar as espécies produtoras de materiais usados pelo homem, bioindicadoras de qualidade ambiental, degradadoras de matéria orgânica e importantes modelos de estudo para diversas áreas da ciência.

O conhecimento taxonômico e biogeográfico para a maioria dos grupos de organismos terrestres é escasso, especialmente para aqueles considerados hiperdiversos, como por exemplo, insetos, aracnídeos e nematóides (SILVA e BRANDÃO, 1999). Vários levantamentos têm sido realizados nos biomas brasileiros, porém muitos têm ignorado os insetos, que podem ser considerados o grupo que mais contribui para os processos essenciais dos ecossistemas.

Os insetos são considerados bons indicadores dos níveis de impacto ambiental, devido a sua grande diversidade de espécies e habitat, além da sua importância nos processos biológicos dos ecossistemas naturais (THOMANZINI e THOMANZINI, 2002).

Considerando que bioindicadores são organismos ou comunidades de organismos cujas funções vitais são tão estreitamente correlacionadas com os fatores abióticos, que podem ser utilizados como indicadores de mudanças destes fatores, sendo de grande valia o estudo de tais organismos para o monitoramento ambiental e indicação da necessidade de práticas de manejo que visem à conservação das populações (PIMENTA, 2008).

A diversidade de espécies vegetais em ecossistemas tropicais é muito alta quando comparada com a de outras regiões. Quase todas estas espécies possuem flores zoófilas e, desta maneira, necessitam de animais para desenvolver frutos e sementes. A polinização das flores e

a dispersão dos diásporos são essenciais no sucesso reprodutivo das espécies de plantas. Desta maneira, os animais envolvidos nestes processos, cumprem um papel crucial na manutenção dos ecossistemas (SCHLINDWEIN, 2000).

2.2 A ENTOMOFAUNA EM AMBIENTES NATURAIS

De acordo com Andow (1991), a teoria ecológica sugere fatores importantes que levam a uma maior riqueza de espécies em locais mais heterogêneos, tendo estes a maior diversidade de habitats e a maior densidade de inimigos naturais, levando ao aumento do controle de populações de organismos dominantes.

Santos et al. (1994) acreditavam que as espécies florestais nativas fossem pouco afetadas por pragas, mas verificaram a presença de larvas e de adultos de *Coccotripes* sp. (Scolytidae), infestando sementes de pimenteira e reduzindo os índices de sobrevivência.

Altieri e Letourneau (1982) citam que em sistemas diversificados os estímulos químicos e visuais das plantas hospedeiras e não hospedeiras afetam a taxa de colonização de herbívoros e o seu comportamento. Um inseto herbívoro num habitat diversificado frequentemente terá grande dificuldade em localizar a planta hospedeira, quando a concentração relativa do recurso é mais baixa.

Alves (1998) fez uma ampla revisão, mostrando a relação direta da heterogeneidade ou diversidade, tanto em áreas naturais como em culturas, entre a vegetação e os insetos, descrevendo várias hipóteses para explicar esse fato. Também apresentou trabalhos que defendem a teoria da diversidade - estabilidade. No entanto, também levantou questionamentos sobre a falta de dados empíricos, assim como outros contraditórios, para sustentar essa teoria. Esse quadro certamente é função da dificuldade de estabelecer relações determinísticas, frente à complexidade das interações entre as populações, aumentada ainda mais pela influência dos fatores abióticos. O autor concluiu que o impacto da diversificação em um agroecossistema depende do grau de polifagia ou monofagia dos herbívoros e do tipo de sistema de cultivo, se perene ou anual.

2.3 A ENTOMOFAUNA EM AMBIENTES REFLORESTADOS

As áreas reflorestadas sempre foram analisadas sob o aspecto produtivo, com o argumento de reduzirem a exploração desenfreada das florestas naturais e, conseqüentemente, os seus impactos negativos. No entanto, muitos estudos têm mostrado que a adoção de práticas silviculturais, como a manutenção do sub-bosque e a redução na aplicação de agrotóxicos, contribuem para a manutenção da biodiversidade local, minimizando os impactos da ação antrópica.

Segundo Zanuncio et al. (1993), o reflorestamento é um dos setores com maior crescimento no Brasil, sendo o estado de Minas Gerais o líder nessa atividade. Em Mato Grosso os grandes investimentos em plantios são recentes e estudos sobre esses plantios são escassos se for levado em consideração o enorme potencial do Estado.

O aumento da área reflorestada com espécies exóticas tem levado ao aumento de problemas com insetos-praga (ZANUNCIO et al. 1994), em razão das modificações ambientais, nas monoculturas, que levam ao empobrecimento geral da fauna. Por outro lado, a menor competição favorece proliferação e afeta a dinâmica populacional de insetos-praga, pela maior disponibilidade de alimento e menor diversidade e número de indivíduos de inimigos naturais (PEREIRA et al., 1994; ZANUNCIO et al., 1995).

Bragança (1995) estudou as populações de Lepidoptera e Hymenoptera em plantação de eucaliptos, na reserva de mata natural adjacente e na borda entre os dois ambientes, na região de Aracruz/ES. Observou-se um gradiente decrescente de riqueza de espécies e de diversidade da mata para o interior do eucalipto. Constatou-se também que as espécies na mata são mais igualmente abundantes e existindo uma baixa dominância e alta diversidade. O trabalho mostrou a importância do contato da plantação de eucalipto com a mata natural, para manter a diversidade e, conseqüentemente, a sua estabilidade.

Resultados muito variáveis têm sido encontrados quanto à alteração na diversidade de insetos em função da fragmentação, desmatamentos ou diferentes estágios da sucessão ecológica. Em alguns

casos, esses distúrbios estão associados à redução na diversidade de espécies de insetos e, em outros casos, contrariamente, esses fatores estão associados até a um aumento na diversidade local. Portanto, não se podem fazer generalizações quanto a esse assunto (THOMAZINI e THOMAZINI, 2000).

Segundo Kageyama et al. (1992), a regeneração artificial na recuperação de áreas degradadas aliada às ações ambientalistas e de pressão da sociedade, vem sendo considerada prioritária em função do grau avançado de perturbação que atinge grandes áreas de proteção permanente. Na recuperação de uma área degradada é possível encontrar espécies específicas para cada etapa da recuperação.

2.4 A ENTOMOFAUNA ASSOCIADA À IDADE DOS PLANTIOS FLORESTAIS

Como a diversidade está positivamente relacionada com a integridade do habitat (VULINEC, 2002 e SCHNELL et al., 2003), a diversidade deveria estar positivamente associada com a idade do reflorestamento em função da melhoria na qualidade do habitat ocorrida (NAKAMURA et al., 2003).

Florestas secundárias podem abrigar grande diversidade de insetos, sendo que a variação na idade e tamanho das mesmas pode influenciar essa diversidade. No caso da utilização de florestas secundárias, para manutenção de diversidade de insetos, deve-se considerar a sua conectividade com florestas primárias. Alguns fragmentos florestais, de umas poucas dezenas de hectares de área, podem conter um grande número de espécies da flora regional. Muitas espécies de plantas e animais podem sobreviver em florestas produtoras de madeira. Alguns animais podem utilizar florestas plantadas ou secundárias que cercam os fragmentos de floresta primária. Todos estes fatores contribuem para a sobrevivência de espécies (WITHMORE, 1997). Os componentes do sistema de defesa constitutiva das plantas são compostos químicos e estruturas morfológicas que dificultam o acesso dos herbívoros às plantas, podendo afetar alguns parâmetros do ciclo biológico, como o desenvolvimento e a reprodução dos insetos (KARBAN

e BALDWIN, 1997). Esses componentes podem ser encontrados em uma ou mais partes da planta e, normalmente, suas concentrações e/ou quantidades variam com a idade da mesma (GOULD 1998).

Segundo Silveira Neto et al. (1976) e Paine e Stephen (1987), a predominância de uma determinada espécie dentro de um povoamento homogêneo e a associação deste inseto a esta espécie vegetal é expressa pela sua adaptabilidade a fatores relacionados à espécie vegetal hospedeira e a características do talhão, como idade, produção de resina, diâmetro, espessura da produção de resina, diâmetro, espessura do floema, densidade de plantas e crescimento radial.

2.5 O USO DA ARMADILHA LUMINOSA

O emprego das armadilhas luminosas é bastante antigo, tendo sido usado pela primeira vez em 1874. As armadilhas luminosas mais comumente utilizadas são baseadas nos modelos norte-americanos, padronizados pela Sociedade Americana de Entomologia, com luz vertical e multidirecional (SILVEIRA NETO e SILVEIRA, 1969).

No Brasil, as armadilhas luminosas são utilizadas desde 1964, pelo Departamento de Entomologia da ESALQ/USP e outras instituições (VENDRAMIM et al., 1992). Segundo Almeida et al. (1998), existem vários tipos de armadilhas que utilizam a luz como atrativo para coleta de insetos. A armadilha luminosa mais comum é a do modelo “Luiz de Queiroz”, desenvolvida pelo Departamento de Entomologia da ESALQ, USP.

As armadilhas luminosas vêm sendo utilizadas em levantamentos populacionais de lepidópteros em plantações de *Eucalyptus* spp. no Brasil (BERTI FILHO, 1981; WILCKEN, 1991; ALVES, 1998; BAENA, 1982).

Cada tipo de inseto pode ser atraído por um tipo de luz diferente, ou seja, luz com diferentes comprimentos de onda. A maior parte dos insetos praga é fototrópica positiva, sendo as mariposas um bom exemplo. Geralmente, esses insetos podem ser monitorados e até controlados por meio de armadilhas luminosas (NAKANO e LEITE, 2000).

Avaliar a riqueza de espécies mediante censos completos é conveniente para poucos grupos e em áreas relativamente pequenas. Na maioria dos casos, a única forma de se aproximar à quantificação da biodiversidade é mediante amostragens (HALFFTER et al., 2001).

Conforme Silveira Neto et al. (1976), o levantamento populacional de insetos deve ser realizado mediante estimativa de populações por meio de amostras, sendo praticamente impossível contar todos os insetos de um habitat. As armadilhas luminosas constituem o método mais utilizado para determinar parâmetros de distribuição, flutuação e coleta de insetos em análise entomofaunística. A análise faunística permite a avaliação do impacto ambiental, tendo por base espécies de insetos como indicadores ecológicos.

Matioli (1986) citou alguns fatores que interferem na coleta de insetos através do uso de armadilhas luminosas, determinando seu êxito ou fracasso, sendo estes: temperatura, chuva, neblina, luar, altura de vôo e período de vôo.

A variação de comportamento de cada espécie fototrópica positiva deve-se a parâmetros diversos como comprimento de onda, cor, direção e intensidade de luz e que a eficiência das armadilhas nas coletas aumentam, devido aos feromônios liberados pelos insetos coletados, aumentando a eficiência das coletas (MARTIOLI e SILVEIRA NETO, 1988).

A amostragem realizada com armadilhas luminosas consiste em distribuir as mesmas no campo, permanecendo ligada por um período pré-fixado, de maneira que cada uma cubra de forma significativa uma determinada área. Após cada período de coleta o material é levado ao laboratório para contagem e identificação (ZANUNCIO et al., 1993).

Segundo Nakano e Leite (2000) a instalação das armadilhas pode ser feita em propriedades eletrificadas ou não, sendo neste caso utilizado como fonte de energia as baterias, podendo-se empregar também o uso de lâmpião a gás.

Dubois (1993) estudou a diversidade de mariposas das famílias Notodontidae e Arctiidae num fragmento florestal da Amazônia Oriental,

Açailândia – MA, com diferentes graus de perturbação antrópica, utilizando armadilhas modelo Luiz de Queiroz e pano de luz.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

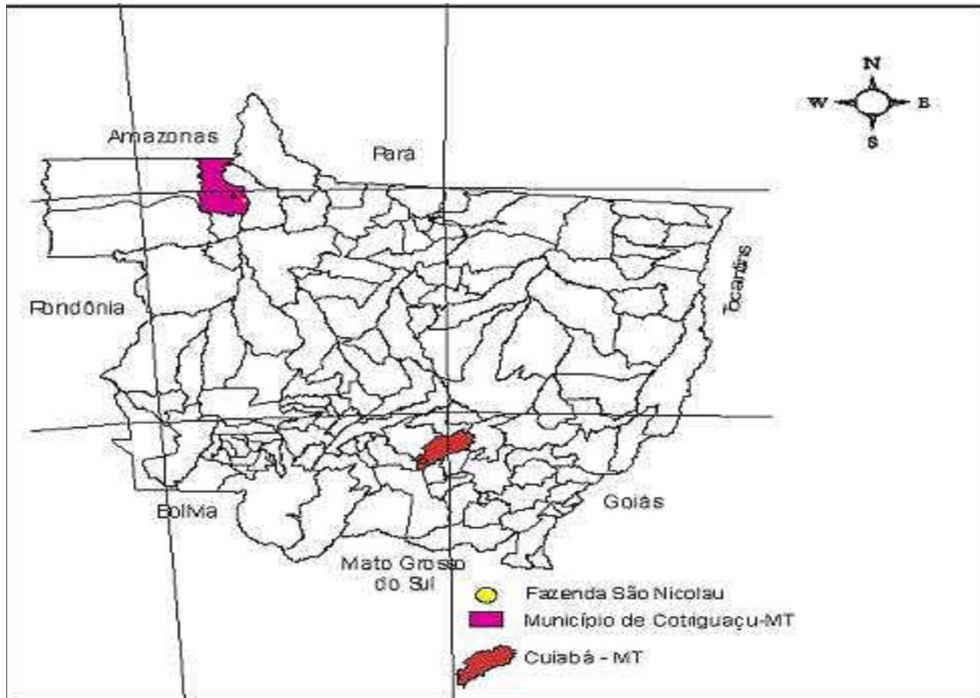
O estudo foi realizado na fazenda São Nicolau, propriedade da ONF – Organización Nacional du Fôret, localizada na Amazônia legal na região noroeste do estado de Mato Grosso, distante a 1.040 km de Cuiabá, no município de Cotriguaçu (FIGURA 1), na margem esquerda do Rio Juruena, afluente do Rio Tapajó e este forma dor do rio Amazonas, conforme as coordenadas geográficas obtidas pelo Sistema de Posicionamento Global - GPS em UTM (Universal Transverse Mercator) citadas abaixo:

- Limite norte – leste (rio) N= 8916237,45
E= 365405,25
- Limite Norte – Oeste N=8916657,16
E= 354438,99
- Limite Sul-Leste (rio) N= 8906348,28
E= 363716,81
- Limite Sul-Oeste N= 8907427,00
E= 355615,46

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A fazenda São Nicolau possui uma área de 10.134,43 ha, sendo 6.932,74 ha formada por floresta nativa constituindo a reserva legal da propriedade, 2.907,55 ha de área desmatada (outrora floresta nativa que foram substituídas gradativamente entre 1974 e 1997 por pastagem), sendo que 2000 ha foram reservado para o reflorestamento e 294,14 ha de área remanescente (Figura 2).

Apresentando vários ambientes distintos, divididos em talhões ocupados por plantios florestais consorciados com espécies amazônicas nativas; havendo a presença de apenas uma espécie exótica: a Teca (*Tectona grandis*), conforme Tabela 1.



Fonte: Intermat (2008).

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA FAZENDA SÃO NICOLAU .
COTRIGUAÇU – MT.

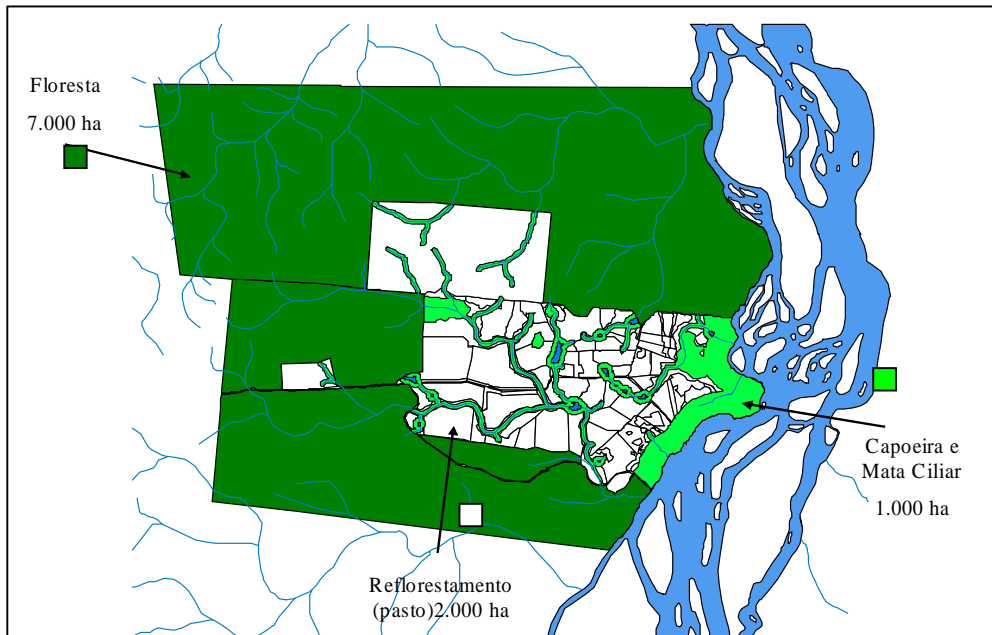


FIGURA 2 - TIPOLOGIAS VEGETAIS EXISTENTES NA FAZENDA SÃO NICOLAU .
COTRIGUAÇU – MT.

TABELA 1 - NOME CIENTÍFICO E VULGAR DAS ESPÉCIES NOS GRUPAMENTOS DA FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU, MT.

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR
ANACARDIACEAE	<i>Astronium</i> sp.	aroeira
	<i>Spondias mombin</i>	cajá
	<i>Anacardium giganteum</i>	cajueiro
APOCYNACEAE	<i>Aspidosperma</i> sp.	peroba
ARALIACEAE	<i>Schefflera</i> sp.	mandiocão
BIGNONIACEAE	<i>Tabebuia</i> sp. 1	ipê- amarelo
	<i>Tabebuia</i> sp. 2	ipê- branco
	<i>Tabebuia avellaneda</i>	ipê- rosa
	<i>Tabebuia</i> sp. 4	ipê -roxo
	<i>Jacaranda copaia</i>	caroba
BIXACEAE	<i>Bixa orellana</i>	urucum
BOMBACACEAE	<i>Chorisia speciosa</i>	paineira
BORAGINACEAE	<i>Cordia goeldiana</i>	freijó
EUPHORBIACEAE	<i>Hevea brasiliensis</i>	seringueira
FABACEAE (Leg.)	<i>Torresea acreana</i>	cerejeira
	<i>Pithecellobium</i> sp.	timburi
	<i>Peltophorum dubium</i>	angico
	<i>Schizolobium amazonicum</i>	paricá
	<i>Swietenia macrophylla</i>	mogno
MELIACEAE	<i>Cedrela</i> sp.	cedro-rosa
MORACEAE	<i>Ficus</i> sp.	figueira
MYRTACEAE	<i>Syzygium jambolanum</i>	Jamelão
SIMAROUBACEAE	<i>Simarouba amara</i>	caixeta
STERCULIACEAE	<i>Guazuma crinita</i>	mutamba
ULMACEAE	<i>Trema micrantha</i>	periquiteira-bandeja
LAMIACEAE	<i>Tectona grandis</i>	teca
LECYTHIDACEAE	<i>Cariniana domestica</i>	cachimbeiro

A área plantada é de 1.418,36 hectares, dispostos em talhões com diferentes arranjos de espécies e distribuídas em plantios com espaçamentos variados, tais como, 2x3m, 3x3m, 6x3m e 4x5m.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS AMBIENTES AMOSTRADOS

Para esse estudo foram selecionados dez ambientes distintos da propriedade, cuja descrição e finalidade constam na Tabela 2.

TABELA 2 - CARACTERIZAÇÃO DOS AMBIENTES AMOSTRADOS

Ambiente	Talhão	Cobertura Florestal	Ano de Plantio	Espaçamento (m)	Principais espécies
1	22B	Florestamento	2001/2002	3x2	Teca (> 50%), ipê roxo e paineira com pastagem.
2		Floresta			
3	52, 53 e 55	Capoeira	1999/2001	---	Capoeira enriquecida com plantios de ipê roxo, freijó e caixeta (> 50 %), com pastagem.
4	10 B e 11 A	Florestamento	2000/2001	3x2	Teca, ipê amarelo, ipê rosa, freijó, cedro rosa, cajá, caixeta com pastagem.
5	4 B, 4 A e 5	Florestamento	1999/2000	5x4	Teca, cajá, paricá com pastagem.
6	42 B e 39	Florestamento	1999/2001	5x4	Teca (> 50%), freijó, cedro rosa (> 30%) na presença de pastagem.
7	31	Florestamento	2000/2001	3x3	Caixeta (>30%), cajá, ipê roxo na presença de pastagem.
8	65	Florestamento	2002/2003	6x3	Figueira branca (> 50%), figueira branca mole, ipê roxo, aroeira e caroba, com pastagem.
9	76 e 71	Florestamento	2002/2003	6x3	Figueira branca (> 50%), figueira branca mole e Jamelão, com pastagem.
10	69 e 68	Florestamento	2002/2003	3x2	Teça, com pastagem.

A característica do relevo da área é plana e suavemente ondulada, apresentando solos de predominância de Argisso lo Vermelho – Amarelo, distrófico e alumínico (EMBRAPA, 1999). O clima é tropical quente e úmido, com temperatura média anual de 24° C e a precipitação média anual é de 2300 mm. A umidade é bastante elevada e oscila entorno de 80 a 85 % (BRASIL, 1980).

3.4 ARMADILHA LUMINOSA

Foi instalada em cada ambiente uma armadilha luminosa modelo “Luiz de Queiroz” (SILVEIRA-NETO e SILVEIRA, 1969) adaptada, com lâmpada ultravioleta fluorescente de 15 watts e 100 volts, instalada a 1,5 metros do solo, em um instrumento denominado de forca (Figura 3).



FIGURA 3 - ARMADILHA LUMINOSA LIGADA NA BATERIA E PENDURADA NO INSTRUMENTO CHAMADO “FORCA”.

Foram utilizadas dez armadilhas, sendo uma por ambiente e tendo como fonte de energia uma bateria auto motiva.

As forcas com as armadilhas luminosas foram instaladas as margens dos talhões e distribuídas de acordo com o disposto na Figura 4.

como, local de coleta, data do início da coleta, localização das armadilhas, ordem, família e espécie em fichas individualizadas.

Nas áreas de um a dez foram realizadas 24 coletas entre janeiro de 2003 e dezembro de 2004.

3.7 ANÁLISES DOS DADOS

Os índices de dominância, constância, frequência, abundância e diversidade foram calculados através do programa ANAFAU (MORAES et al., 2003), levando-se em consideração os métodos de LAROCCA e MIELKE (1975); SAKAGAMI e LAROCCA (1967).

Nas análises quantitativas foram consideradas todas as espécies identificadas ou não (Apêndice 1), enquanto nas análises qualitativas e análise faunística foram consideradas todas as espécies identificadas e não identificadas (Apêndice 1), porém nas discussões dos resultados foram consideradas somente espécies identificadas, taxonomicamente ao nível de gênero ou de espécie (Tabela 3).

3.7.1 Flutuação Populacional

No estudo da flutuação populacional foram consideradas apenas as espécies que na análise faunística tenham ocorrido como dominante, muito abundante e muito frequente.

3.7.2 Análise de Agrupamento

O estudo de similaridades entre os ambientes foi feito através da análise de agrupamento ou Clúster utilizando o software Statistic, usando o diagrama da árvore, através do método de Word e a distância euclidiana.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Na tabela três consta a relação de todas as espécies e famílias coletadas e identificadas nas dez ambientes amostrados, no período de Janeiro de 2003 a Dezembro de 2004.

TABELA 3 - ESPÉCIES IDENTIFICADAS NOS DEZ AMBIENTES AMOSTRADOS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

Ordem/gênero/espécie	Família
LEPIDOPTERA	
<i>Aclytia heber</i> (Cr., 1780)	Arctiidae
<i>Agerocha eone</i> (Hueb., 1831)	Arctiidae
<i>Ammalo</i> sp.	Arctiidae
<i>Cosmosoma auge</i> (L., 1767)	Arctiidae
<i>Cosmosoma</i> sp.	Arctiidae
<i>Cratoplastis</i> sp.	Arctiidae
<i>Dysschema</i> sp.	Arctiidae
<i>Elysius conspersa</i> (Walk., 1855)	Arctiidae
<i>Eucereon rosa</i> (Walk.,1854)	Arctiidae
<i>Eucereon</i> sp.	Arctiidae
<i>Evius</i> sp.	Arctiidae
<i>Idalus agastus</i> (Dyar, 1911)	Arctiidae
<i>Opharus procroides</i> (Walk., 1855)	Arctiidae
<i>Paracles paula</i> (Schs.1896)	Arctiidae
<i>Paracles</i> sp.	Arctiidae
<i>Pericopis sacrificia</i> (Hueb., 1825)	Arctiidae
<i>Philorus rubriceps</i> (Walk., 1854)	Arctiidae
<i>Utetheisa ornatix</i> (L., 1758)	Arctiidae
<i>Colla rhodope</i> (Drury, 1780)	Bombycidae
<i>Diaphania hyalinata</i> (L., 1758)	Crambidae
<i>Bronchelia</i> sp.	Geometridae
<i>Melanchroia cephise</i> (Stoll., 1782)	Geometridae
<i>Oxydia</i> sp.	Geometridae
<i>Oxydia vesulia</i> (Cr., 1779)	Geometridae
<i>Trosia dimas</i> (Cramer, 1775)	Megalopygide
<i>Atteva pustulella</i> (F., 1787)	Noctuidae
<i>Eulepidotis</i> sp.	Noctuidae
<i>Melipotis perpendicularis</i> (Guen., 1852)	Noctuidae
<i>Micrathetis canifimbria</i> (Walk., 1866)	Noctuidae
<i>Ptichodis</i> sp.	Noctuidae
<i>Sosxetra grata</i> (Walk., 1862)	Noctuidae
<i>Chliara croesus</i> (Cr.,1780)	Notodontidae
<i>Crinodes besckei</i> (Hueb., 1824)	Notodontidae
<i>Crinodes</i> sp.	Notodontidae
continua....	

TABELA 3, Cont.

<i>Hemiceras</i> sp.	Notodontidae
<i>Rosema</i> sp.	Notodontidae
<i>Eunica</i> sp.	Nymphalidae
<i>Morpho menelaus</i> (L., 1758)	Nymphalidae
<i>Adeloneivaia subangulata</i> (H.-Sch.,1855)	Saturniidae
<i>Arsenura</i> sp.	Saturniidae
<i>Dirphia</i> sp.	Saturniidae
<i>Hylesia</i> sp.1	Saturniidae
<i>Hylesia</i> sp.3	Saturniidae
<i>Rothschildia erycina</i> (Shaw., 1796)	Saturniidae
<i>Adhemarius gannascus</i> (Stoll, 1790)	Sphingidae
<i>Neogene dinaeus</i>	Sphingidae
<i>Pholus anchemolus</i> (Cr.,1779)	Sphingidae
<i>Protambulix strigilis</i> (L., 1771)	Sphingidae
<i>Triptogon ocypete</i> L., 1758	Sphingidae
<i>Xylophanes chiron</i> (Cr., 1777)	Sphingidae
COLEOPTERA	
<i>Bolbapium</i> sp.	Bolboceratidae
<i>Xyloperthella picea</i> (Oliv., 1790)	Bostrichidae
<i>Clivina</i> sp.	Carabidae
<i>Colliuris</i> sp.	Carabidae
<i>Lebia</i> sp.	Carabidae
<i>Physeia setosa</i> (Chaud., 1868)	Carabidae
<i>Polpochila</i> sp.	Carabidae
<i>Scarites</i> sp.	Carabidae
<i>Scarithodes morio</i> (Dej., 1831)	Carabidae
<i>Hesperandra</i> sp.	Cerambycidae
<i>Germarestes rugiceps</i> (Germ., 1843)	Ceratocanthide
<i>Diabrotica</i> sp.	Chrysomelidae
<i>Diabrotica speciosa</i> (Germ., 1824)	Chrysomelidae
<i>Maecolaspis occidentalis</i> (L. 1758)	Chrysomelidae
<i>Maecolaspis perturbata</i> (Bech., 1950)	Chrysomelidae
<i>Omophoita</i> sp.	Chrysomelidae
<i>Paraulaca dives</i>	Chrysomelidae
<i>Ctenostoma</i> sp.	Cicindelidae
<i>Phaops ambitiosa</i> (Boh., 1840)	Curculionidae
<i>Phaops</i> sp.	Curculionidae
<i>Rhinostomus barbirostris</i> (Fabr., 1775)	Curculionidae
<i>Themonectus</i> sp.	Dytiscidae
<i>Anoplischius</i> sp.1	Elateridae
<i>Anoplischius</i> sp.2	Elateridae
<i>Chalcolepidius</i> sp.	Elateridae
<i>Conoderus</i> sp.	Elateridae
<i>Semiotus distinctus</i> (Hbst., 1806)	Elateridae
<i>Hydrophilus</i> sp.	Hydrophilidae
<i>Neohydrophilus politus</i> (Lap., 1840)	Hydrophilidae
<i>Tropisternus laevis</i> (Sturm., 1826)	Hydrophilidae
<i>Aspisoma</i> sp.	Lampyridae
<i>Cissites maculata</i> (Swed., 17870)	Meloidae
<i>Epicauta</i> sp.	Meloidae
<i>Pyrota</i> sp.	Meloidae
<i>Passalus</i> sp.	Passalidae
continua....	

TABELA 3, Cont.

<i>Platypus linearis</i> (Steffens, 1833)	Platypodidae
<i>Anomala</i> sp.1	Scarabaeidae
<i>Anomala</i> sp.2	Scarabaeidae
<i>Anômala</i> sp.3	Scarabaeidae
<i>Anômala</i> sp.4	Scarabaeidae
<i>Anômala undulata</i> (Melsh.,1844)	Scarabaeidae
<i>Coelosis biloba</i> (L., 1758)	Scarabaeidae
<i>Cyclocephala mecynotarsis</i> (Hohne, 1923)	Scarabaeidae
<i>Cyclocephala ohausiana</i> (Hohne, 1923)	Scarabaeidae
<i>Cyclocephala</i> sp. 2	Scarabaeidae
<i>Cyclocephala</i> sp.1	Scarabaeidae
<i>Cyclocephala</i> sp.3	Scarabaeidae
<i>Cyclocephala</i> sp.4	Scarabaeidae
<i>Cyclocephala</i> sp.5	Scarabaeidae
<i>Cyclocephala</i> sp.6	Scarabaeidae
<i>Cyclocephala</i> sp.7	Scarabaeidae
<i>Cyclocephala</i> sp.8	Scarabaeidae
<i>Digitonthophagus gazella</i> (Bates, 1887)	Scarabaeidae
<i>Dyscinetus</i> sp.1	Scarabaeidae
<i>Dyscinetus</i> sp.2	Scarabaeidae
<i>Germarostes</i> sp.	Scarabaeidae
<i>Hoplopyga multipunctata</i> (G. – P., 1833)	Scarabaeidae
<i>Ligyris</i> sp.	Scarabaeidae
<i>Macraspis</i> sp.	Scarabaeidae
<i>Neoathyreus</i> sp.	Scarabaeidae
<i>Onthophagus gazella</i>	Scarabaeidae
<i>Phyllophaga cuyabana</i> (Moser, 1918)	Scarabaeidae
<i>Phyllophaga</i> sp.	Scarabaeidae
<i>Plectris</i> sp.1	Scarabaeidae
<i>Plectris</i> sp.2	Scarabaeidae
<i>Plectris</i> sp.3	Scarabaeidae
<i>Spodochamys</i> sp.	Scarabaeidae
<i>Oxelytrum discicolle</i> (Brullé, 1840)	Silphidae
HEMIPTERA	
<i>Stenocoris</i> sp.	Alydidae
<i>Cephisus</i> sp.	Aphrophoridae
<i>Deois flavopicta</i> (Stal, 1854)	Cercopidae
<i>Deois terrea</i> (Germ., 1821)	Cercopidae
<i>Mahanarva fimbriolata</i> (Stal., 1854)	Cercopidae
<i>Mahanarva rubropicta</i> (Mel., 1915)	Cercopidae
<i>Diestostemma</i> sp.	Cicadellidae
<i>Molomea</i> sp.	Cicadellidae
<i>Polana</i> sp.	Cicadellidae
<i>Fidicina mannifera</i> (Fabr., 1803)	Cicadidae
<i>Angocoris</i> sp.	Cydnidae
<i>Pangaeus aethiops</i> (Fabr., 1787)	Cydnidae
<i>Prolobodes</i> sp.	Cydnidae
<i>Dictyophara</i> sp.	Dictyopharidae
<i>Flata</i> sp.1	Flatidae
<i>Flata</i> sp.2	Flatidae
<i>Poekilloptera phalaenoides</i> (L., 1758)	Flatidae
<i>Diareusa</i> sp.	Fulgoridae
continua....	

TABELA 3, Cont.

<i>Episcius platyrhinus</i> (Germ., 1830)	Fulgoridae
<i>Fulgora phosphorea</i> (L., 1764)	Fulgoridae
<i>Odontoptera</i> sp.	Fulgoridae
<i>Phenax variegata</i> (Olivier, 1791)	Fulgoridae
<i>Ceresa</i> sp.	Membracidae
<i>Heteronotus</i> sp.	Membracidae
<i>Hygris</i> sp.	Membracidae
<i>Hygris unicarinata</i> (Stal, 1862)	Membracidae
<i>Arocera spectabilis</i> (Drury, 1773)	Pentatomidae
<i>Edessa meditabunda</i> (Fabr., 1794)	Pentatomidae
<i>Edessa</i> sp.	Pentatomidae
<i>Loxa flavicollis</i> (Drury, 1773)	Pentatomidae
<i>Mecistorhinus</i> sp.	Pentatomidae
<i>Mormidea pictiventris</i> (Stal, 1862)	Pentatomidae
<i>Oebalus ypsilongriseus</i> (DeGeer, 1773)	Pentatomidae
<i>Piezodorus guildinii</i> (Westw., 1837)	Pentatomidae
<i>Dysdercus</i> sp.	Pyrrhocoridae
<i>Brontostoma discus</i> (Burm., 1835)	Reduviidae
<i>Brontostoma rubrum</i>	Reduviidae
<i>Brontostoma</i> sp.	Reduviidae
<i>Heza insignis</i> (Stal., 1858)	Reduviidae
<i>Pygolampis spurca</i> (Stal, 1859)	Reduviidae
<i>Rasahus hamatus</i> (Fabr., 1781)	Reduviidae
<i>Rasahus</i> sp.2	Reduviidae
<i>Rhodnius</i> sp.	Reduviidae
<i>Ricolla uspinosa</i> (L., 1767)	Reduviidae
<i>Stenopoda cinerea</i> (Lap., 1833)	Reduviidae
<i>Triatoma infestans</i> (Klug., 1834)	Reduviidae
<i>Carineta dolosa</i> (Boulard, 1985)	Tibicinidae
<i>Carineta</i> sp.1	Tibicinidae
<i>Carineta</i> sp.2	Tibicinidae
<i>Carineta</i> sp.3	Tibicinidae
<i>Carineta</i> sp.4	Tibicinidae
<i>Carineta</i> sp.5	Tibicinidae
<i>Taphura</i> sp.	Tibicinidae
DERMAPTERA	
<i>Doru luteipes</i> (Scudder)	Forficulidae
HYMENOPTERA	
<i>Eulaema</i> sp.	Apidae
<i>Eciton</i> sp.	Formicidae
<i>Neivamyrmex</i> sp.	Formicidae
<i>Paraponera</i> sp.	Formicidae
<i>Netelia</i> sp.	Ichneumonidae
<i>Megachile</i> sp.	Megachilidae
<i>Agelaia</i> sp.	Vespidae
<i>Apoica</i> sp.3	Vespidae
<i>Apoica palens</i> (Oliv., 1791)	Vespidae
<i>Apoica</i> sp.1	Vespidae
<i>Apoica</i> sp.2	Vespidae
<i>Polistes</i> sp.	Vespidae
MANTODEA	
<i>Parastagmatoptera serricornis</i> (Kirby, 1904)	Vatidae
continua....	

TABELA 3, Cont.

MEGALOPTERA	
<i>Corydalus</i> sp.	Corydalidae
ORTHOPTERA	
<i>Pasidippus</i> sp.	Acrididae

Foram coletadas em todos os ambientes amostrados 625 espécies distintas nos dois anos de coletas (Apêndice 1).

Foram coletados nas dez áreas amostradas 36.874 indivíduos nos dois anos de coletas, sendo 17.131 indivíduos em 2003 (Tabela 4) e 19.743 em 2004 (Tabela 5), todos provenientes de nove Ordens: Lepidoptera, Coleoptera, Hemiptera, Orthoptera, Mantodea, Dermaptera, Isoptera, Megaloptera e Hymenoptera.

Nos ambientes ocorreram 2.522 espécies, sendo que 1.243 espécies foram coletadas em 2003 (Tabela 4) e 1.279 em 2004 (Tabela 5).

TABELA 4 - QUANTIDADES DE ESPÉCIES E DE INDIVÍDUOS COLETADOS POR AMBIENTE NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU – MT, 2003.

Ambiente	Quantidade de Espécies	%	Quantidade de Indivíduos	%
1	180	14,48	2.317	13,53
2	182	14,64	1.267	7,40
3	110	8,85	526	3,07
4	131	10,54	1.246	7,27
5	116	9,33	1.342	7,83
6	113	9,09	1.876	10,95
7	158	12,71	2.966	17,31
8	98	7,89	2.199	12,84
9	80	6,44	1.973	11,52
10	75	6,03	1.419	8,28
Total	1.243	100,00	17.131	100,00

TABELA 5 - QUANTIDADES DE ESPÉCIES E DE INDIVÍDUOS COLETADOS POR AMBIENTE NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU – MT, 2004

Ambiente	Quantidade de Espécies	%	Quantidade de Indivíduos	%
1	135	10,55	1.930	9,78
2	142	11,10	842	4,27
3	125	9,77	1.631	8,26
4	143	11,18	2.261	11,45
5	129	10,09	2.162	10,95
6	102	7,97	1.944	9,85
7	144	11,26	2.996	15,17
8	140	10,95	1.840	9,32
9	101	7,90	2.383	12,07
10	118	9,23	1.754	8,88
Total	1.279	100,00	19.743	100,00

Quantitativamente as Ordens Coleoptera, Hemiptera e Lepidoptera foram as mais representativas (Tabela 6) nos dois anos pesquisados, sendo que Lepidoptera e Dermaptera apresenta do as menores quantidades de indivíduos coletados de 2003 para 2004, enquanto Isoptera teve o maior aumento nesse período.

TABELA 6 - QUANTIDADE DE INDIVÍDUOS COLETADOS POR ORDEM NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

Ordem	Quantidade de Indivíduos 2003	%	Quantidade de Indivíduos 2004	%
Lepidoptera	2478	14,47	315	1,6
Coleoptera	5205	30,38	9235	46,77
Hemiptera	5517	32,2	6567	33,25
Orthoptera	19	0,11	90	0,46
Mantodea	8	0,05	5	0,03
Dermaptera	2262	13,2	254	1,29
Isoptera	15	0,09	1712	8,67
Megaloptera	16	0,10	21	0,11
Hymenoptera	1611	9,4	1544	7,82
TOTAL	17.131	100,00	19.743	100,00

Nas dez áreas no período de janeiro de 2003 a dezembro de 2004, Lepidoptera, Coleoptera e Hemiptera corresponderam com 88,86 % dos insetos coletados, fato que pode estar relacionado com o tipo de armadilha utilizado nas coletas, pois se observou uma grande quantidade de espécies fototrópicos positivos. Constatou-se um aumento de valores

na quantidade de espécies no ano de 2004 em quase todas as Ordens com exceção em Lepidoptera (Tabela 7).

TABELA 7 - QUANTIDADE DE ESPÉCIES COLETADAS POR ORDEM NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU – MT, 2003 A 2004.

Ordem	Quantidade de espécies 2003	%	Quantidade de espécies 2004	%
Lepidoptera	216	43,8	39	11,71
Coleoptera	125	25,4	127	38,14
Hemiptera	108	21,9	119	35,74
Orthoptera	8	1,6	13	3,90
Mantodea	2	0,4	2	0,60
Dermaptera	1	0,2	1	0,30
Isoptera	1	0,2	1	0,30
Megaloptera	1	0,2	2	0,60
Hymenoptera	31	6,3	29	8,71
TOTAL	493	100,00	333	100,00

Os ambientes um e dois foram os mais representativos em quantidades de espécies coletados em 2003 com 14,64% e 14,48% respectivamente, enquanto que em 2004 as maiores quantidades de espécies foram encontradas nos ambientes sete com 11,26%, quatro com 11,18% e dois com 11,10%. As menores quantidades de espécies ocorreram nos ambientes dez e nove com 6,03% e 6,44 (%) respectivamente, no ano de 2003 (Figura 5).

O ambiente dois por se tratar de vegetação nativa e pouco alterada propicia um ambiente estável e rico em diversidade de espécies vegetais, podendo explicar a maior riqueza de espécies de insetos nesse ambiente. Os demais ambientes onde se observou uma maior riqueza de espécies são ambientes florestados, mas que, no entanto, possui maior diversidade de espécies quando comparada com outras áreas, também florestadas. Uma explicação provável para esse fato está na maior quantidade de árvores/área, menor espaçamento, que propicia não somente maior abundância de alimento, mas também de microclima que pode afetar favoravelmente essa maior riqueza. Segundo Nakamura et al. (2003), o maior espaçamento entre mudas deve produzir um ambiente menos propício para o estabelecimento de populações de artrópodes.

Há também trabalhos que evidenciam que áreas com estágios sucessionais menos avançados podem ser mais ricas em espécies do que em áreas conservadas (GANHO e MARINONI, 2005).

A baixa quantidade de espécies das Ordens Orthoptera, Mantodea, Dermaptera, Isoptera e Megaloptera pode ser em consequência de uso da armadilha luminosa que não apresentam bons resultados para coleta dessas Ordens ou pela época do ano em que acontece a revoada como acontece com a Ordem Isoptera.

Russel (1989) citou que diversos estudos têm demonstrado que populações de insetos herbívoros alcançam maiores níveis populacionais em agroecossistemas simples do que em diversificados. Root (1973) propôs duas teorias como possíveis explicações para este modelo: 1º hipótese dos inimigos naturais: predadores e parasitóides são mais efetivos em sistemas diversos; 2º hipótese da concentração de recursos: herbívoros especialistas encontram mais facilmente, permanecem e se reproduzem mais em monoculturas de suas plantas hospedeiras.

Mezzomo (1995) cita que no caso de parasitóides é viável supor que a manutenção de maior porção de vegetação em regeneração facilite a manutenção de maiores populações destes insetos. O aumento da diversidade e diminuição da abundância, em comunidades de lepidópteros, observada em plantios com faixa de vegetação e/ou próximos de áreas remanescentes tem sido atribuído às maiores populações de parasitóides nestas áreas.

Os experimentos realizados por Mezzomo (1995), avaliando faixas de regeneração entre talhões de eucalipto, revelaram uma maior diversidade de espécies e uma menor abundância de indivíduos por espécie, inclusive daquelas consideradas pragas primárias na eucaliptocultura. A presença de sub-bosque nas florestas de eucalipto pode apresentar semelhanças com estas áreas de borda para a ocorrência de insetos.

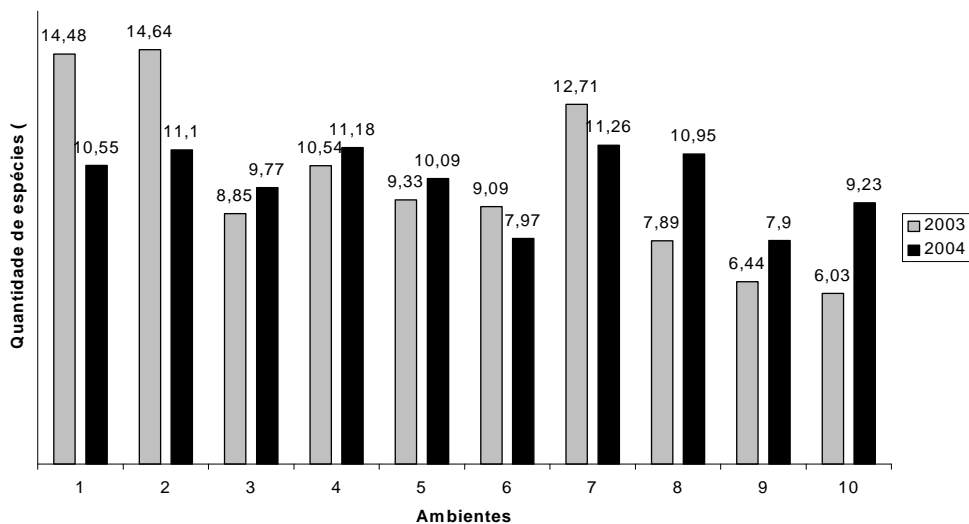


FIGURA 5 - QUANTIDADE DE ESPÉCIES POR AMBIENTE. FAZ ENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

Com relação à quantidade de indivíduos coletados, o ambiente sete foi o mais expressivo com 17,31%, em 2003, e 15,17%, em 2004, do total coletado em todos os ambientes amostrados (Figura 6).

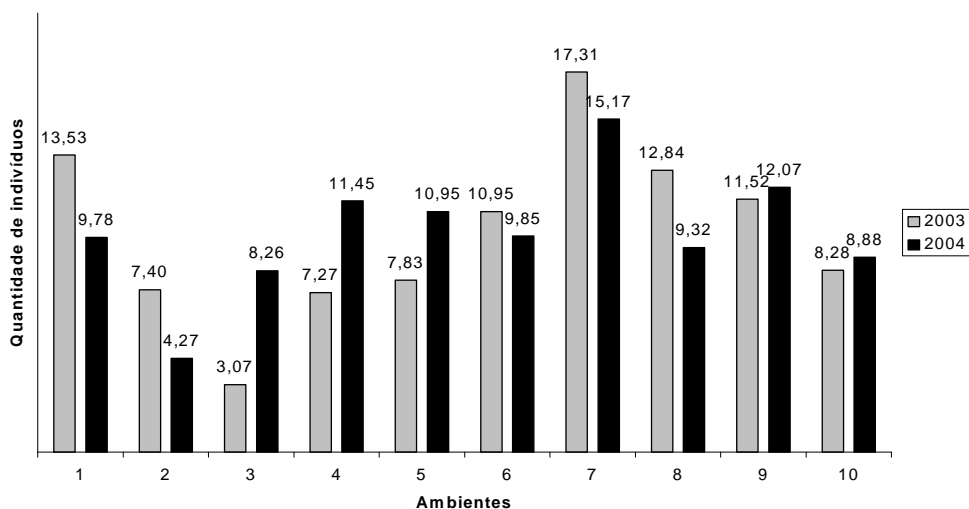


FIGURA 6 - QUANTIDADE DE INDIVÍDUOS COLETADOS EM DIFERENTES AMBIENTES. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

Os ambientes com as maiores quantidades de espécies da Ordem Lepidoptera nos dois anos estudados foram os ambientes um, em

2003, e oito em 2004, com 18,84% e 14,89%, respectivamente. As menores quantidades de espécies dessa Ordem foram encontradas nos ambientes nove, com 1,86% em 2003 e dois com 5,32% em 2004 (Figura 7).

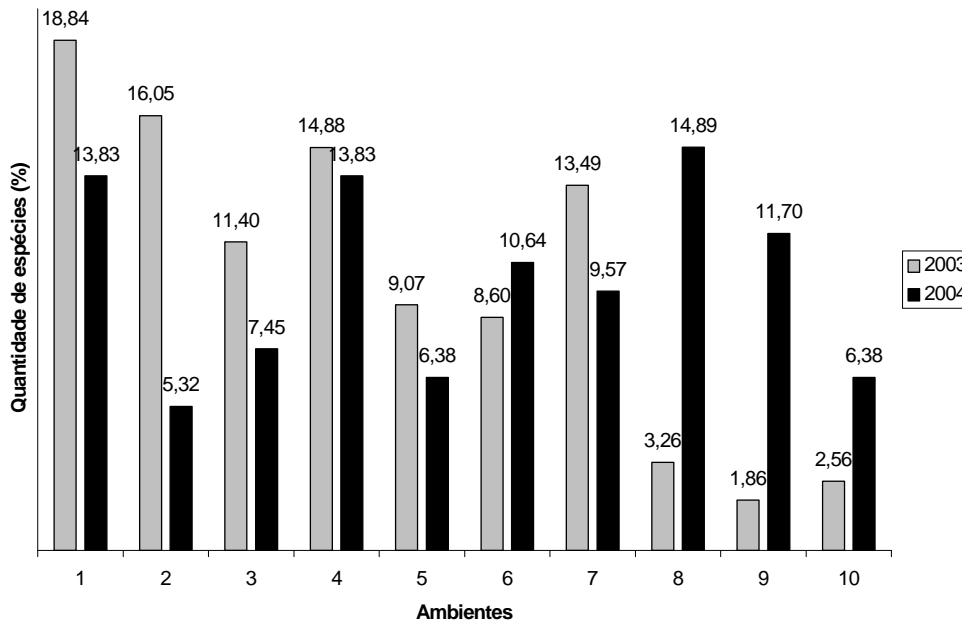


FIGURA 7 - QUANTIDADE DE ESPÉCIES (%) DA ORDEM LEPIDOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZ ENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

A maior quantidade de espécies da Ordem Coleoptera, em todos os ambientes, nos dois anos estudados foi o ambiente dois, em 2003 com 19,96%. A menor quantidade de espécie dessa Ordem foi encontrada no ambiente três, com 5,23% no ano de 2003 (Figura 8).

Com relação à quantidade de espécies coletada da Ordem Hemiptera, nos dois anos de estudo, o ambiente sete no ano de 2003 foi o mais expressivo com 13,29%, sendo que o menos expressivo foi o ambiente quatro com 6,04 (%), em 2003 (Figura 9).

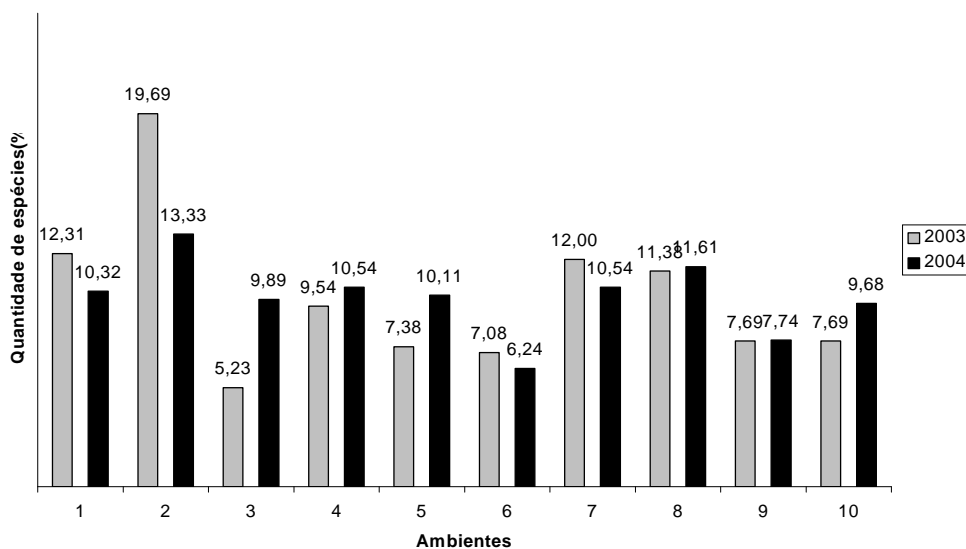


FIGURA 8 - QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM COLEOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTR IGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

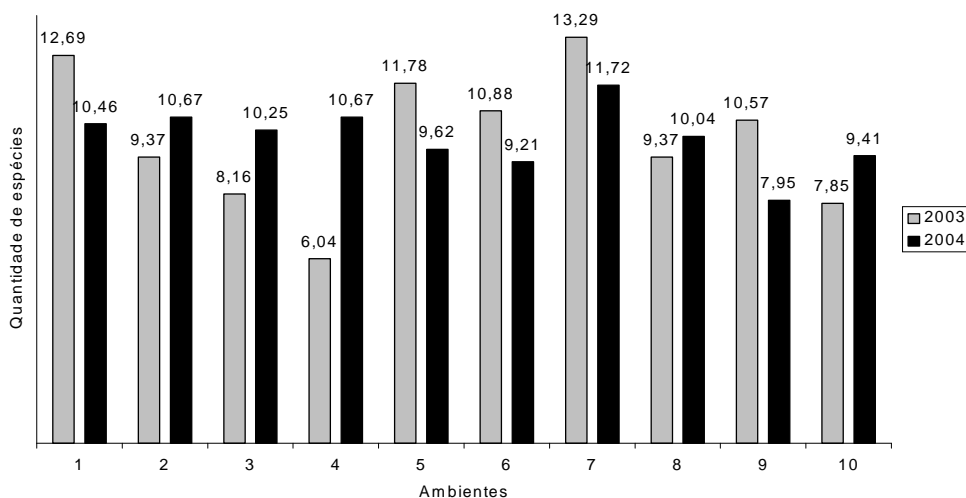


FIGURA 9 - QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM HEMIPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTR IGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

Os ambientes com as maiores quantidades de espécies da Ordem Hymenoptera nos dois anos estudados foram os ambientes cinco, em 2004, e sete, em 2003, com 13,25% e 12,20% respectivamente. As menores quantidades de espécies da Ordem Hymenoptera foram encontradas nos ambientes nove, com 7,32% e 7,23% nos anos de 2003 e 2004, respectivamente (Figura 10).

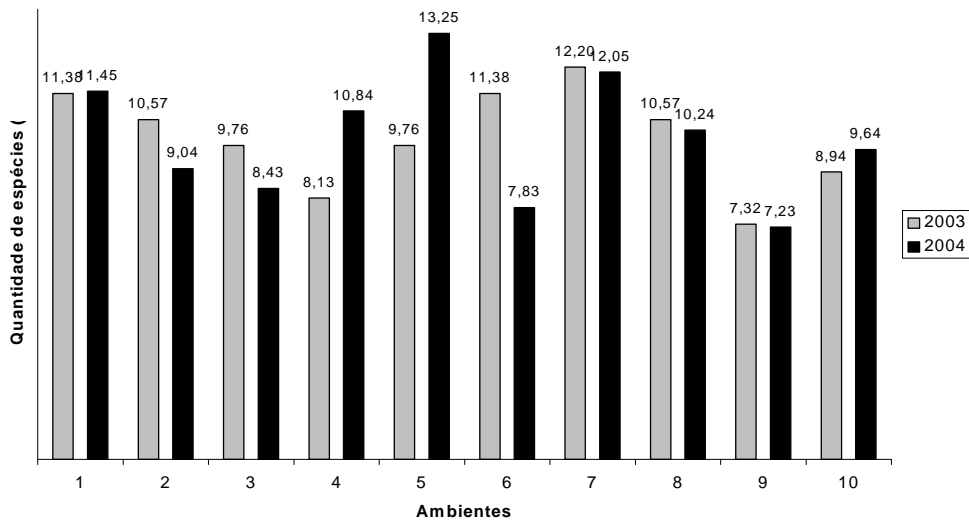


FIGURA 10 - QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM HYMENOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

O ambiente com a maior quantidade de espécies da Ordem Orthoptera nos dois anos estudados foi o ambiente quatro com 33,33% e 20,00%, nos anos de 2003 e 2004 respectivamente. Nos ambientes seis e sete no ano de 2003 não foram encontradas espécies dessa Ordem (Figura 11).

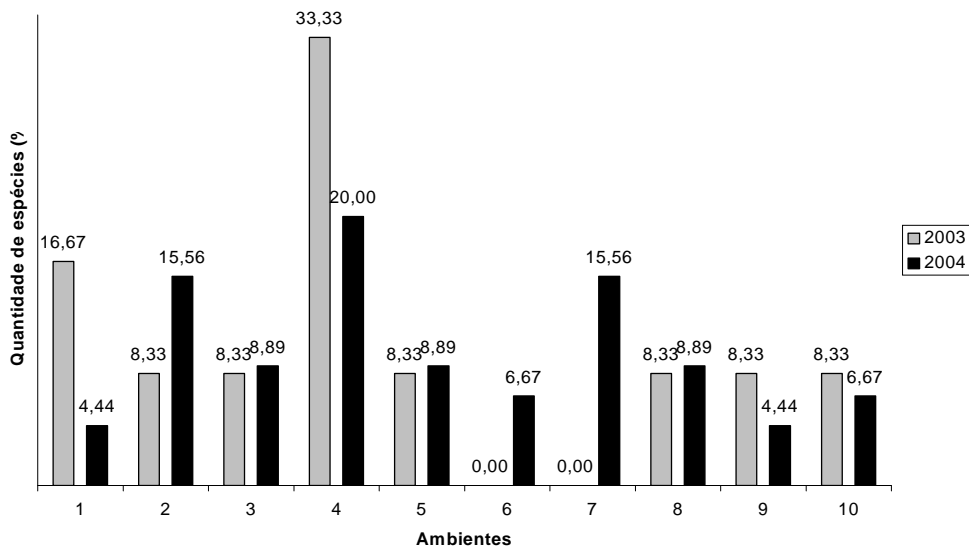


FIGURA 11 - QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM ORTHOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

A maior quantidade de espécie de Mantodea nos dois anos estudados, foi coletada no ambiente seis, com 50% no ano de 2003. Nos ambientes um, quatro, oito, nove e dez não foram coletadas espécies dessa Ordem (Figura 12).

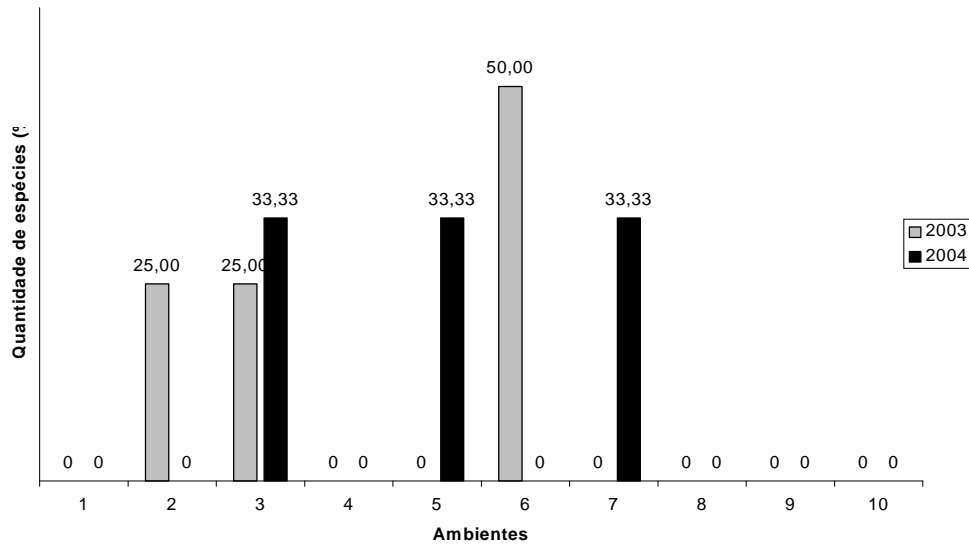


FIGURA 12 - QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM MANTODEA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

A quantidade de espécies da Ordem Dermaptera foi igual em todos os ambientes amostrados e durante os dois anos de coletas, ocorrendo apenas uma espécie comum nesses ambientes (“singleton”).

As maiores quantidades de espécies da Ordem Isoptera, nos dois anos estudados, foram coletadas nos ambientes dois e três, ambos com 50% em 2003. O ambiente sete não apresentou espécies coletada da Ordem Isoptera (Figura 13).

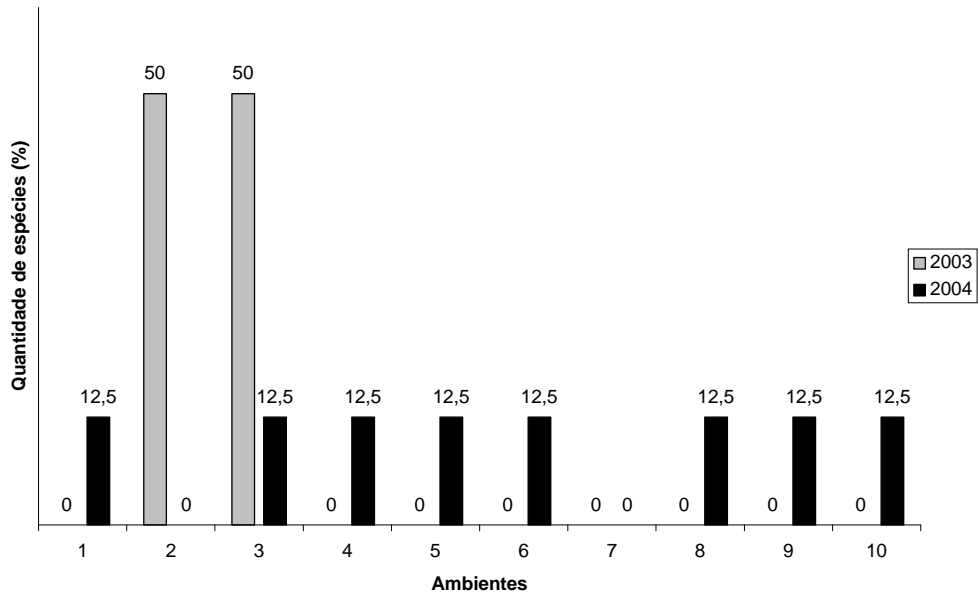


FIGURA 13 - QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM ISOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

As maiores quantidades de espécies da Ordem Megaloptera, foi constatada no ambiente três no ano de 2004, ocorrendo uma elevação na quantidade em relação ao ano anterior de coleta, aumento também verificado nos ambientes um, cinco, seis e dez (Figura 14).

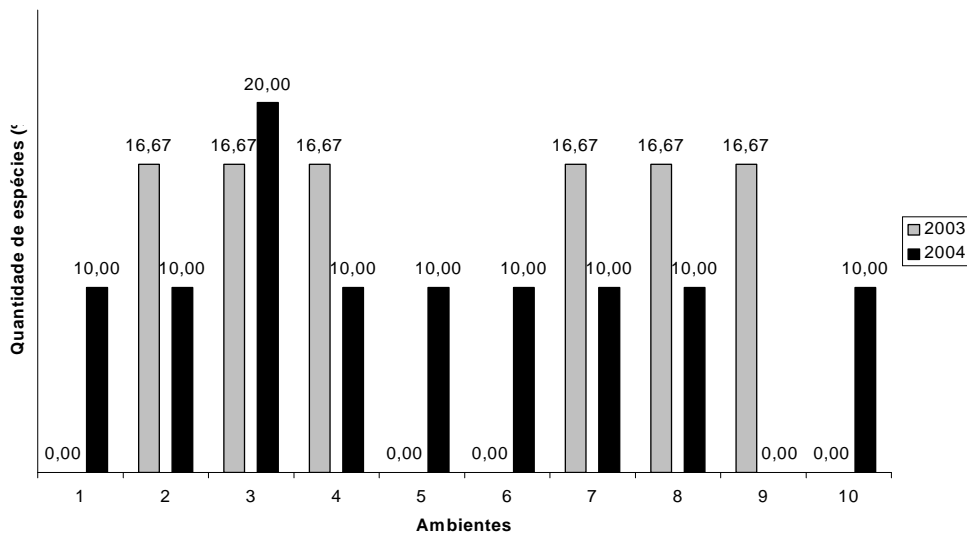


FIGURA 14 - QUANTIDADE DE ESPÉCIES DA ORDEM MEGALOPTERA EM TODOS OS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2003 A 2004.

4.2 ANÁLISE FAUNÍSTICA DO PERÍODO DE 2003

Através do método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente um: 32 espécies dominantes e 54 não dominantes. Enquanto que pelo método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 24 espécies dominantes e 62 não dominantes. Quanto à abundância, ocorreram dez espécies muito abundantes, 26 espécies comuns, 22 dispersas e 28 espécies raras. No cálculo da frequência ocorreram dez espécies muito frequentes, 26 frequentes e 50 poucos frequentes. Com relação à constância, três espécies foram constantes, 14 acessórias e 69 acidentais (Tabela 8).

No ambiente um a espécie *Platypus linearis* (Coleoptera) foi a mais representativa com 674 indivíduos, destacando-se como dominante, muito abundante, muito frequente e constante (Tabela 8).

TABELA 8 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE UM, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU -MT, 2003.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Agerocha esne</i>	17	D	D	c	F	Z
<i>Arctiidae paracles</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Atteva pustulella</i>	13	D	D	c	F	Z
<i>Chliara croesus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cosmosoma auge</i>	6	D	ND	c	F	Z
<i>Crinodes sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Elysius conspersa</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Eucereon sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Euceron rosa</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Eunica sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Evius sp.</i>	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Hylesia sp.3</i>	77	D	D	ma	MF	Z
<i>Neogene dinaeus</i>	13	D	D	c	F	Z
<i>Oxydia vesulia</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paracles paula</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
continua...						

TABELA 8, Cont.

<i>Pseudosphex</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Rosema</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rothschildia ericyna</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Saurita sericea</i>	37	D	D	ma	MF	Z
<i>Sosxetra grata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Trosia Dimas</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.1	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Anomala</i> sp.2	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Bolbapium</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Coelosis biloba</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala ohausiana</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.1	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.8	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Diabrotica</i> sp.	10	D	ND	c	F	Y
<i>Diabrotica speciosa</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	163	D	D	ma	MF	W
<i>Dyscinetus</i> sp.2	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Germarestes rugiceps</i>	6	D	ND	c	F	Z
<i>Germarostes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hesperandra</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Macraspis</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Maescolaspis perturbata</i>	17	D	D	c	F	Z
<i>Neoathyrus</i> sp.	20	D	D	c	F	Y
<i>Paraulaca dives</i>	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Passalus</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Y
<i>Phaops</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Physea setosa</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	674	D	D	ma	MF	Y
<i>Plectris</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polpochila</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	20	D	D	c	F	Y
<i>Tropisternus laevis</i>	13	D	D	c	F	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	25	D	D	ma	MF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	13	D	D	c	F	W
<i>Brontostoma</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.1	3	ND	ND	d	PF	Y
<i>Carineta</i> sp.2	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Cephius</i> sp.	7	D	ND	c	F	Y
<i>Ceresa</i> sp.	11	D	ND	c	F	Z
<i>Ctenotrachelus</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	32	D	D	ma	MF	Y
continua....						

TABELA 8, Cont.

<i>Deois terrea</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Dictiophara</i> sp.	14	D	D	c	F	Y
<i>Dysdercus</i> sp.	13	D	D	c	F	Z
<i>Edessa</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	24	D	D	ma	MF	Y
<i>Molomea</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Odontoptera</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	21	D	D	c	F	Y
<i>Pangaeus aethiops</i>	9	D	ND	c	F	Z
<i>Piezodorus guildinii</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	299	D	D	ma	MF	W
<i>Prolobodes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus hamatus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp. 1	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	13	D	D	c	F	Y
<i>Thaphura</i> sp.	7	D	ND	c	F	Z
<i>Triatoma infestans</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Apoica</i> sp.1	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.2	16	D	D	c	F	Y
<i>Apoica</i> sp.3	6	D	ND	c	F	Z
<i>Eciton</i> sp.	41	D	D	ma	MF	Z
<i>Eulaema</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	13	D	D	c	F	Z
<i>Netelia</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Polistes</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	60	D	D	ma	MF	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Com base no método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente dois: 23 espécies dominantes, 67 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 21 espécies dominantes e 69 não dominantes. Quanto a abundância, 12 espécies foram muito abundantes, dois abundantes, 22 comuns, sete dispersas e 47 espécies raras. De acordo com a frequência, ocorreram 14 espécies muito frequentes, 22 frequentes e 54 pouco frequentes. Com relação à constância, uma espécie foi constante, dez foram acessórias e 79 acidentais (Tabela 9).

No ambiente dois, *D. luteipes* foi a mais representativa com 310 indivíduos, destacando-se como dominante, muito abundante, muito frequente e constante, seguida de *P. linearis* com 160 indivíduos, que ocorreu como dominante para ambos os métodos, muito abundante, muito frequente e acidental (Tabela 9). A espécie *D. luteipes* é considerada uma espécie bioindicadora ambiental, por ser predadora de muitas espécies de insetos que são abundantes em ambientes equilibrados.

TABELA 9 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE DOIS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU -MT, 2003.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Aclytia heber</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Agerocha esne</i>	51	D	D	ma	MF	Z
<i>Atteva pustulella</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Bronchelia</i> sp.	8	D	D	c	F	Z
<i>Chliara croesus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Correbidia</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cosmosoma auge</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Crinodes</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dirphia</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Euceron rosa</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Eunica</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.3	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Idalus agastus</i>	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Idalus heróis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Morpho menelaus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oxydia</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oxydia vesuliata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paracles paula</i>	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Philorus rubriceps</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Protambulix strigilis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Saurita sericea</i>	13	D	D	ma	MF	Z
<i>Trosia Dimas</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
continua....						

TABELA 9, Cont.

COLEOPTERA

<i>Anomala</i> sp.1	26	D	D	ma	MF	Y
<i>Anomala</i> sp.3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Anomala undulata</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Anoplischius</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Anoplischius</i> sp.2	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Claeoderes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Clivina</i> sp.	21	D	D	ma	MF	Z
<i>Conoderus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ctenostoma</i> sp.	4	ND	ND	c	F	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.1	4	ND	ND	c	F	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.2	3	ND	ND	d	PF	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.5	24	D	D	ma	MF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.6	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	7	D	D	c	F	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Germarestes rugiceps</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Germarostes</i> sp.	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Macraspis</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Y
<i>Maecolaspis occidentalis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neoathyrus</i> sp.	21	D	D	ma	MF	Y
<i>Neohydrophilus politus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paraulaca dives</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Passalus</i> sp.	11	D	D	a	MF	W
<i>Phyllophaga cuyabana</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Phyllophaga</i> sp.	12	D	D	ma	MF	Z
<i>Physeia setosa</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platydema</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	60	D	D	ma	MF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	6	D	ND	c	F	Y
<i>Plectris</i> sp.2	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.3	4	ND	ND	c	F	Z
<i>Polpochila</i> sp.	6	D	ND	c	F	Z
<i>Rhinostomus barbiostris</i>	4	ND	ND	c	F	Z
<i>Sirigidia</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Spodochamys</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Temnochila</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisternus laevis</i>	7	D	D	c	F	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	12	D	D	ma	MF	Z

continua....

TABELA 9, Cont.

<i>Xyloperthella picea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Brontostoma rubrum</i>	7	D	D	c	F	Y
<i>Carineta dolosa</i>	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Carineta</i> sp.2	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	9	D	D	c	F	Y
<i>Dictiophara</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Diestostemma</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Domitia</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Edessa</i> sp.	4	ND	ND	c	F	Z
<i>Fulgora phosphorea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	41	D	D	ma	MF	Y
<i>Mecistorhinus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Odontoptera</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	8	D	D	c	F	Z
<i>Poekilloptera phalaenoides</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	4	ND	ND	c	F	Z
<i>Thaphura</i> sp.	10	D	D	c	F	Y
HYMENOPTERA						
<i>Apoica palens</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.1	11	D	D	a	MF	Z
<i>Apoica</i> sp.2	33	D	D	ma	MF	Y
<i>Neivamyrmex</i> sp.	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Paraponera</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polistes</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
MANTODEA						
<i>Parastagmatophera serricomis</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteips</i>	310	D	D	ma	MF	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) accidental.

Considerando o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente três: 12 espécies dominantes e 44 não dominantes. Pelo método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 15 espécies dominantes e 41 não dominantes. Nesta área, de acordo com a abundância, nove

espécies foram muito abundantes, duas abundantes, seis comuns, dez dispersas e 29 raras. De acordo com a Frequência, ocorreram 11 espécies muito freqüentes, seis freqüentes e 39 pouco freqüentes. Com relação à constância, duas espécies foram constantes, uma acessórias e 53 acidentais (Tabela 10).

No ambiente três, no ano de 2003, a espécie *D. luteips* com 67 indivíduos, ocorrendo como dominante, muito abundante, muito freqüente e acidental (Tabela 10).

TABELA 10 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE TRÊS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Adhemarius gannascus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Agerocha esne</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Atteva pustulella</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cratoplastis</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Crinodes besckei</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Euceron rosa</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Evius</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hemiceras</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.3	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Neogene dinaeus</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Paracles paula</i>	4	ND	ND	c	F	Z
<i>Saurita sericea</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Triptogon ocypete</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Trosia Dimas</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Xylophanes chiron</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Cyclocephala ohausiana</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.6	5	ND	D	c	F	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.8	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	7	D	D	a	MF	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	8	D	D	ma	MF	Z
<i>Neoathyrus</i> sp.	6	D	D	c	F	Z
<i>Physea setosa</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	10	D	D	ma	MF	Z
continua...						

TABELA 10, Cont.

<i>Plectris</i> sp.1	5	ND	D	c	F	Z
<i>Plectris</i> sp.2	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Rhinostomus barbiostris</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Xyloperthella picea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma discus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	21	D	D	ma	MF	W
<i>Carineta</i> sp.4	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois térrea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dictiophara</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dysdercus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oebalus ypsilon</i>	48	D	D	ma	MF	W
<i>Pangaeus aethiops</i>	7	D	D	a	MF	Z
<i>Polana</i> sp.	8	D	D	ma	MF	Y
<i>Prolobodes</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ricolla spinosa</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Carineta dolosa</i>	4	ND	ND	c	F	Z
<i>Carineta</i> sp.3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Flata</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ignis</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Apoica palens</i>	5	ND	D	c	F	Z
<i>Apoica</i> sp.1	11	D	D	ma	MF	Z
<i>Apoica</i> sp.2	14	D	D	ma	MF	Z
<i>Apoica</i> sp.3	21	D	D	ma	MF	Z
<i>Eciton</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
MANTODEA						
<i>Parastagmatophera serricomis</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	67	D	D	ma	MF	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Conforme o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente quatro: 20 espécies dominantes e 44 não dominantes, enquanto pelo método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 16 espécies dominantes e 48 não dominantes. Nesta área de acordo com a abundância, 11 espécies muito abundantes, nove espécies comuns, oito dispersas e 36 espécies raras. Segundo a Frequência, ocorreram 11 espécies muito freqüentes, nove freqüentes e 44 pouco freqüentes. Com relação à constância, quatro espécies foram acessórias e 60 acidentais (Tabela 11).

No ambiente quatro a espécie *D. luteips*, foi a mais representativa com 175 indivíduos, destacando-se como dominante, muito abundante, muito freqüente e acidental (Tabela 11).

TABELA 11 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE QUATRO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Agerocha esne</i>	65	D	D	ma	MF	Z
<i>Ammalo</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Atteva pustulella</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Automeris</i> SP	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Correbidia</i> sp.	11	D	D	c	F	Z
<i>Cosmosoma auge</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cosmosoma</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dirphia</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Euceron rosa</i>	26	D	D	ma	MF	Y
<i>Eulepidotis</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Evius</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.3	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Idalus agastus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neogene dinaeus</i>	11	D	D	c	F	Z
<i>Opharus procoide</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paracles paula</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
continua....						

TABELA 11, Cont.

<i>Pholus anchemolus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Pseudosphex</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rothschildia ericyna</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Saurita sericea</i>	47	D	D	ma	MF	Z
<i>Utetheisa ornatrix</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Cissites maculata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.8	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Germarostes</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hydrophilus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ligyris</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Maecolaspis perturbata</i>	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Neoathyrus</i> sp.	8	D	ND	c	F	Y
<i>Paraulaca dives</i>	35	D	D	ma	MF	Z
<i>Passalus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Phaops ambitiosa</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	146	D	D	ma	MF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	6	D	ND	c	F	Z
<i>Plectris</i> sp.2	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.3	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Xyloperthella picea</i>	5	ND	ND	d	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Brontostoma rubrum</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Edessa</i> sp.	7	D	ND	c	F	Z
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	60	D	D	ma	MF	Y
<i>Rasahus</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Arocera spectabilis</i>	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.4	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ctenotrachelus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Dictiophara</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dysdercus</i> sp.	12	D	D	c	F	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	54	D	D	ma	MF	Z
<i>Mornudia pictiventris</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Pangaeus aethiops</i>	10	D	D	c	F	Z
continua....						
<i>Polana</i> sp.	144	D	D	ma	MF	Y
continua....						

TABELA 11, Cont.

<i>Rhodnius</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	17	D	D	ma	MF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Apoica</i> sp.1	31	D	D	ma	MF	Z
<i>Apoica</i> sp.3	7	D	ND	c	F	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	11	D	D	c	F	Z
<i>Netelia</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
ORTHOPTERA						
<i>Pasidippus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteips</i>	175	D	D	ma	MF	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Segundo o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente cinco: 21 espécies dominantes, 44 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 14 espécies dominantes e 51 não dominantes. Ocorrendo nesta área de acordo com a abundância, oito espécies muito abundantes, 13 espécies comuns, quatro dispersas e 40 espécies raras. Segundo a Frequência, ocorreram oito espécies muito freqüentes, 13 freqüentes e 44 pouco freqüentes. Com relação à constância, uma espécie foi constante, seis foram acessórias e 58 acidentais (Tabela 12).

No ambiente cinco *D. luteips* foi a mais representativa com 280 indivíduos e ocorrendo como dominante, muito abundante, muito freqüente e acidental, seguida da espécie *Oebalus ypsilongriseus* com 166 indivíduos que ocorreu como dominante, muito abundante, muito freqüente e acessória (Tabela 12).

TABELA 12 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE CINCO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU - MT, 2003.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Agerocha esne</i>	12	D	D	c	F	Z
<i>Ambrylis</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Atteva pustulella</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cosmosoma auge</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dirphia</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Eucereon</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Euceron rosa</i>	15	D	D	c	F	Z
<i>Evius</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.3	9	D	ND	c	F	Y
<i>Neogene dinaeus</i>	6	D	ND	c	F	Y
<i>Oxydia vesuliata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Pseudosphex</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Saurita sericea</i>	17	D	D	c	F	Y
<i>Sosxetra grata</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Trosia Dimas</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Anomala</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Anomala</i> sp.4	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Bolbapium</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ctenostoma</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.5	6	D	ND	c	F	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.6	6	D	ND	c	F	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	20	D	D	ma	MF	Z
<i>Germarostes</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hesperandra</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hydrophilus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neoathyrus</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Paraulaca dives</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Passalus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Physea setosa</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
continua....						

TABELA 12, Cont.

<i>Plectris</i> sp.1	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.3	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	23	D	D	ma	MF	W
<i>Dysdercus</i> sp.	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Edessa</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oebalus ypsilon</i>	166	D	D	ma	MF	Y
<i>Pangaeus aethiops</i>	11	D	ND	c	F	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	8	D	ND	c	F	Y
<i>Carineta dolosa</i>	36	D	D	ma	MF	Z
<i>Carineta</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.4	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	12	D	D	c	F	Y
<i>Deois térrea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dictiophara</i> sp.	66	D	D	ma	MF	Z
<i>Diestostemma</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Flata</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Heza insignis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	13	D	D	c	F	Z
<i>Phenax variegata</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	39	D	D	ma	MF	Z
<i>Rasahus</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Apoica palens</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.	14	D	D	c	F	Z
<i>Apoica</i> sp.1	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.2	40	D	D	ma	MF	Z
<i>Eciton</i> sp.	7	D	ND	c	F	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	280	D	D	ma	MF	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Através do método de Laroca e Mielke (1975) observou-se no ambiente seis: 20 espécies dominantes, 35 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram dez espécies dominantes e 45 não dominantes. Ocorrendo nesta área de acordo com a abundância, sete espécies muito abundantes, uma abundante, oito espécies comuns, três dispersas e 36 espécies raras. Segundo a Frequência, ocorreram oito espécies muito freqüentes, oito freqüentes e 39 pouco freqüentes. Com relação à constância, duas espécies foram constantes, quatro acessórias, 49 acidentais (Tabela 13).

No ambiente seis a espécie *O. ypsilon* foi a mais representativa com 253 indivíduos coletados e ocorreu como dominante, muito abundante, muito freqüente e constante, seguido de *P. linearis*, com 153 indivíduos, que ocorreu como dominante, muito abundante, muito freqüente e acidental (Tabela 13).

Silva et al. (1968), relata que a espécie *O. ypsilon* é uma praga típica da cultura do arroz na região central do Brasil, atacando muitas espécies de gramíneas, dentre elas as do gênero *Brachiaria* sp., presente em grande quantidade neste ambiente.

TABELA 13 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE SEIS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU -MT, 2003.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Agerocha esne</i>	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Bronchelia</i> sp.	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Colla rhodope</i>	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Crinodes besckei</i>	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Dysschema</i> sp.	2 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Hylesia</i> sp.3	3 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Neogene dinaeus</i>	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Pericopis sacrifica</i>	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Pilocrocis lauralis</i>	3 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Pseudosphex</i> sp.	2 ND	ND	r	PF	Z	
continua....						

TABELA 13, Cont.

<i>Rothschildia ericyna</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Trosia Dimas</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Bolbapium</i> sp.	7	D	ND	d	PF	Z
<i>Claeoderes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	14	D	ND	c	F	Y
<i>Maecolaspis occidentalis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Maecolaspis perturbata</i>	11	D	ND	c	F	Z
<i>Neoathyrus</i> sp.	10	D	ND	c	F	Z
<i>Paraulaca dives</i>	62	D	D	ma	MF	Z
<i>Passalus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Phaops</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	153	D	D	ma	MF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	18	D	D	c	F	Z
<i>Plectris</i> sp.2	15	D	ND	c	F	Z
<i>Rhinostomus barbiostris</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisternus laevis</i>	66	D	D	ma	MF	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	90	D	D	ma	MF	Z
HEMIPTERA						
<i>Brontostoma discus</i>	7	D	ND	d	PF	Y
<i>Brontostoma rubrum</i>	4	ND	ND	r	PF	Y
<i>Carineta</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois terrea</i>	6	D	ND	r	PF	Z
<i>Dictiophara</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dysdercus</i> sp.	26	D	D	a	MF	Z
<i>Edessa</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Metaleptera</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	253	D	D	ma	MF	W
<i>Pangaeus aethiops</i>	11	D	ND	c	F	Y
<i>Polana</i> sp.	85	D	D	ma	MF	W
<i>Prolobodes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	11	D	ND	c	F	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Mahanarva rubropicta</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.1	20	D	D	c	F	Z
<i>Apoica</i> sp.2	4	ND	ND	r	PF	Z
continua....						

TABELA 13, Cont.

<i>Apoica</i> sp.3	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Eciton</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Megachile</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	8	D	ND	d	PF	Z
<i>Paraponera</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
MANTODEA						
<i>Parastigmatophera serricomis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteips</i>	140	D	D	ma	MF	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Conforme o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente sete: 32 espécies dominantes, 47 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 12 espécies dominantes e 67 não dominantes. Ocorrendo nesta área de acordo com a abundância, sete espécies muito abundantes, 15 espécies comuns, dez dispersas e 47 espécies raras. Segundo a Frequência, ocorreram sete espécies muito freqüentes, 15 freqüentes e 57 pouco freqüentes. Com relação à constância, duas espécies foram constantes, 12 acessórias e 65 acidentais (Tabela 14).

Quantitativamente no ambiente sete *P. linearis*, foi a mais representativa com 528 indivíduos, ocorrendo como dominante, muito abundante, muito freqüente e constante, seguido de *D. luteips*, com 250 indivíduos, que ocorreu como dominante, muito abundante, muito freqüente e acidental (Tabela 14).

TABELA 14 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE SETE, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Aclytia heber</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Agerocha esne</i>	20	D	D	c	F	Z
<i>Atteva pustulella</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Correbidia</i> sp.	5	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cosmosoma auge</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Diaphania hyalinata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Elysium conspersa</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Euceron rosa</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Evius</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Melanchroia cephise</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Melipotis perpendicularis</i>	12	D	ND	c	F	Z
<i>Micrathetis canifimbria</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neogene dinaeus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Pilocrocis lauralis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ptichodis</i> sp.	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rothschildia ericyna</i>	5	ND	ND	r	PF	Y
<i>Saurita sericea</i>	33	D	D	ma	MF	Z
<i>Trosia Dimas</i>	7	D	ND	d	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Anomala undulata</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Bolbapium</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ctenostoma</i> sp.	12	D	ND	c	F	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.1	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.5	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	10	D	ND	c	F	Y
<i>Dyscinetus</i> sp.2	12	D	ND	c	F	Z
<i>Germarostes</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ligyris</i> sp.	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Maecolaspis perturbata</i>	52	D	D	ma	MF	Z
<i>Neothyris</i> sp.	27	D	D	c	F	Y
continua....						

TABELA 14, Cont.

<i>Neohydrophillus politus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paraulaca dives</i>	23	D	D	c	F	Y
<i>Passalus</i> sp.	12	D	ND	c	F	Z
<i>Phyllophaga cuyabana</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Physeia setosa</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	528	D	D	ma	MF	W
<i>Plectris</i> sp.1	8	D	ND	d	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.2	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polpochila</i> sp.	8	D	ND	d	PF	Z
<i>Semiotus distinctus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisternus laevis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	6	D	ND	d	PF	Y
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	9	D	ND	c	F	Y
<i>Carineta dolosa</i>	16	D	ND	c	F	Z
<i>Carineta</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.2	12	D	ND	c	F	Z
<i>Cephius</i> sp.	7	D	ND	d	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	32	D	D	ma	MF	Y
<i>Diareusa</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dysdercus</i> sp.	7	D	ND	d	PF	Z
<i>Edessa</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Fidicina mannifera</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Flata</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	75	D	D	ma	MF	W
<i>Pangaeus aethiops</i>	22	D	D	c	F	Y
<i>Polana</i> sp.	217	D	D	ma	MF	Y
<i>Prolobodes</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Pygolampis spurca</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus hamatus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	4	ND	ND	r	PF	Y
<i>Stenopoda cinerea</i>	11	D	ND	c	F	Y
<i>Thaphura</i> sp.	5	ND	ND	r	PF	Z
<i>Triatoma infestans</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica palens</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.1	15	D	ND	c	F	Z
continua....						

TABELA 14, Cont.

<i>Apoica</i> sp.2	22	D	D	c	F	Z
<i>Apoica</i> sp.3	7	D	ND	d	PF	Z
<i>Eciton</i> sp.	6	D	ND	d	PF	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	8	D	ND	d	PF	Z
<i>Netelia</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	6	D	ND	d	PF	Y
DERMAPTERA						
<i>Doru luteips</i>	250	D	D	ma	MF	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

De acordo com o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente oito: 25 espécies dominantes, 34 não dominantes. Pela análise através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram nove espécies dominantes e 50 não dominantes. Quanto a abundância, ocorreram quatro espécies muito abundantes, 15 comuns, oito dispersas e 32 raras. De acordo com a Frequência, quatro espécies foram muito freqüentes, 15 freqüentes e 40 pouco freqüentes. Em relação à constância, seis acessórias, 53 acidentais (Tabela 15).

Em relação à quantidade de espécimes coletados na área oito, *D. luteips* foi a mais representativa com 485 indivíduos, ocorrendo como dominante, muito abundante, muito freqüente e acidental, seguida da espécie *P. linearis*, com 410 indivíduos, que ocorreu como dominante, muito abundante, muito freqüente e acidental (Tabela 15).

TABELA 15 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE OITO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU -MT, 2003.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Aclytia heber</i>	10	D	ND	c	F	Z
continua....						

TABELA 15, Cont.

<i>Ambrylis</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Euceron</i> <i>rosa</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Pseudosphex</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Saurita</i> <i>sericea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.1	17	D	ND	c	F	Z
<i>Colliuris</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Conoderus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ctenostoma</i> sp.	6	D	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.2	20	D	ND	c	F	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.5	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Diabrotica</i> <i>speciosa</i>	14	D	ND	c	F	Y
<i>Digitonthophagus</i> <i>gazela</i>	10	D	ND	c	F	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	9	D	ND	c	F	Z
<i>Germarostes</i> sp.	8	D	ND	d	PF	Z
<i>Hydrophilus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Lebia</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ligyris</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Macraspis</i> sp.	8	D	ND	d	PF	Z
<i>Maecolaspis</i> <i>occidentalis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Maecolaspis</i> <i>perturbata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paraulaca</i> <i>dives</i>	11	D	ND	c	F	Y
<i>Passalus</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Physeia</i> <i>setosa</i>	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Platydema</i> sp.	7	D	ND	d	PF	Z
<i>Platypus</i> <i>linearis</i>	410	D	D	ma	MF	Z
<i>Plectris</i> sp.2	45	D	D	ma	MF	Z
<i>Polpochila</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Scarites</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Oebalus</i> <i>ypsilongriseus</i>	35	D	D	c	F	Y
<i>Arocera</i> <i>spectabilis</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma</i> <i>discus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma</i> <i>rubrum</i>	6	D	ND	d	PF	Z
<i>Carineta</i> <i>dolosa</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.2	32	D	D	c	F	Z
<i>Ctenotrachelus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois</i> <i>flavopicta</i>	33	D	D	c	F	Z
<i>Dictiophara</i> sp.	198	D	D	ma	MF	Y
<i>Dysdercus</i> sp.	29	D	D	c	F	Z

continua....

TABELA 15, Cont.

<i>Edessa</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Pangaeus aethiops</i>	10	D	ND	c	F	Z
<i>Piezodorus guildinii</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Prolobodes</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus hamatus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.1	6	D	ND	d	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.2	25	D	D	c	F	Y
<i>Apoica</i> sp.3	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	17	D	ND	c	F	Y
<i>Netelia</i> sp.	14	D	ND	c	F	Z
<i>Paraponera</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipis</i>	485	D	D	ma	MF	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Conforme o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente nove: 21 espécies dominantes, 27 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram dez espécies dominantes e 38 não dominantes. Nesta área de acordo com a abundância, quatro espécies foram muito abundante, 11 espécies comuns e nove dispersas e 24 espécies raras. Segundo a Frequência, ocorreram quatro espécies muito freqüentes, 11 freqüentes e 33 pouco freqüentes. Com relação à constância, nove espécies foram a acessórias e 39 acidentais (Tabela 16).

Em relação ao número de espécimes coletados na área nove, a espécie *Polana* sp. com 420 indivíduos, ocorreu como dominante, muito

abundante, muito freqüente e acessória, a segunda mais representativa, foi *O. ypsilongriseus*, com 333 indivíduos, ocorreu como dominante, muito abundante, muito freqüente e acessória (Tabela 16).

TABELA 16 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE NOVE, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Agerocha esne</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Idalus agastus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Saurita sericea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Coelosis biloba</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	11	D	ND	c	F	Z
<i>Ligyris</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neoathyrus</i> sp.	36	D	D	c	F	Y
<i>Omophoita</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paraulaca dives</i>	33	D	D	c	F	Y
<i>Passalus</i> sp.	10	D	ND	c	F	Z
<i>Physea setosa</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polpochila</i> sp.	7	D	ND	d	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisternus laevis</i>	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	6	D	ND	d	PF	Z
<i>Brontostoma discus</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	30	D	D	c	F	Y
<i>Carineta dolosa</i>	12	D	ND	c	F	Z
<i>Carineta</i> sp.2	9	D	ND	d	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cephius</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	8	D	ND	d	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	31	D	D	c	F	Y
<i>Deois térrea</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
continua....						

TABELA 16, Cont.

<i>Dysdercus</i> sp.	31	D	D	c	F	Z
<i>Edessa mediatubunda</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Edessa</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	333	D	D	ma	MF	Y
<i>Pangaeus aethiops</i>	65	D	D	ma	MF	Y
<i>Polana</i> sp.	420	D	D	ma	MF	Y
<i>Prolobodes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus hamatus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	10	D	ND	c	F	Z
HYMENOPTERA						
<i>Apoica</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Netelia</i> sp.	5	ND	ND	d	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Apoica</i> sp.2	30	D	D	c	F	Y
<i>Apoica</i> sp.3	6	D	ND	d	PF	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	17	D	ND	c	F	Y
<i>Polistes</i> sp.	8	D	ND	d	PF	Z
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	235	D	D	ma	MF	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Segundo o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente dez: 20 espécies dominantes, 31 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram dez espécies dominantes e 41 não dominantes. Quanto a abundância, cinco espécies foram muito abundante, uma abundante, 12 espécies comuns e cinco dispersas e 28 espécies raras. Segundo a Frequência, ocorreram seis espécies muito freqüentes, 12 freqüentes e 33 pouco freqüentes. Com relação à constância, três espécies foram acessórias 48 acidentais (Tabela 17).

No ambiente dez, a espécie *Doru luteips* foi a mais representativa, com 260 indivíduos, ocorrendo como dominante, muito abundante, muito freqüente e acidental, seguida de *P. linearis*, com 62 indivíduos, que ocorreu como dominante, muito abundante, muito freqüente e acidental (Tabela 17).

TABELA 17 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE DEZ, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU -MT, 2003.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Agerocha esne</i>	17	D	ND	c	F	Z
<i>Evius sp.</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Saurita sericea</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Chalcolepidius sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ctenostoma sp.</i>	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala mecynotarsis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala sp.1</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala sp.2</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dyscinetus sp.2</i>	13	D	ND	c	F	Z
<i>Germarestes rugiceps</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hesperandra sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hydrophilus sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ligyris sp.</i>	8	D	ND	d	PF	Z
<i>Neoathyrus sp.</i>	52	D	D	ma	MF	Z
<i>Paraulaca dives</i>	11	D	ND	c	F	Z
<i>Passalus sp.</i>	29	D	D	c	F	Y
<i>Phaops sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Phyllophaga sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Physeia setosa</i>	14	D	ND	c	F	Z
<i>Platypus linearis</i>	62	D	D	ma	MF	Z
<i>Plectris sp.2</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polpochila sp.</i>	12	D	ND	c	F	Z
<i>Scarites sp.</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Temnochila sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisterthus sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
continua....						

TABELA 17, Cont.

HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	10	D	ND	c	F	Y
<i>Carineta dolosa</i>	35	D	D	ma	MF	Z
<i>Carineta</i> sp.2	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.3	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	33	D	D	a	MF	Z
<i>Diareusa</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dysdercus</i> sp.	20	D	D	c	F	Z
<i>Edessa</i> sp.	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	17	D	ND	c	F	Z
<i>Pangaeus aethiops</i>	24	D	D	c	F	Z
<i>Poekilloptera phalaenoides</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	40	D	D	ma	MF	Z
<i>Rasahus hamatus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Triatoma infestans</i>	5	ND	ND	d	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica palens</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.1	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.2	25	D	D	c	F	Z
<i>Apoica</i> sp.3	14	D	ND	c	F	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	7	D	ND	d	PF	Y
<i>Netelia</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	260	D	D	ma	MF	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

4.3 ANÁLISE FAUNÍSTICA DO PERÍODO DE 2004

Nos cálculos através da análise faunística foram consideradas todas as espécies identificadas e não identificadas, porém, nas discussões dos resultados foram consideradas somente espécies identificadas, taxonomicamente ao nível de gênero ou de espécie .

Conforme o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente um: 29 espécies dominantes, 41 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 16 espécies dominantes e 54 não dominantes. Quanto a abundância, ocorreram nove espécies muito abundante, 16 espécies comuns, quatro dispersas e 41 espécies raras. No cálculo da frequência, ocorreram nove espécies muito frequentes, 16 frequentes e 45 pouco frequentes. Com relação à constância, oito espécies foram constantes, 18 acessórias e 44 acidentais (Tabela 18).

No ambiente um, a espécie *P. linearis* (Coleoptera) foi a mais representativa com 398 indivíduos, destacando-se como dominante, muito abundante, muito frequente e constante (Tabela 18).

TABELA 18 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE UM, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU -MT, 2004.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Arsenura</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dirphia</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Euceron rosa</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rothschildia ericyna</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Bolbapium</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cissites maculata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Clivina</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.1	6	D	ND	d	PF	Y
continua....						

TABELA 18, Cont.

<i>Cyclocephala</i> sp.8	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	97	D	D	ma	MF	W
<i>Dyscinetus</i> sp.2	14	D	ND	c	F	Y
<i>Epicauta</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Germarostes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hesperandra</i> sp.	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hydrophilus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neothyryus</i> sp.	113	D	D	ma	MF	Y
<i>Omophoita</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paraulaca dives</i>	9	D	ND	c	F	Y
<i>Passalus</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Phaops ambitiosa</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Physeia setosa</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platydemia</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	398	D	D	ma	MF	W
<i>Plectris</i> sp 3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	6	D	ND	d	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.2	10	D	ND	c	F	Y
<i>Polpochila</i> sp.	6	D	ND	d	PF	Y
<i>Pyrota</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rhinostomus barbiostris</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	20	D	D	c	F	Y
<i>Tropisternus laevis</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Xyloperthella picea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma discus</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	10	D	ND	c	F	Y
<i>Dysdercus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	196	D	D	ma	MF	W
<i>Pangaeus aethiops</i>	27	D	D	ma	MF	Y
<i>Rasahus</i> sp.1	10	D	ND	c	F	W
<i>Stenocoris</i> sp.	15	D	D	c	F	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	21	D	D	c	F	W
<i>Carineta dolosa</i>	12	D	ND	c	F	Y
<i>Carineta</i> sp.2	27	D	D	ma	MF	Y
<i>Carineta</i> sp.5	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	62	D	D	ma	MF	Y
<i>Dictiophara</i> sp.	106	D	D	ma	MF	W
continua....						

TABELA 18, Cont.

<i>Fidicina mannifera</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Flata</i> sp.2	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	21	D	D	c	F	Y
<i>Mornudia pictiventris</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Phenax variegata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	149	D	D	ma	MF	W
<i>Rasahus</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Triatoma infestans</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	15	D	D	c	F	Y
<i>Apoica palens</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.1	3	ND	ND	r	PF	Y
<i>Apoica</i> sp.2	21	D	D	c	F	W
<i>Eciton</i> sp.	6	D	ND	d	PF	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	13	D	ND	c	F	Y
<i>Netelia</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paraponera</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polistes</i> sp.	9	D	ND	c	F	Z
ORTHOPTERA						
<i>Pasidippus</i> sp.	7	D	ND	c	F	Y
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	21	D	D	c	F	Y

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Com base no método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente dois: 25 espécies dominantes, 45 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 25 espécies dominantes e 45 não dominantes. Quanto a abundância, 17 espécies foram muito abundantes, três abundantes, 14 comuns e 36 espécies raras. De acordo com a frequência, ocorreram 20 espécies muito frequentes, 14 frequentes e 36 pouco frequentes. Com relação à constância, três espécies foram constantes, 22 acessórias e 45 acidentais (Tabela 19).

Em relação ao número de espécimes coletados no ambiente dois, *P. linearis* com 100 indivíduos, foi a mais representativa, ocorrendo como dominante, muito abundante, muito frequente e acessória (Tabela 19).

TABELA 19 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE DOIS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU - MT, 2004.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Dysschema</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.1	8	D	D	a	MF	Y
<i>Anomala</i> sp.2	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Anomala</i> sp.4	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cissites maculata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Coelosis biloba</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.1	7	D	D	c	F	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.2	7	D	D	c	F	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.5	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.6	15	D	D	ma	MF	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.8	10	D	D	ma	MF	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	5	ND	ND	c	F	Y
<i>Epicauta</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Germarostes</i> sp.	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Hesperandra</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Macraspis</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neoathyrus</i> sp.	6	D	D	c	F	Z
<i>Paraulaca dives</i>	4	ND	ND	c	F	Z
<i>Passalus</i> sp.	8	D	D	a	MF	Y
<i>Phyllophaga</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Physeia setosa</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platydemia</i> sp.	10	D	D	ma	MF	Z
<i>Platypus linearis</i>	100	D	D	ma	MF	W
<i>Plectris</i> sp.3	25	D	D	ma	MF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	16	D	D	ma	MF	Y
continua....						

TABELA 19, Cont.

<i>Plectris</i> sp.2	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polpochila</i> sp.	13	D	D	ma	MF	Y
<i>Pyrota</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rhinostomus barbiostris</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Semiotus distinctus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Temnochila</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	11	D	D	ma	MF	Y
<i>Tropisternus laevis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	4	ND	ND	c	F	Z
<i>Xyloperthella picea</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	7	D	D	c	F	Y
<i>Edessa</i> sp.	28	D	D	ma	MF	W
<i>Loxa clavicollis</i>	9	D	D	ma	MF	Y
<i>Pangaeus aethiops</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Pygolampis spurca</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	7	D	D	c	F	Y
<i>Rasahus</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Carineta dolosa</i>	17	D	D	ma	MF	Y
<i>Carineta</i> sp.2	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Carineta</i> sp.3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.4	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Diareusa</i> sp.	4	ND	ND	c	F	Y
<i>Dictiophara</i> sp.	16	D	D	ma	MF	Y
<i>Flata</i> sp.2	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Ignis</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	4	ND	ND	c	F	Y
<i>Mornudia pictiventris</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Odontoptera</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Poekilloptera phalaenoides</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Policera</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	29	D	D	ma	MF	Y
<i>Apoica palens</i>	3	ND	ND	r	PF	Y
<i>Apoica</i> sp.1	8	D	D	a	MF	Z
continua....						

TABELA 19, Cont.

<i>Apoica</i> sp.2	49	D	D	ma	MF	W
<i>Corydalus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Eciton</i> sp.	51	D	D	ma	MF	Y
<i>Neivamyrmex</i> sp.	10	D	D	ma	MF	Y
ORTHOPTERA						
<i>Pasidippus</i> sp.	4	ND	ND	c	F	Y
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	40	D	D	ma	MF	Y

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

De acordo com o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente três: 24 espécies dominantes e 46 não dominantes. Pelo método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 15 espécies dominantes e 55 não dominantes. Nesta área, de acordo com a abundância, seis espécies foram muito abundantes, duas abundante, 21 comuns, 23 dispersas e 18 raras. Quanto à frequência, ocorreram oito espécies muito frequentes, 21 frequentes e 41 pouco frequentes. Com relação à constância, sete espécies foram constantes, 19 acessórias e 44 acidentais (Tabela 20).

Quanto ao número de espécimes coletados no ambiente três, no ano de 2004, a espécie *P. linearis* com 152 indivíduos, ocorrendo como dominante, muito abundante, muito frequente e constante (Tabela 20).

TABELA 20 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE TRÊS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Adeloneivaia subangulata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Crinodes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
continua....						

TABELA 20, Cont.

<i>Saurita sericea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Xylophanes chiron</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Anomala</i> sp.2	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Anomala</i> sp.4	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala ohausiana</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.1	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.2	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.5	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.6	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.8	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Dyscinetus</i> sp.2	20	D	D	c	F	Y
<i>Epicauta</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Lyricea</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Maecolaspis perturbata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neoathyrus</i> sp.	8	D	ND	c	F	Y
<i>Onthophagus gazella</i>	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Oxelytrum discicolle</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Paraulaca dives</i>	8	D	ND	c	F	Y
<i>Phaops</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Phyllophaga</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Physeia setosa</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	152	D	D	ma	MF	W
<i>Plectris</i> sp.3	10	D	ND	c	F	Z
<i>Plectris</i> sp.1	22	D	D	c	F	Y
<i>Plectris</i> sp.2	25	D	D	ma	MF	Y
<i>Polpochila</i> sp.	6	D	ND	c	F	Z
<i>Pyrota</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Semiotus distinctus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Tropisternus laevis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	24	D	D	a	MF	W
<i>Carineta dolosa</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.1	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.2	10	D	ND	c	F	Y
<i>Carineta</i> sp.3	2	ND	ND	d	PF	Z
continua....						

TABELA 20, Cont.

<i>Ceresa</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	13	D	ND	c	F	Y
<i>Dictiophara</i> sp.	114	D	D	ma	MF	W
<i>Diestostemma</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Dysdercus</i> sp.	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Flata</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ignis</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	16	D	D	c	F	Y
<i>Oebalus ypsilon</i>	76	D	D	ma	MF	W
<i>Pangaeus aethiops</i>	22	D	D	c	F	W
<i>Polana</i> sp.	17	D	D	c	F	Y
<i>Pygolampis spurca</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Stenocoris</i> sp.	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	21	D	D	c	F	Y
<i>Triatoma infestans</i>	5	ND	ND	c	F	Y
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	16	D	D	c	F	Y
<i>Apoica palens</i>	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Apoica</i> sp.1	57	D	D	ma	MF	W
<i>Apoica</i> sp.2	116	D	D	ma	MF	W
<i>Apoica</i> sp.3	6	D	ND	c	F	Z
<i>Eciton</i> sp.	24	D	D	a	MF	Y
<i>Neivamyrmex</i> sp.	9	D	ND	c	F	Y
<i>Netelia</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Polistes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
ORTHOPTERA						
<i>Pasidippus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	5	ND	ND	c	F	Y
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	7	D	ND	c	F	Y

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Pelo método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente quatro: 32 espécies dominantes e 40 não dominantes, enquanto pelo

método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 16 espécies dominantes e 56 não dominantes. Nesta área de acordo com a abundância, nove espécies muito abundante, duas abundante, 26 comuns, 20 dispersas e 15 espécies raras. Segundo a frequência, ocorreram 11 espécies muito frequentes, 26 frequentes e 35 pouco frequentes. Com relação à constância, oito espécies foram constantes, 23 acessórias e 41 acidentais (Tabela 21).

No ambiente quatro, a espécie *P. linearis*, foi a mais representativa com 722 indivíduos, destacando-se como dominante, muito abundante, muito frequente e constante (Tabela 21).

TABELA 21 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE QUATRO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Dirphia</i> sp.	5 ND	ND	c	F	Z	
<i>Euceron rosa</i>	2 ND	ND	d	PF	Z	
<i>Hylesia</i> sp.3	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Protambulix strigilis</i>	2 ND	ND	d	PF	Z	
<i>Rothschildia ericyna</i>	1 ND	ND	r	PF	Z	
COLEOPTERA						
<i>Bolbapium</i> sp.	2 ND	ND	d	PF	Z	
<i>Coelosis biloba</i>	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Coelosis biloba</i>	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Cyclocephala</i> sp.1	6 D	ND	c	F	Y	
<i>Cyclocephala</i> sp.6	2 ND	ND	d	PF	Z	
<i>Cyclocephala</i> sp.7	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Diabrotica</i> sp.	2 ND	ND	d	PF	Z	
<i>Digitonthophagus gazela</i>	7 D	ND	c	F	W	
<i>Dyscinetus</i> sp.2	6 D	ND	c	F	Y	
<i>Epicauta</i> sp.	2 ND	ND	d	PF	Z	
<i>Germarostes</i> sp.	3 ND	ND	d	PF	Z	
<i>Hoplopyga multipunctata</i>	1 ND	ND	r	PF	Z	
<i>Hydrophilus</i> sp.	2 ND	ND	d	PF	Z	
<i>Lyrics</i> sp.	1 ND	ND	r	PF	Z	
continua....						

TABELA 21, Cont.

<i>Neoathyrus</i> sp.	42	D	D	ma	MF	W
<i>Omophoita</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Onthophagus gazella</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oxelytrum discicolle</i>	7	D	ND	c	F	Y
<i>Paraulaca dives</i>	119	D	D	ma	MF	W
<i>Passalus</i> sp.	5	ND	ND	c	F	Y
<i>Physea setosa</i>	5	ND	ND	c	F	Z
<i>Platypus linearis</i>	722	D	D	ma	MF	W
<i>Plectris</i> sp.3	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	9	D	ND	c	F	Y
<i>Plectris</i> sp.2	11	D	ND	c	F	Y
<i>Polpochila</i> sp.	8	D	ND	c	F	Z
<i>Scarites</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Semiotus distinctus</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	11	D	ND	c	F	Y
<i>Tropisternus laevis</i>	6	D	ND	c	F	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	22	D	D	c	F	Y
<i>Dysdercus</i> sp.	35	D	D	ma	MF	Y
<i>Loxa clavicollis</i>	32	D	D	ma	MF	Y
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	31	D	D	ma	MF	Y
<i>Pangaeus aethiops</i>	5	ND	ND	c	F	Y
<i>Rasahus</i> sp.1	5	ND	ND	c	F	Y
<i>Stenocoris</i> sp.	6	D	ND	c	F	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	9	D	ND	c	F	Y
<i>Angocoris</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Brontostoma</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Carineta dolosa</i>	9	D	ND	c	F	Y
<i>Carineta</i> sp.2	27	D	D	c	F	W
<i>Carineta</i> sp.4	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	9	D	ND	c	F	Y
<i>Deois flavopicta</i>	30	D	D	a	MF	W
<i>Dictiophara</i> sp.	173	D	D	ma	MF	Y
<i>Flata</i> sp.2	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Heteronotus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	22	D	D	c	F	Z
<i>Mornudia pictiventris</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Piezodorus guildinii</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	54	D	D	ma	MF	W
<i>Policera</i> sp.	16	D	D	c	F	Z

continua....

TABELA 21, Cont.

<i>Rasahus hamatus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	6	D	ND	c	F	Z
<i>Triatoma infestans</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Apoica palens</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.1	13	D	ND	c	F	Y
<i>Apoica</i> sp.2	33	D	D	ma	MF	W
<i>Eciton</i> sp.	20	D	D	c	F	Y
<i>Neivamyrmex</i> sp.	14	D	ND	c	F	Y
<i>Netelia</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
ORTHOPTERA						
<i>Pasidippus</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Y
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteips</i>	28	D	D	a	MF	Y

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Segundo o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente cinco: 34 espécies dominantes, 41 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 13 espécies dominantes e 62 não dominantes. Ocorrendo nesta área de acordo com a abundância, 1dez espécies muito abundante, duas abundante, 22 espécies comum, 28 dispersas e 13 espécies raras. Segundo a frequência, ocorreram 12 espécies muito frequentes, 22 frequentes e 41 pouco frequentes. Com relação à constância, seis espécies foram constantes, 25 acessórias e 44 acidentais (Tabela 22).

No ambiente cinco, *P. linearis* foi a mais representativa com 738 indivíduos e ocorrendo como dominante, muito abundante, muito frequente e constante (Tabela 22).

TABELA 22 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE CINCO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU - MT, 2004.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Atteva pustulella</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Trosia Dimas</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.1	8	D	ND	c	F	Z
<i>Anomala</i> sp.2	15	D	ND	c	F	Y
<i>Bolbapium</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.1	9	D	ND	c	F	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.4	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.5	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.6	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.7	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.8	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	104	D	D	ma	MF	W
<i>Dyscinetus</i> sp.2	6	D	ND	c	F	Y
<i>Epicauta</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hesperandra</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Lyricea</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Maecolaspis perturbata</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Neoathyrus</i> sp.	13	D	ND	c	F	Y
<i>Oxelytrum discicolle</i>	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Paraulaca dives</i>	6	D	ND	c	F	Y
<i>Passalus</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Y
<i>Phaops</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Phyllophaga</i> sp.	9	D	ND	c	F	Z
<i>Physeia setosa</i>	6	D	ND	c	F	Y
<i>Platydemus</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	738	D	D	ma	MF	W
<i>Plectris</i> sp 3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	14	D	ND	c	F	Y
<i>Plectris</i> sp.2	91	D	D	ma	MF	Y
<i>Polpochila</i> sp.	12	D	ND	c	F	Z
<i>Semiotus distinctus</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	11	D	ND	c	F	Z
<i>Tropisternus laevis</i>	6	D	ND	c	F	Z
continua....						

TABELA 22, Cont.

<i>Tropisterthus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Xyloperthella picea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma discus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	10	D	ND	c	F	Y
<i>Carineta dolosa</i>	26	D	D	c	F	W
<i>Carineta</i> sp.1	12	D	ND	c	F	Z
<i>Carineta</i> sp.2	9	D	ND	c	F	Y
<i>Ceresa</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Ctenotrachelus</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	64	D	D	ma	MF	Y
<i>Dictiophara</i> sp.	44	D	D	ma	MF	Y
<i>Diestostemma</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Edessa</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Fidicina mannifera</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	11	D	ND	c	F	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	32	D	D	a	MF	Y
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	44	D	D	ma	MF	Y
<i>Pangaeus aethiops</i>	89	D	D	ma	MF	W
<i>Piezodorus guildinii</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Poekilloptera phalaenoides</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	111	D	D	ma	MF	W
<i>Policera</i> sp.	16	D	ND	c	F	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	6	D	ND	c	F	Y
<i>Rhodnius</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Ricolla spinosa</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Stenocoris</i> sp.	9	D	ND	c	F	Y
<i>Stenopoda cinerea</i>	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Triatoma infestans</i>	3	ND	ND	d	PF	Y
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	9	D	ND	c	F	Y
<i>Apoica palens</i>	3	ND	ND	d	PF	Y
<i>Apoica</i> sp.1	31	D	D	a	MF	Y
<i>Apoica</i> sp.2	49	D	D	ma	MF	W
<i>Eciton</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	8	D	ND	c	F	Y
<i>Netelia</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Polistes</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z

continua....

TABELA 22, Cont.

MANTODEA						
<i>Parastigmatophera serricomis</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus sp.</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteips</i>	35	D	D	ma	MF	Y

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Segundo o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente seis: 27 espécies dominantes, 36 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 11 espécies dominantes e 52 não dominantes. Ocorrendo nesta área de acordo com a abundância, seis espécies muito abundante, 21 espécies comuns e 36 dispersas. Segundo a frequência, ocorreram seis espécies muito frequentes, 21 frequentes e 36 pouco frequentes. Com relação à constância, cinco espécies foram constantes, 18 acessórias, 40 acidentais (Tabela 23).

No ambiente seis, no ano de 2004, a espécie *Oebalus ypsilongriseus* foi a mais representativa com 411 indivíduos, destacando-se como dominante, muito abundante, muito frequente e constante (Tabela 23).

TABELA 23 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE SEIS, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU -MT, 2004.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Atteva pustulella</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Dirphia sp.</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Dysschema sp.</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Euceron rosa</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
continua...						

TABELA 23, Cont.

<i>Hylesia</i> sp.3	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Trosia Dimas</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.2	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Bolbapium</i> sp.	6	D	ND	c	F	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.1	7	D	ND	c	F	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.5	8	D	ND	c	F	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Dyscinetus</i> sp.2	25	D	D	c	F	W
<i>Epicauta</i> sp.	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Hydrophilus</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Neothyus</i> sp.	46	D	D	ma	MF	W
<i>Omophoita</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Oxelytrum discicolle</i>	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Paraulaca dives</i>	15	D	ND	c	F	Y
<i>Passalus</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Phaops ambitiosa</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.2	11	D	ND	c	F	Z
<i>Polpochila</i> sp.	10	D	ND	c	F	Y
<i>Rhinostomus barbiostris</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Semiotus distinctus</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	23	D	D	c	F	Y
<i>Tropisternus laevis</i>	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Brontostoma discus</i>	14	D	ND	c	F	W
<i>Brontostoma rubrum</i>	6	D	ND	c	F	Y
<i>Carineta dolosa</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.2	7	D	ND	c	F	Z
<i>Ceresa</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Ctenotrachelus</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	20	D	D	c	F	Y
<i>Dictiophara</i> sp.	73	D	D	ma	MF	Y
<i>Dysdercus</i> sp.	10	D	ND	c	F	Y
<i>Edessa</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Fidicina mannifera</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	28	D	D	c	F	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Odontoptera</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z
continua....						

TABELA 23, Cont.

<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	411	D	D	ma	MF	W
<i>Pangaeus aethiops</i>	42	D	D	ma	MF	Y
<i>Polana</i> sp.	93	D	D	ma	MF	Y
<i>Rasahus hamatus</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	16	D	ND	c	F	W
<i>Rasahus</i> sp.2	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Rhodnius</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Stenocoris</i> sp.	25	D	D	c	F	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	10	D	ND	c	F	Y
<i>Apoica palens</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Apoica</i> sp.1	7	D	ND	c	F	Y
<i>Apoica</i> sp.2	12	D	ND	c	F	Y
<i>Eciton</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Neivamyrmex</i> sp.	9	D	ND	c	F	Y
<i>Netelia</i> sp.	11	D	ND	c	F	Y
<i>Polistes</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z
ORTHOPTERA						
<i>Pasidippus</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	68	D	D	ma	MF	Y

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Com base no método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente sete: duas espécies super dominantes, 29 espécies dominantes, 47 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram, duas espécies super dominantes, 25 espécies dominantes e 51 não dominantes. Ocorrendo nesta área de acordo com a abundância, duas espécies super abundantes, 20 espécies muito abundante, uma abundante, oito espécies comum, cinco dispersas e 42 espécies raras. Segundo a frequência, ocorreram duas espécies super frequentes, 21 espécies muito frequentes, oito frequentes e 47 pouco frequentes. Com relação à constância, oito espécies foram constantes, 19 acessórias e 51 acidentais (Tabela 24).

No ambiente sete o gênero *Plectris* sp. foi a mais representativa com 1.418 indivíduos, destacando-se como super dominante, super abundante, super frequente e acessória, a segunda mais representativa, foi a espécie *P. linearis*, com 355 indivíduos, destacando-se como super dominante, super abundante, super frequente e constante (Tabela 24).

TABELA 24 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE SETE, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU - MT, 2004.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Aclytia heber</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dysschema</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.3	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Trosia Dimas</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.1	8	D	ND	c	F	Z
<i>Anomala</i> sp.2	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Coelosis biloba</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ctenostoma</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.4	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.5	14	D	D	ma	MF	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.6	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.7	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.8	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	47	D	D	ma	MF	Y
<i>Dyscinetus</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	17	D	D	ma	MF	W
<i>Epicauta</i> sp.	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hesperandra</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Maecolaspis perturbata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neothyryus</i> sp.	12	D	D	a	MF	Y
<i>Oxelytrum discicolle</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paraulaca dives</i>	15	D	D	ma	MF	Z
<i>Passalus</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Physea setosa</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Platydema</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
continua....						

TABELA 24, Cont.

<i>Platypus linearis</i>	355	SD	SD	sa	SF	W
<i>Plectris</i> sp.3	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	18	D	D	ma	MF	Y
<i>Plectris</i> sp.2	1418	SD	SD	sa	SF	Y
<i>Polpochila</i> sp.	10	D	D	c	F	Z
<i>Pyrota</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Semiotus distinctus</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	14	D	D	ma	MF	W
<i>Carineta dolosa</i>	43	D	D	ma	MF	Y
<i>Carineta</i> sp.1	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.2	28	D	D	ma	MF	W
<i>Carineta</i> sp.4	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	8	D	ND	c	F	Z
<i>Ctenotrachelus</i> sp.	14	D	D	ma	MF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	41	D	D	ma	MF	Y
<i>Deois térrea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dictiophara</i> sp.	41	D	D	ma	MF	W
<i>Diestostemma</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dysdercus</i> sp.	14	D	D	ma	MF	Z
<i>Edessa meditabunda</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Edessa</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Fidicina mannifera</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Flata</i> sp.2	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Heteronotus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	25	D	D	ma	MF	Y
<i>Oebalus ypsilon</i>	30	D	D	ma	MF	W
<i>Pangaeus aethiops</i>	4	ND	ND	r	PF	Y
<i>Piezodorus guildinii</i>	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	84	D	D	ma	MF	W
<i>Prolobodes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus hamatus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	7	D	ND	c	F	Y
<i>Stenocoris</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	9	D	D	c	F	Z
<i>Thaphura</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Triatoma infestans</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Y
continua....						

TABELA 24, Cont.

<i>Apoica palens</i>	3	ND	ND	r	PF	Y
<i>Apoica</i> sp. 3	10	D	D	c	F	Y
<i>Apoica</i> sp.1	37	D	D	ma	MF	Y
<i>Apoica</i> sp.2	138	D	D	ma	MF	W
<i>Eciton</i> sp.	19	D	D	ma	MF	Y
<i>Neivamyrmex</i> sp.	11	D	D	c	F	Y
<i>Netelia</i> sp.	6	D	ND	c	F	Y
<i>Paraponera</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polistes</i> sp.	16	D	D	ma	MF	Z
MANTODEA						
<i>Parastigmatophera serricomis</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
ORTHOPTERA						
<i>Pasidippus</i> sp.	5	ND	ND	d	PF	Y
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	4	ND	ND	r	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteips</i>	23	D	D	ma	MF	Y

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) accidental.

Segundo o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente oito: 25 espécies dominantes, 54 não dominantes. Pela análise através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 13 espécies dominantes e 66 não dominantes. Quanto a abundância, ocorreram dez espécies muito abundantes, uma abundante, 14 comuns, 13 dispersas e 41 raras. De acordo com a frequência, 11 espécies foram muito frequentes, 14 frequentes e 54 pouco frequentes. Em relação à constância, sete espécies foram constantes, 21 acessórias, cinco accidentais (Tabela 25).

No ambiente oito, *P. linearis* foi a mais representativa com 384 indivíduos, ocorrendo como dominante, muito abundante, muito frequente e constante, seguida de *Polana* sp., com 242 indivíduos e ocorreu como dominante, muito abundante, muito frequente e constante (Tabela 25).

TABELA 25 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE OITO, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2004.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Ammalo</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Atteva pustulella</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Correbidia</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Crinodes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dirphia</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rothschildia ericyna</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Trosia Dimas</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Xylophanes chiron</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Aspisoma</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Coelosis biloba</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Conoderus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.1	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.5	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.6	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.7	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.8	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Diabrotica</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	9	D	ND	c	F	Y
<i>Germarestes rugiceps</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hesperandra</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Lyrics</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Maecolaspis perturbata</i>	23	D	D	a	MF	Y
<i>Neoathyrus</i> sp.	38	D	D	ma	MF	W
<i>Oxelytrum discicolle</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Paraulaca dives</i>	49	D	D	ma	MF	Y
<i>Passalus</i> sp.	8	D	ND	c	F	Y
<i>Phaops ambitiosa</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Physea setosa</i>	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Platydema</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Platypus linearis</i>	384	D	D	ma	MF	W
<i>Plectris</i> sp 3	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	13	D	ND	c	F	Y
continua....						

TABELA 25, Cont.

<i>Plectris</i> sp.2	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Polpochila</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Pyrota</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Scarites</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Semiotus distinctus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	9	D	ND	c	F	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	6	D	ND	c	F	Y
<i>Xyloperthella picea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Arocera spectabilis</i>	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Brontostoma discus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	53	D	D	ma	MF	W
<i>Carineta dolosa</i>	9	D	ND	c	F	Y
<i>Carineta</i> sp.2	51	D	D	ma	MF	W
<i>Carineta</i> sp.4	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.5	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ctenotrachelus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	30	D	D	ma	MF	Y
<i>Dictiophara</i> sp.	13	D	ND	c	F	Y
<i>Dysdercus</i> sp.	5	ND	ND	d	PF	Y
<i>Edessa</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Y
<i>Fidicina mannifera</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Flata</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Heteronotus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	20	D	D	c	F	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	7	D	ND	c	F	Y
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	156	D	D	ma	MF	W
<i>Pangaeus aethiops</i>	86	D	D	ma	MF	Y
<i>Polana</i> sp.	242	D	D	ma	MF	W
<i>Pygolampis spurca</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	5	ND	ND	d	PF	Y
<i>Rasahus</i> sp.2	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Stenocoris</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Stenopoda cinerea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	9	D	ND	c	F	Y
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	11	D	ND	c	F	Z
<i>Apoica</i> sp.1	3	ND	ND	d	PF	Y
<i>Apoica</i> sp.2	39	D	D	ma	MF	W
<i>Apoica</i> sp.3	1	ND	ND	r	PF	Z

continua....

TABELA 25, Cont.

<i>Eciton</i> sp.	9	D	ND	c	F	Y
<i>Neivamyrmex</i> sp.	11	D	ND	c	F	Y
<i>Netelia</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polistes</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
ORTHOPTERA						
<i>Pasidippus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
MEGALOPTERA						
<i>Corydalus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	16	D	D	c	F	Y

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) accidental.

De acordo com o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente nove: 23 espécies dominantes, 41 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram 9 espécies dominantes e 55 não dominantes. Nesta área de acordo com a abundância, sete espécies foram muito abundante, 14 espécies comuns e 42 dispersas. Segundo a frequência, ocorreram sete espécies muito frequentes, 14 frequentes e 43 pouco frequentes. Com relação à constância, seis espécies foram constantes, 18 acessórias e 40 accidentais (Tabela 26).

No ambiente nove, a espécie *P. linearis* com 704 indivíduos, destacando-se como dominante, muito abundante, muito frequente e constante, a segunda mais representativa, foi *O. ypsilongriseus* com 474 indivíduos, destacando-se como dominante, muito abundante, muito frequente e constante (Tabela 26).

TABELA 26 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE NOVE, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU - MT, 2004.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos					
		D		A	F	C	
		1	2				
LEPIDOPTERA							
<i>Dirphia</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Euceron rosa</i>	2	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Rothschildia ericyna</i>	2	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Xylophanes chiron</i>	1	ND	ND	d	PF	Z	
COLEOPTERA							
<i>Anomala</i> sp.1	2	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Coelosis biloba</i>	2	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Cyclocephala</i> sp.1	3	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Cyclocephala</i> sp.2	1	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Cyclocephala</i> sp.5	1	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Cyclocephala</i> sp.6	1	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Digitonthophagus gazela</i>	4	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Dyscinetus</i> sp.2	6	D	ND	d	PF	Y	
<i>Epicauta</i> sp.	10	D	ND	c	F	Z	
<i>Hesperandra</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Ligyris</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Maecolaspis perturbata</i>	2	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Neoathyrus</i> sp.	149	D	D	ma	MF	W	
<i>Onthophagus gazella</i>	3	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Oxelytrum discicolle</i>	2	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Paraulaca dives</i>	48	D	D	ma	MF	Y	
<i>Passalus</i> sp.	17	D	ND	c	F	Y	
<i>Physea setosa</i>	2	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Platydemia</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Platypus linearis</i>	704	D	D	ma	MF	W	
<i>Plectris</i> sp 3	4	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Plectris</i> sp.1	5	ND	ND	d	PF	Y	
<i>Polpochila</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Pyrota</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Tropisternus laevis</i>	2	ND	ND	d	PF	Z	
<i>Tropisterthus</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z	
HEMIPTERA							
<i>Arocera spectabilis</i>	62	D	D	ma	MF	Y	
<i>Brontostoma discus</i>	4	ND	ND	d	PF	Y	
<i>Brontostoma rubrum</i>	79	D	D	ma	MF	W	

continua....

TABELA 26, Cont.

<i>Brontostoma</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Carineta dolosa</i>	12	D	ND	c	F	Y
<i>Carineta</i> sp.1	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Carineta</i> sp.2	8	D	ND	c	F	Y
<i>Ceresa</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Ctenotrachelus</i> sp.	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	10	D	ND	c	F	Z
<i>Dictiophara</i> sp.	18	D	ND	c	F	Y
<i>Diestostemma</i> sp.	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Dysdercus</i> sp.	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Edessa</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
<i>Flata</i> sp.2	5	ND	ND	d	PF	Z
<i>Heza insignis</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	30	D	D	c	F	Y
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	474	D	D	ma	MF	W
<i>Pangaeus aethiops</i>	3	ND	ND	d	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	217	D	D	ma	MF	W
<i>Rasahus hamatus</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
<i>Stenocoris</i> sp.	6	D	ND	d	PF	Y
<i>Stenopoda cinerea</i>	19	D	ND	c	F	Y
<i>Thaphura</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Z
<i>Triatoma infestans</i>	1	ND	ND	d	PF	Z
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	19	D	ND	c	F	Y
<i>Apoica</i> sp.1	7	D	ND	c	F	Y
<i>Apoica</i> sp.2	24	D	D	c	F	W
<i>Eciton</i> sp.	10	D	ND	c	F	Y
<i>Neivamyrmex</i> sp.	14	D	ND	c	F	Y
<i>Netelia</i> sp.	4	ND	ND	d	PF	Y
ORTHOPTERA						
<i>Pasidippus</i> sp.	2	ND	ND	d	PF	Z
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	11	D	ND	c	F	Y

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Segundo o método de Laroca e Mielke (1975) ocorreram no ambiente dez: uma espécie super dominante, 24 espécies dominantes,

45 não dominantes. Através do método Sakagami e Laroca (1967) ocorreram uma espécie super dominante, 18 espécies dominantes e 51 não dominantes. Ocorrendo nesta área de acordo com a abundância, uma espécie super abundante, 13 espécies muito abundantes, uma abundante, 12 espécies comuns e 43 espécies raras. Segundo a frequência, ocorreu uma super frequente, 14 espécies muito frequentes, 12 frequentes e 43 pouco frequentes. Com relação à constância, sete espécies foram constantes, 18 acessórias e 45 acidentais (Tabela 27).

No ambiente dez, a espécie *P. linearis* foi a mais representativa, com 930 indivíduos, destacando-se como super dominante, super abundante, super frequente e constante (Tabela 27).

TABELA 27 - ÍNDICES FAUNÍSTICOS DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE DEZ, NA FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU -MT, 2004.

Ordem, Gênero e Espécie	Quantidade de Indivíduos	Índices Faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
LEPIDOPTERA						
<i>Dirphia</i> sp.	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rothschildia ericyna</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Saurita sericea</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
COLEOPTERA						
<i>Anomala</i> sp.1	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Anomala</i> sp.4	6	D	ND	c	F	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.1	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.2	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.4	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Cyclocephala</i> sp.6	5	ND	ND	c	F	Y
<i>Cyclocephala</i> sp.8	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Digitonthophagus gazela</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dyscinetus</i> sp.2	16	D	D	ma	MF	Y
<i>Hesperandra</i> sp.	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Hoplopyga multipunctata</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ligyris</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Neothyris</i> sp.	46	D	D	ma	MF	W
<i>Oxelytrum discicolle</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
continua....						

TABELA 27, Cont.

<i>Paraulaca dives</i>	15	D	D	ma	MF	Y
<i>Passalus</i> sp.	12	D	D	ma	MF	Y
<i>Phaops</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Physea setosa</i>	9	D	D	c	F	Z
<i>Platypus linearis</i>	930	SD	SD	sa	SF	W
<i>Plectris</i> sp.3	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Plectris</i> sp.2	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polpochila</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Scarithodes morio</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Semiotus distinctus</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Themonectus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Tropisterthus</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
HEMIPTERA						
<i>Angocoris</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Arocera spectabilis</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma discus</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Brontostoma rubrum</i>	65	D	D	ma	MF	W
<i>Brontostoma</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Carineta dolosa</i>	54	D	D	ma	MF	W
<i>Carineta</i> sp.2	8	D	D	c	F	Y
<i>Carineta</i> sp.3	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ceresa</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Ctenotrachelus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Deois flavopicta</i>	8	D	D	c	F	Y
<i>Deois térrea</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Diareusa</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Dictiophara</i> sp.	20	D	D	ma	MF	Y
<i>Dysdercus</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Edessa</i> sp.	12	D	D	ma	MF	W
<i>Fidicina mannifera</i>	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Loxa clavicollis</i>	19	D	D	ma	MF	Y
<i>Mahanarva fimbriolata</i>	29	D	D	ma	MF	Y
<i>Mecistorhinus</i> sp.	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Oebalus ypsilongriseus</i>	26	D	D	ma	MF	Y
<i>Pangaeus aethiops</i>	10	D	D	a	MF	Y
<i>Poekilloptera phalaenoides</i>	1	ND	ND	r	PF	Z
<i>Polana</i> sp.	78	D	D	ma	MF	W
<i>Rasahus hamatus</i>	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.1	2	ND	ND	r	PF	Z
<i>Rasahus</i> sp.2	2	ND	ND	r	PF	Z

continua....

TABELA 27, Cont.

<i>Stenopoda cinerea</i>	4	ND	ND	r	PF	Z
<i>Thaphura</i> sp.	3	ND	ND	r	PF	Z
<i>Triatoma infestans</i>	6	D	ND	c	F	Y
HYMENOPTERA						
<i>Agelaia</i> sp.	7	D	ND	c	F	Y
<i>Apoica palens</i>	3	ND	ND	r	PF	Y
<i>Apoica</i> sp.1	7	D	ND	c	F	Z
<i>Apoica</i> sp.2	48	D	D	ma	MF	W
<i>Eciton</i> sp.	7	D	ND	c	F	Y
<i>Neivamyrmex</i> sp.	8	D	D	c	F	Y
<i>Netelia</i> sp.	2	ND	ND	r	PF	Z
ORTHOPTERA						
<i>Pasidippus</i> sp.	7	D	ND	c	F	Y
DERMAPTERA						
<i>Doru luteipes</i>	5	ND	ND	c	F	Z

(1) método de Laroca e Mielke (1975); (2) método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância – (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

A espécie *P. linearis* foi predominante em quantidade de indivíduos em relação às demais espécies nos ambientes amostrados nos dois anos de estudo. Esse resultado assemelha-se aos obtidos por Dorval e Peres Filho (2001) e Dorval (2002), onde relatam que *P. linearis* foi uma das espécies mais representativa em todos os períodos estudados, observando a população de coleópteros em plantios de eucaliptos e em área com vegetação de cerrado no município de Cuiabá, estado de Mato Grosso.

4.4 ANÁLISE QUALITATIVA

Determinadas espécies foram comuns em todos os ambientes amostrados (Tabela 28) em 2003. A explicação para essa ampla ocorrência está relacionada com a oferta de alimento ao longo do ano, como no caso da espécie do gênero *Dyscinetus*. Segundo Ferreira e Barrigossi (2006) *Dyscinetus rugifrons* é praga de arroz (*Oriza*) e de palmeira-real-da-Austrália (*Archontophoenix* spp.). Considerando que as

gramíneas são abundantes nos sub-bosques e nas pastagens dos ambientes estudados, é provável que a predisposição de alimento tenha possibilitado essa ampla distribuição da espécie coletada.

Raciocínio semelhante aplicado para *Dyscinetus* sp.2 pode ser atribuído para *O. ypsilongriseus*, pois de acordo com Silva et al., 1968, a espécie distinta, porém do mesmo gênero, *O. rufescens* ataca arroz (*Oriza*), capim Guatemala (*Brachiaria plantaginea*), capim milhã (*Digitaria sanguinalis*) e cevada (*Hordeum vulgare*) (Tabela 28).

A espécie *D. luteips* é uma espécie predadora, mas segundo Silva et al. (1968), *Doru lineare* ataca flores de arroz (*Oriza*), e também milho (*Zea mays*). Pelo fato das espécies coletadas não terem o seu hábito alimentar conhecido, pode-se explicar pelas espécies que pertencem ao mesmo gênero taxonômico que possam ter hábito alimentar análogo. Estudos sobre o hábito alimentar dessas espécies comuns nessas áreas devem ser aprofundados (Tabela 28).

As espécies *Brontostoma rubrum* e *Apoica* sp.1 são espécies predadoras e devem estar sendo beneficiadas pela grande quantidade de presas disponíveis nesses ambientes alterados, já que os predadores não apresentam especificidade em seu hábito alimentar (Tabela 28).

TABELA 28 - RELAÇÃO DE ESPÉCIES IDENTIFICADAS E COMUNS EM TODOS OS AMBIENTES AMOSTRADOS NA FAZENDA SÃO NICOLAU, NO MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2003.

Ordem/gênero/espécie	Família
COLEOPTERA	
<i>Dyscinetus</i> sp.2	Scarabaeidae
HEMIPTERA	
<i>Brontostoma rubrum</i>	Reduviidae
<i>Oebalus ypsilongriseus</i> (DeGeer, 1773)	Pentatomidae
HYMENOPTERA	
<i>Apoica</i> sp.1	Vespidae
DERMAPTERA	
<i>Doru luteips</i> (Scudder)	Forficulidae

Quantitativamente em 2004 ocorreu um número de espécies que foram comuns a todos os ambientes amostrados, com exceção de *O. ypsilongriseus*, as demais espécies ocorreram nos dois anos de coleta.

Espécies como *Paraulaca dives*, *Deois flavopicta*, *Arocera* sp., *Pangaeus* sp. e *Ceresa* spp. são mencionadas na literatura como espécies que tem por alimento gramíneas de diferentes espécies (SILVA et al., 1968). Fato esse que talvez possa explicar a ampla distribuição de espécies e de gêneros nos ambientes estudados (Tabela 29).

A presença de *Polpochila* sp., *Stenopda cinerea*, *Apoica* spp., *Eciton* sp. e *Neivamyrmex* sp. Que são espécies predadoras e, portanto, oportunistas e inespecíficas com relação as suas presas, podem estar sendo favorecidas pela grande oferta de alimentos nos diferentes ambientes estudados (Tabela 29).

Todavia, faz-se necessário aprofundar os estudos referentes aos hábitos alimentares das diferentes espécies estudadas, uma vez que a literatura se mostra incipiente e, portanto restringindo qualquer análise comportamental e alimentar, podendo-se fazer poucas inferências sobre a distribuição geográfica destas espécies, além daquelas que nem referências existem ou se referem às plantas hospedeiras sem representantes nos ambientes trabalhados, geralmente relacionadas às plantas agrícolas (Tabelas 28 e 29). A presença de gramíneas remanescentes das pastagens pode ter influenciado a ocorrência de várias espécies possibilitando a sua ampla dispersão em toda área de estudo.

TABELA 29 - RELAÇÃO DE ESPÉCIES IDENTIFICADAS E COMUNS EM TODAS AS ÁREAS AMOSTRADAS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU -MT, 2004.

Ordem/gênero/espécie	Família
COLEOPTERA	
<i>Polpochila</i> sp.	Carabidae
<i>Paraulaca dives</i>	Chrysomelidae
<i>Cyclocephala</i> sp.1	Scarabaeidae
<i>Dyscinetus</i> sp.2	Scarabaeidae
<i>Neoathyreus</i> sp.	Scarabaeidae
<i>Plectris</i> sp.1	Scarabaeidae
HEMIPTERA	
<i>Deois flavopicta</i> (Stal, 1854)	Cercopidae
<i>Polana</i> sp.	Cicadellidae
<i>Pangaeus aethiops</i> (Fabr., 1787)	Cydnidae
<i>Dictyophara</i> sp.	Dictyopharidae
<i>Arocera spectabilis</i> (Drury, 1773)	Pentatomidae
<i>Loxa flavicollis</i> (Drury, 1773)	Pentatomidae
<i>Ceresa</i> sp.	Membracidae
continua....	

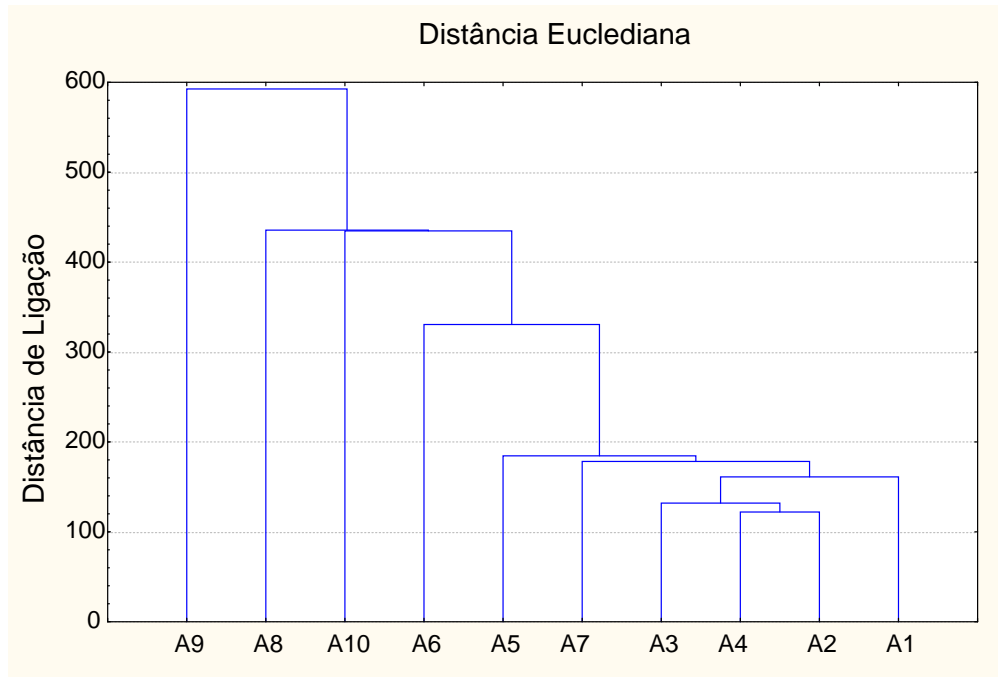
TABELA 29, Cont.

<i>Brontostoma rubrum</i>	Reduviidae
<i>Stenopoda cinerea</i> (Lap., 1833)	Reduviidae
<i>Carineta dolosa</i> (Boulard, 1985)	Tibicinidae
<i>Carineta</i> sp.2	Tibicinidae
<i>Taphura</i> sp.	Tibicinidae
HYMENOPTERA	
<i>Eciton</i> sp.	Formicidae
<i>Neivamyrmex</i> SP	Formicidae
<i>Apoica</i> sp. 1	Vespidae
<i>Apoica</i> sp. 2	Vespidae
DERMAPTERA	
<i>Doru luteipes</i> (Scudder)	Forficulidae

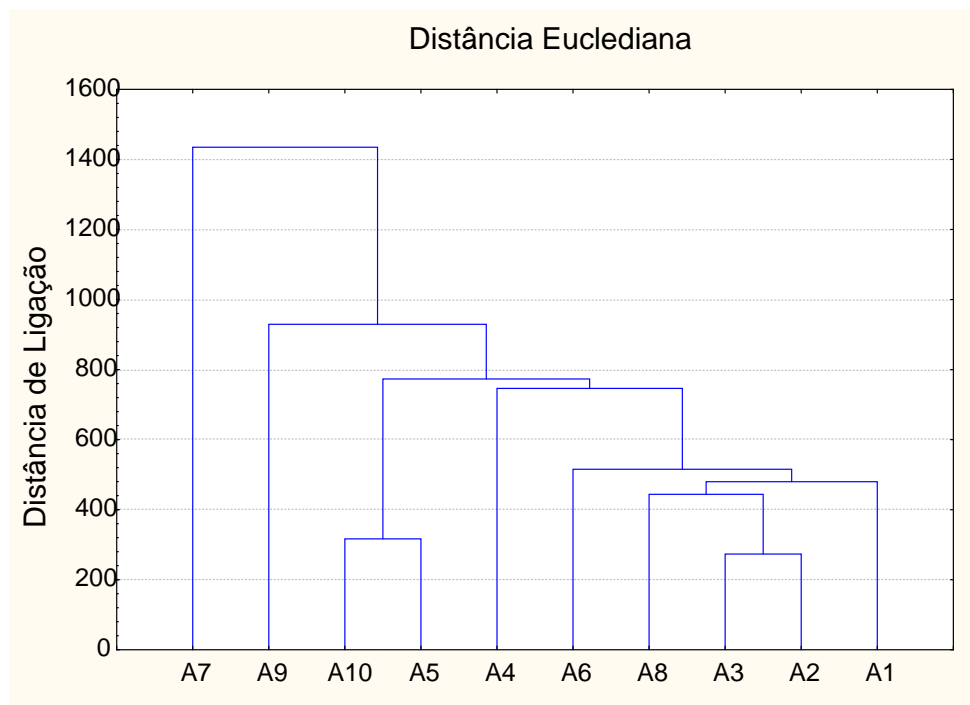
4.5 ANÁLISE DE CLÚSTER

As análises de Clúster foram realizadas independentemente e para cada ano. As análises referentes ao ano de 2003 apresentam similaridade para os ambientes A2 (área de mata nativa) e A4 (área florestada), sendo que A3 (capoeira consorciada em regeneração) se distanciou pouco, evidenciando o equilíbrio dessas áreas, apesar do ambiente A4 ser uma área florestada. Nesse caso a provável explicação reside no fato de A4 apresentar uma maior quantidade de biomassa decorrente do espaçamento mais estreito e também pelo fato de ser um plantio misto que também confere uma maior estabilidade ecológica. Os ambientes A1 e A7 apresentaram-se mais similares aos ambientes mais equilibrados ecologicamente, indicando uma maior estabilidade ambiental nessas áreas. O ambiente A9 foi o mais dissimilar em relação aos demais ambientes. Os ambientes A8 e A10 também bem dissimilares dos demais, sendo estes os que apresentam o maior espaçamento entre as espécies, além do A10 ser um monocultivo florestal, indicando a sua menor estabilidade em relação às áreas de mata nativa e capoeira (Figura 15).

Para o ano de 2004 os ambientes A2 e A3 foram os mais similares entre si, evidenciando ambientes bem equilibrados ecologicamente. Os ambientes A5 e A10 também são similares, porém distanciados dos anteriores citados (são florestamentos, sendo o último um monocultivo de teca, *Tectona grandis*).



2003



2004

FIGURA 15 - DENDROGRAMAS DOS DEZ AMBIENTES ESTUDADOS NOS PERÍODOS DE 2003 E 2004. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU - MT.

4.6 FLUTUAÇÃO POPULACIONAL

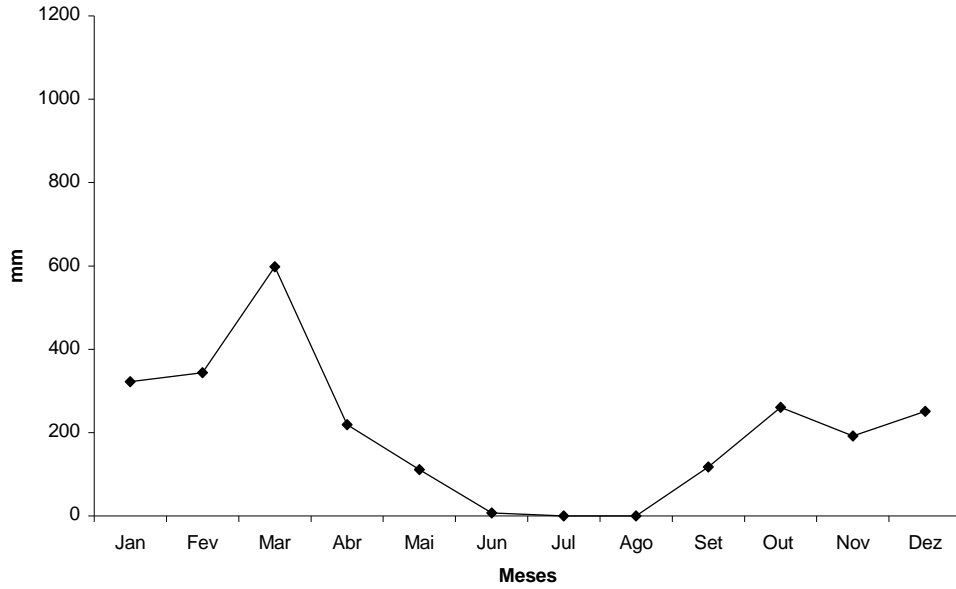
Para a análise da flutuação populacional utilizaram-se as espécies de maior ocorrência nos dez ambientes de coleta nos anos de 2003 e 2004. As espécies *Platypus linearis*, *Oebalus ypsilongriseus*, *Doru luteips*, *Polana* sp. foram classificadas na análise faunística como dominantes, muito abundantes e muito freqüente.

A espécie *P. linearis* foi classificada no ambiente dez de 2004 como super dominante, super abundante, super freqüente e constante. A possível explicação para esse aumento populacional é que o ambiente dez é um florestamento formado por Teca, espécie florestal suscetível ao ataque do gênero *Platypus*, pois conforme Silva et al. (1968), *Platypus sulcatus* broqueia teca.

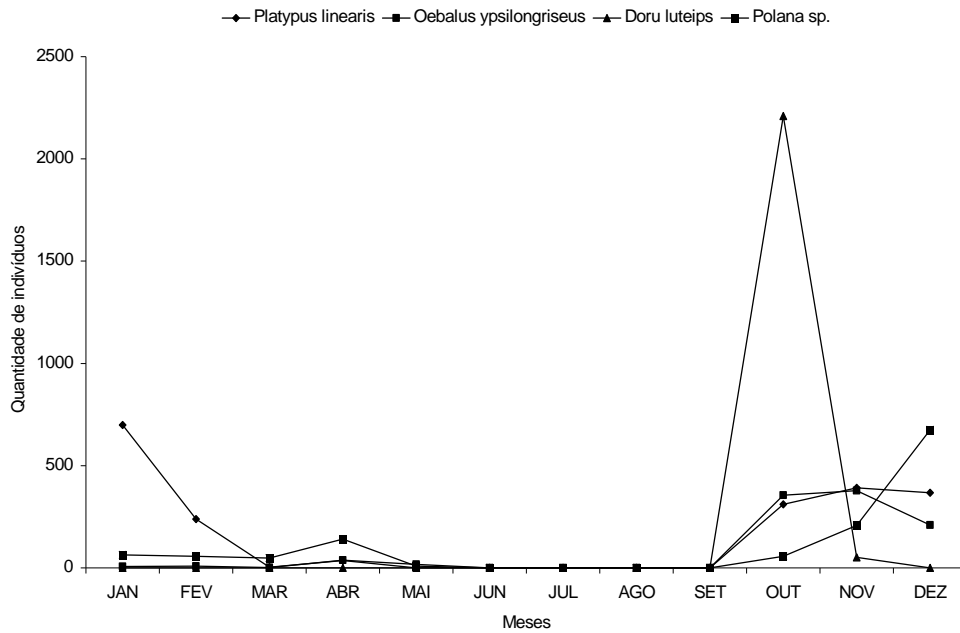
A espécie *Plectris* sp.2 ocorre no ambiente sete como super dominante, super abundante, super freqüente e constante. Para a espécie *Plectris* sp.2, a precipitação também parece estar favorecendo a população. Cividanes (1988) relata que larvas de *Plectris* sp. produzem severos danos em raízes de cana-de-açúcar cultivada, por essa informação pode-se inferir que a forte ocorrência de *Plectris* sp.2 na área estudada possa estar relacionada a grande quantidade de gramíneas existentes de pastagens remanescentes e que apresentam maior crescimento vegetativo na ocasião das chuvas.

Das espécies analisadas no período de 2003 constata-se que a maioria tem aumento populacional no período chuvoso de setembro a dezembro. *D. luteips* é a espécie mais numerosa, com a população aumentada no período de setembro a outubro, atingindo o seu acme, e partir desse ponto entrando em decréscimo populacional. Pode-se admitir a hipótese que nesse período essa espécie tenha sido favorecida pela maior abundância na quantidade de presas, pois *D. luteips* é predador, além da ampla oferta de gramíneas e que segundo Silva et al. (1968) *Doru lineare* ataca flores de arroz e também milho. A partir do mês de maio observam-se o decréscimo populacional, sendo os meses de maio, junho, julho e agosto os meses que apresentaram as menores densidades populacionais (Figura 16).

No período de 2004 as populações tiveram comportamento semelhante ao do período anterior. No entanto, as espécies como *D. luteips* e *Polana* sp. tiveram reduções populacionais elevadas. *P. linearis* e *O. ypsilongriseus*, no entanto tiveram suas populações aumentadas nesse período, sendo que a primeira espécie teve um pico populacional em novembro e acme em janeiro e a segunda com um acme em dezembro, tal aumento populacional de *O. ypsilongriseus* pode estar relacionado com a maior oferta de alimento ou até pela própria umidade decorrente do período de chuvoso (Figura 17).

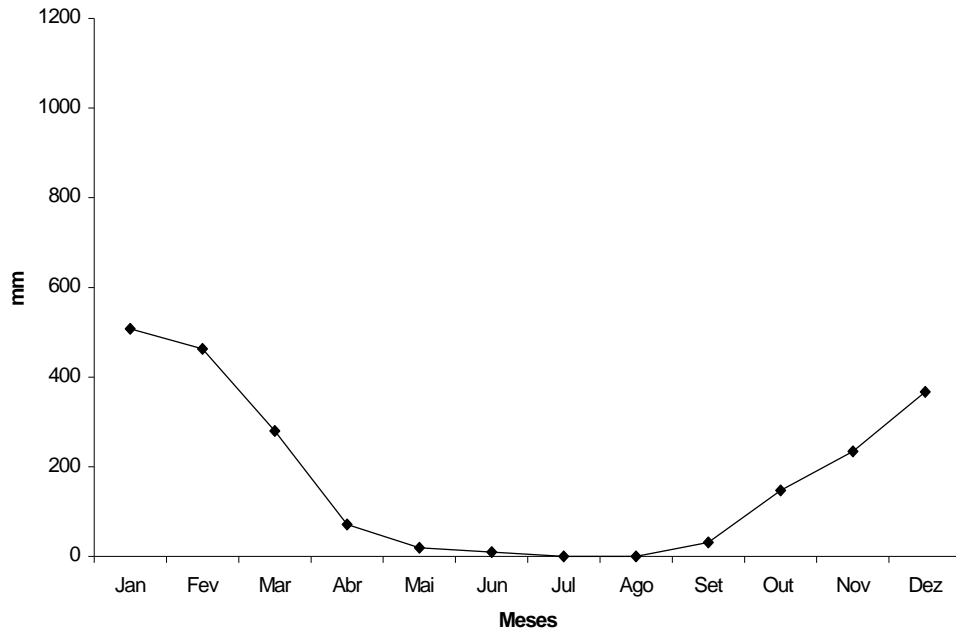


A (Fonte: ONF)

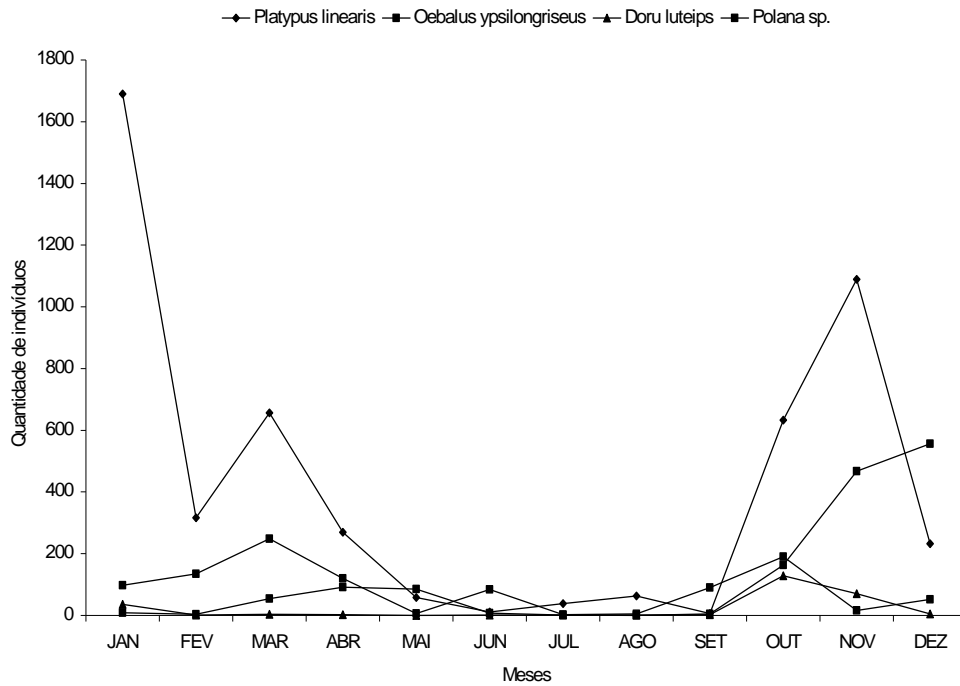


B

FIGURA 16 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DAS ESPÉCIES *Platypus linearis*, *Oebalus ypsilon*, *Doru luteipes*, *Polana sp.*, NOS DEZ AMBIENTES AMOSTRADOS (B) E PLUVIOSIDADE (A), NO PERÍODO DE 2003. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU – MT.



A (Fonte ONF)



B

FIGURA 17 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DAS ESPÉCIES *Platypus linearis*, *Oebalus ypsilon-griseus*, *Doru luteipes*, *Polana sp.*, NOS DEZ AMBIENTES AMOSTRADOS (B) E PLUVIOSIDADE (A), NO PERÍODO DE 2004. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU – MT.

5 CONCLUSÕES

- Os ambientes de floresta, capoeira e o plantio misto com o menor espaçamento foram os ambientes mais semelhantes pela diversidade de espécies;
- Os ambientes um (florestamento) e dois (floresta) foram os mais expressivos em número de espécies coletadas;
- As ordens Lepidoptera e Coleoptera foram as predominantes em quantidade de espécies;
- A flutuação populacional das espécies de maior expressividade numérica é afetada pelas chuvas, com suas populações aumentadas na época de maior pluviosidade;
- As gramíneas remanescentes das áreas de pastagens afetaram determinadas espécies, propiciando sua ampla distribuição nos ambientes e períodos estudados;
- As vegetações nativas presentes nas áreas plantadas e a grande área de floresta intacta, ao redor da propriedade, influenciaram a riqueza da entomofauna, mesmo nas áreas de florestamentos mistos, chegando em alguns ambientes a se assemelharem ao ambiente florestal nativo remanescente (ambiente 2).

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. M.; COSTA, C. S. R.; MARINONE, L.; **Manual de coleta, conservação, montagem e identificação de insetos.** Ribeirão Preto, Holos, 1998. 88p.

ALTIERI, M. A; LETOURNEAU. D. K. Vegetation management and biological control in agroecosystems. **Crop protection**, v. 1. n. 4. p. 405-430, 1982.

ALVES, A. N. **Biodiversidade de insetos entomófagos das Ordens Diptera e Hymenoptera em florestas de *Eucalyptus grandis* Hill ex Maiden associadas com sub-bosque e fragmentos de mata nativa.** 1998. 97p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Botucatu-SP.

ANDOW, D.A. Vegetational diversity and arthropod population response. **Annual Review of Entomology**, Palo Alto, v.35, p.561-586, 1991.

BAENA, E. S. Controle populacional das pragas das florestas de eucaliptos e seus inimigos naturais. **Silvicultura**, São Paulo, v. 22. p. 42-44, 1982.

BERTI FILHO, E. **Insetos associados a plantações de espécies do gênero *Eucalyptus* nos estados da Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo.** 1981. 176 f. Tese (Doutorado em Livre Docência) - Universidade de São Paulo, Piracicaba-SP.

BRAGANÇA. M. A. L. **Influência das áreas de conservação sobre Lepidoptera e Hymenoptera em eucaliptais.** 1995. 101p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria Geral. **Projeto RADAMBRASIL.** Folha SC. 21 – Juruena (Levantamento de Recursos Naturais, 20). Rio de Janeiro: MMESG, 1980. 460 p.

CIVIDANES, F. J. Ocorrência de *Plectris* sp Scarabaeidae: (Melolonthinae) na cultura de cana-de-açúcar. **Anais da Sociedade Entomológica do Brasil**, v. 17, p. 223-224, 1988.

DORVAL, A. **Levantamento populacional de coleópteros com armadilhas etanólicas em plantios de eucaliptos e em uma área com vegetação de cerrado no município de Cuiabá, estado de Mato Grosso.** 2002. 141 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil.

DORVAL, A.; PERES FILHO, O. Levantamento e flutuação populacional de coleópteros em vegetação de cerrado na baixada cuiabana. **Ciência Florestal**, Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 2, p. 171-182, 2001.

DUBOIS, G. S. J. **Diversidade de mariposas (Notodontidae e Arctiidae) num fragmento florestal da Amazônia Oriental (Açailândia – MA)**. 1993. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Universidade de Brasília, Brasília-DF.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**, 1. ed. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Pesquisa de Solos, 1999. 306 p.

FERREIRA, E.; BARRIGOSI J.A.F. Insetos orizívoros da parte subterrânea. **Embrapa**, 2006. 52 p.

GANHO, N. G.; Marinoni, R. C. A diversidade inventarial de Coleoptera (Insecta) em uma paisagem antropizada do Bioma Araucária. **Revista Brasileira de Entomologia**, Curitiba, v. 49, n. 4, out./dez., p. 535–543, 2005.

GOULD, F. Sustainability of transgenic insecticidal cultivars: Integrating pest genetics and ecology. **Annual Review of Entomology**, Palo Alto, v. 43, p. 701-726, 1998.

HALFFTER, G.; MORENO, C. E.; PINEDA, E. O. **Manual para evaluación de la biodiversidad en Reservas de la Biosfera**. Zaragoza: Sociedad Entomologica Aragonesa, 2001. v. 2, 80 p.

HOLLOWAY, J. D.; BRADLEY, J. D.; CARTER, D. J. **CIE guides to insects of importance to man: Lepidoptera**, 1. London: International Institute of Entomology. British Museum Natural History, 1987. 262 p.

KAGEYAMA. P. Y.; REIS. A.; CARPANEZZI. A. A. Potencialidades e restrições da regeneração artificial na recuperação de áreas degradadas. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS, 1., 1992, Curitiba. **Anais...** Curitiba: FUPEF, 1992. p. 1-7.

KARBAN, R.; BALDWIN, I. T. **Induced responses to herbivory**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1997. 275p.

LAROCCA, S. **Ecologia: Princípios e métodos**. Petrópolis: Vozes, 1995. 197p.

LAROCCA, S.; MIELKE, O. H. H. Ensaio sobre ecologia de comunidades em Sphingidae da Serra do Mar. Paraná, Br. (Lepidoptera). **Revista Brasileira de Biologia**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p.1-19, 1975.

MATIOLI, J. C. Armadilha luminosa: uma alternativa no controle de pragas. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 12, n. 140, p. 33-39, 1986.

MATIOLI J. C.; SILVEIRA NETO, S. Armadilha luminosa: funcionamento e utilização. **Boletim Técnico EPAMIG**, Belo Horizonte, v. 28, p. 1-44, 1988.

MEZZOMO, J. A. **Importância de faixas de vegetação sobre Lepidoptera e Coleoptera em *Eucalyptus cloesiana***. Viçosa. 1995. 78 p. Dissertação (Mestrado em Entomologia) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG.

MORAES, R. C. B.; HADDAD, M. L.; REYES, A. E. L. Software para análise faunística - ANAFU. In: Simpósio de Controle Biológico, 8., 2003, São Pedro. **Resumos...** Piracicaba: SEB, 2003, p. 195-195.

NAKAMURA, A.; PROCTOR, H.; CATTERALL, C. P. Using soil and litter arthropods to assess the state of rainforest restoration. **Ecological Management e Restoration**, v. 4, n. 1, p. 28-29, 2003.

NAKANO, O.; LEITE, C. A. **Armadilhas para insetos: pragas agrícolas e domésticas**. Piracicaba: FEALQ, 2000, 76 p.

PAINE, T.D.; F.M. STEPHEN. The relationship of tree height and crown class to the induced plant defenses of loblolly pine. **Canadian Journal of Botany**, Guelph, v. 65, n. 2, 2090-2092, 1987.

PEREIRA, L. G. B.; MARQUES, E. N.; GROKE JÚNIOR, P. H.; SILVA, M. J.; PEREIRA NETO, S. D. Percentual de mortalidade de lagartas de *Thyrintina arnobia* (Stoll, 1782) (Lepidoptera: Geometridae), coletadas na bordadura e no interior de plantios de *Eucalyptus grandis* W. Hill ex Maiden. **Revista do Setor de Ciências Agrárias**, Curitiba, v. 13, n. 1-2, p. 233-238, 1994.

PIMENTA A. **Bioindicadores em Ecossistemas**. Disponível em: <<http://www.herbario.com.br/dataherb06/1112bioindicad.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2008.

ROOT, R. B. Organization of plant-arthropod association in a simple and diverse habitats: the fauna of collards (*Brassica oleracea*). **Ecological Monographs**. V. 43, p. 95-124, 1973.

RUSSEL. E.P. Enemies hypothesis a review of the effect of vegetational diversity on predatory insects and parasitoids. **Environmental Entomology**, Lanham, v. 18, n. 4, p. 590-599, 1989.

SAKAGAMI, S. F.; LAROCCA, S. Observations on the bionomics of some neotropical Xylocopini bees, with some comparative biofaunistic notes (Hymenoptera, Anthophoridae). 1967. **J. Fac. Sci.** Hokkaido Univ. 18: p. 57-127.

SANTOS, G. P.; ARAUJO, F. S.; MONTEIRO, A. J. A. Danos causados por *Plocetes* sp. (Coleoptera: Curculionidae) e Lepidoptera em sementes de guiné-do-mato – *Coutareae hexandra* (Rubiaceae). **Ceres**, Viçosa, v. 41, n. 238, p. 608-613, 1994.

SCHLINDWEIN, C. A importância de abelhas especializadas na polinização de plantas nativas e conservação do meio ambiente. In: **Anais do Encontro Sobre Abelhas 4**. Encontro Sobre Abelhas, Ribeirão Preto, 2000, 4:131-141.

SCHNELL, M. R., A. J. PIK & J. M. DANGERFIELD. Ant community succession within eucalyptus plantations on used pasture and implications for taxonomic sufficiency in biomonitoring. **Austral Ecology** 28: 553-565. **2003**.

SILVA, A. G. A.; GONÇALVES, C. R.; GALVÃO D. M.; GONÇALVES, A. J. Z.; GOMES, J.; SILVA, N. M.; SIMONI, L. **Quarto catálogo dos insetos que vivem nas plantas do Brasil: seus parasitos e predadores**. Rio de Janeiro: Laboratório de Patologia Vegetal, p. 2, t. 1, 1968. 622 p.

SILVA, A. G. A.; GONÇALVES, C. R.; GALVÃO D. M.; GONÇALVES, A. J. Z.; GOMES, J.; SILVA, N. M.; SIMONI, L. **Quarto catálogo dos insetos que vivem nas plantas do Brasil: seus parasitos e predadores**. Rio de Janeiro: Laboratório de Patologia Vegetal, p. 2, t. 2, 1968. 265p.

SILVA, R. R.; BRANDÃO, C. R. F. Formigas (Hymenoptera: Formicidae) como indicadores da qualidade ambiental e da biodiversidade de outros invertebrados terrestres. **Biotemas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 55-73, 1999.

SILVEIRA NETO, S.; NAKANO, O.; BARBIN, D.; VILLANOVA, N. A. **Manual de ecologia dos insetos**. Piracicaba: Ceres, 1976. 419 p.

SILVEIRA NETO, S.; SILVEIRA, A. C. Armadilha luminosa modelo “Luiz de Queiroz”. **O Solo**. Piracicaba, v. 61, n. 2, p.19-21, 1969.

THOMAZINI, M. J.; THOMAZINI, A. P. B. W. **Levantamento de insetos e análise entomofaunística em floresta, capoeira e pastagem no Sudeste Acreano**. Rio Branco: Embrapa Acre, 2002. 41 p. (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 35).

THOMAZINI, M. J.; THOMAZINI, A. P. B. W. **A fragmentação florestal e a diversidade de insetos nas florestas tropicais úmidas**. Rio Branco: Embrapa Acre, 2000. 21p. (Documentos, 57).

TRINDADE, M. S. A.; SOUSA, A. H.; VASCONCELOS, W. E.; FREITAS, R. S.; SILVA, A. M. A.; PEREIRA, D. S.; MARACAJÁ, P. B. Avaliação da polinização e estudo comportamental de *Apis mellifera* L. na cultura do meloeiro em Mossoró, RN. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2004.

VENDRAMIM. J. D.; ZUCCHI. R. A.; SILVEIRA NETO, S. Controle cultural, físico por comportamento e por resistência de plantas. In: FEALQ (Org.). **Curso de entomologia aplicada à agricultura**. 1. ed. Piracicaba: FEALQ, 1992, v. 1, p.113-119.

VULINEC, K. Dung beetle communities and seed dispersal in primary forest and disturbed land in Amazonia. **Biotropica** 34: 297-309. 2002.

WHITMORE, T. C. Tropical forest disturbance, disappearance, and species loss. In: LAURANCE, W. F.; BIERREGAARD, R. O. (Eds.) **Tropical forest remnants, ecology, management, and conservation of fragmented communities**. Chicago: University of Chicago Press, 1997. p. 3-12.

WILCKEN. C.F. **Estrutura da comunidade de lepidópteros, coletados com armadilhas luminosas, que ocorrem em florestas de *Eucalyptus grandis* Hill ex Maiden**. 1991. 148 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) - Universidade de São Paulo, Piracicaba-SP.

ZANÚNCIO, J. C.; SANTOS, G. P.; SANTANA, G. P.; SANTANA, D. L. Q. **Métodos de amostragem**. Lepidoptera desfolhadores de eucalipto: biologia, ecologia e controle. Piracicaba: Instituto de Pesquisa e Estudos Florestais, Sociedade de integrações Florestais, 140 p. 1993.

ZANUNCIO, J.C. et al. Major lepidopterous defoliators of eucalyptus in the Southeast Brazil. **Forest Ecology and Management**, v. 65, n. 1, p. 53-63, 1994 .

ZANUNCIO, T. V. et al. Biologia de *Euselasia hygenius* (Lepidoptera: Riodinidae) e seu consumo foliar em *Eucalyptus urophylla*. **Revista Brasileira de Entomologia**, Curitiba, v. 39, n. 3, p. 487-492, 1995.

ZANUNCIO, T. V. et al. Biologia de *Nystalea nyseus* (Cramer, 1775) (Lepidoptera: Notodontidae) em folhas de *Eucalyptus urophylla*. **Acta Amazonica**, Manaus, v. 34, n. 1/2, p. 153-160, 1994.

Apêndice

APÊNDICE 1 - ANOS, ORDENS E ESPÉCIES COLETADAS (NÃO IDENTIFICADAS EM CÓDIGOS E IDENTIFICADAS) EM TODOS OS AMBIENTES. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT. JANEIRO/2003 A DEZEMBRO/2003.

Ordens, espécies identificadas e respectivos códigos	Espécies coletadas		
	2003	2004	2003 e 2004
Lepidoptera			
A 2 <i>Dirphia</i> sp.	A2	A2	A2
A 6 <i>Protambulix strigilis</i>	A 3	A6	A 3
A 7 <i>Adeloneivaia subangulata</i>	A6	A7	A6
A 13 <i>Adhemarius gannascus</i>	A13	A15	A7
A 21 <i>Arsenura</i> sp.	A16	A21	A13
A 33 <i>Rothschildia ericyna</i>	A20	A31	A15
A 34 <i>Rosema</i> sp.	A31	A32	A16
A 35 <i>Hylesia</i> sp.1	A32	A33	A20
A 65 <i>Crinodes besckei</i>	A 33	A64	A21
A 69 <i>Morpho menelaus</i>	A 34	A78	A31
A 73 <i>Pholus anchemolus</i>	A35	A86	A32
A 78 <i>Xylophanes chiron</i>	A39	A111	A 33
A 79 <i>Pericopis sacrificia</i>	A 40	A115	A 34
A 85 <i>Oxydia</i> sp.	A42	A121	A35
A 111 <i>Euceron rosa</i>	A 46	A123	A39
A 115 <i>Aclytia heber</i>	A52	A138	A 40
A 123 <i>Trosia dimas</i>	A 55	A143	A42
A 143 <i>Atteva pustulella</i>	A 64	A 145	A 46
A 145 <i>Dysschema</i> sp.	A 65	A169	A52
A 150 <i>Paracles</i> sp.	A69	A172	A 55
A 160 <i>Paracles paula</i>	A 72	A 175	A 64
A 172 <i>Hylesia</i> sp.3	A73	A179	A 65
A 177 <i>Elysius conspersa</i>	A76	A180	A69
A 181 <i>Agerocha eone</i>	A 78	A186	A 72
A 183 <i>Neogene dinaeus</i>	A 79	A209	A73
A 186 <i>Crinodes</i> sp.	A 80	A217	A76
A 194 <i>Triptogon ocypete</i>	A 81	A278	A 78
A 199 <i>Evius</i> sp.	A82	A297	A 79
A 201 <i>Eucereon</i> sp.	A83	A323	A 80
A 217 <i>Ammalo</i> sp.	A85	A355	A 81
A 247 <i>Melanchroia cephise</i>	A86	A370	A82
A 255 <i>Melipotis perpendicularis</i>	A 96	A 388	A83
A 262 <i>Diaphania hyalinata</i>	A 104	A442	A85
A 266 <i>Ptichodis</i> sp.	A 108	A443	A86
A 267 <i>Micrathetis canifimbria</i>	A 110	A444	A 96
A 286 <i>Colla rhodope</i>	A111	A445	A 104
A 308 <i>Oxydia vesuliata</i>	A 113	A446	A 108
A 312 <i>Eunica</i> sp.	A 115	A447	A 110
A 322 <i>Utetheisa ornatix</i>	A 118	A448	A111
A 333 <i>Cosmosoma auge</i>	A 121	B1	A 113
A 338 <i>Cratoplastis</i> sp.	A 123	B2	A 115
A 340 <i>Hemiceras</i> sp.	A 130	B3	A 118
A 341 <i>Eulepidotis</i> sp.	A 131	B4	A 121
continua...			

Apendice1 Cont.

A 347 <i>Chliara croesus</i>	A 135	B5	A 123
A 350 <i>Philorus rubriceps</i>	A136	B6	A 130
A 354 <i>Idalus agastus</i>	A 138	B9	A 131
A 364 <i>Sosxetra grata</i>	A 140	B11	A 135
A 367 <i>Bronchelia</i> sp.	A142	B13	A136
A 375 <i>Cosmosoma</i> sp.	A 143	B14	A 138
A 380 <i>Opharus procoide</i>	A144	B15	A 140
HEMIPTERA	A 145	B16	A142
B 2 <i>Oebalus ypsilon</i> sp.	A 148	B17	A 143
B 3 <i>Brontostoma rubrum</i>	A 149	B18	A144
B 4 <i>Brontostoma discus</i>	A150	B19	A 145
B 5 <i>Edessa</i> sp.	A155	B20	A 148
B 6 <i>Rasahus</i> sp.1	A 160	B21	A 149
B 9 <i>Stenocoris</i> sp.	A 165	B23	A150
B 11 <i>Ctenotrachelus</i> sp.	A 167	B25	A155
B 13 <i>Dysdercus</i> sp.	A168	B26	A 160
B 14 <i>Stenopoda cinerea</i>	A 169	B27	A 165
B 15 <i>Arocera spectabilis</i>	A171	B28	A 167
B 18 <i>Pangaesus aethiops</i>	A 172	B29	A168
B 19 <i>Loxa clavicollis</i>	A 173	B30	A 169
B 23 <i>Rasahus hamatus</i>	A 175	B33	A171
B 28 <i>Pygolampis spurca</i>	A 176	B34	A 172
B 30 <i>Rasahus</i> sp.2	A 177	B35	A 173
B 33 <i>Rhodnius</i> sp.	A 180	B37	A 175
B 37 <i>Ricolla spinosa</i>	A 181	B40	A 176
B 40 <i>Brontostoma</i> sp.	A182	B42	A 177
B 42 <i>Prolobodes</i> sp.	A 183	B43	A179
B 43 <i>Angocoris</i> sp.	A 186	B45	A 180
B 55 <i>Piezodorus guildinii</i>	A 189	B46	A 181
B 63 <i>Triatoma infestans</i>	A 194	B55	A182
B 66 <i>Heza insignis</i>	A 195	B56	A 183
B 70 <i>Mormidea pictiventris</i>	A 199	B59	A 186
B 71 <i>Edessa meditabunda</i>	A 201	B60	A 189
B 73 <i>Mecistorhinus</i> sp.	A 217	B61	A 194
HEMIPTERA	A 218	B63	A 195
Z 1 <i>Mahanarva fimbriolata</i>	A 219	B66	A 199
Z 2 <i>Dictiophara</i> sp.	A 220	B68	A 201
Z 3 <i>Polana</i> sp.	A 222	B69	A209
Z 4 <i>Deois flavopicta</i>	A223	B70	A 217
Z 5 <i>Cephusus</i> sp.	A 225	B71	A 218
Z 14 <i>Poekilloptera phalaenoides</i>	A 226	B 72	A 219
Z 15 <i>Diareusa</i> sp.	A 229	B 73	A 220
Z 21 <i>Fidicina mannifera</i>	A230	B76	A 222
Z 23 <i>Higris uncarinata</i>	A233	B77	A223
Z 33 <i>Deois terrea</i>	A235	B78	A 225
Z 36 <i>Molomea</i> sp.	A241	B79	A226
Z 45 <i>Mahanarva rubropicta</i>	A242	B80	A229
Z 54 <i>Fulgora phosphorea</i>	A 247	B 81	A230
Z 59 <i>Episcius platyrhinus</i>	A248	B83	A233
Z 62 <i>Flata</i> sp.1	A249	B84	A235

continua...

Apêndice 1 Cont.

Z 65 <i>Diestostemma</i> sp.	A 252	B85	A241
Z 74 <i>Ceresa</i> sp.	A 253	B86	A242
Z 80 <i>Flata</i> sp.2	A254	B87	A247
Z 93 <i>Phenax variegata</i>	A255	B88	A248
Z 96 <i>Odontoptera</i> sp.	A 257	B89	A249
Z 102 <i>Hygris</i> sp.	A 258	C 1	A 252
Z 105 <i>Heteronotus</i> sp.	A 259	C2	A253
HEMIPTERA	A 260	C3	A254
Z 9 <i>Carineta</i> sp.1	A 261	C4	A255
Z 90 <i>Carineta</i> sp.2	A262	C7	A 257
Z 101 <i>Carineta</i> sp.3	A263	C9	A 258
Z 83 <i>Carineta dolosa</i>	A265	C15	A 259
Z 49 <i>Carineta</i> sp.4	A266	C16	A 260
Z 20 <i>Carineta</i> sp.5	A267	C17	A 261
COLEOPTERA	A268	C18	A262
C 1 <i>Platypus linearis</i>	A 271	C19	A263
C 2 <i>Diabrotica</i> sp.	A 275	C20	A265
C 3 <i>Themonectus</i> sp.	A 276	C21	A266
C 4 <i>Paraulanca dives</i>	A278	C22	A267
C 7 <i>Tropisternus laevis</i>	A279	C23	A268
C 8 <i>Diabrotica speciosa</i>	A280	C24	A 271
C 9 <i>Neoathyreus</i> sp.	A 282	C25	A 275
C 15 <i>Digitonthophagus gazela</i>	A284	C27	A 276
C 16 <i>Oxelytrum discicolle</i>	A 286	C28	A278
C 17 <i>Semiotus distinctus</i>	A 287	C29	A279
C 18 <i>Plectris</i> sp.2	A 290	C30	A280
C 22 <i>Omophoita</i> sp.	A 293	C31	A 282
C 23 <i>Maecolaspis perturbata</i>	A 294	C33	A284
C 24 <i>Xyloperthella picea</i>	A 297	C37	A 286
C 25 <i>Cyclocephala</i> sp.1	A 298	C41	A 287
C 27 <i>Passalus</i> sp.	A 299	C42	A 290
C 28 <i>Cyclocephala</i> sp.2	A 300	C48	A 293
C 29 <i>Plectris</i> sp.1	A301	C49	A 294
C 30 <i>Phyllophaga</i> sp.	A 302	C50	A 297
C 31 <i>Onthophagus gazella</i>	A 303	C53	A 298
C 41 <i>Anomala</i> sp.1	A304	C55	A 299
C 53 <i>Rhinostomus barbiostris</i>	A305	C56	A 300
C 55 <i>Anomala</i> sp.2	A306	C57	A301
C 57 <i>Hesperandra</i> sp.	A 307	C 58	A 302
C 60 <i>Macraspis</i> sp.	A308	C59	A 303
C 62 <i>Spodochamys</i> sp.	A 310	C60	A304
C 64 <i>Cyclocephala</i> sp.3	A311	C68	A305
C 66 <i>Neohydrophilus politus</i>	A 312	C75	A306
C 67 <i>Phyllophaga cuyabana</i>	A313	C77	A307
C 70 <i>Anoplischius</i> sp.1	A314	C78	A308
C 71 <i>Anoplischius</i> sp.2	A315	C80	A 310
C 75 <i>Phaops</i> sp.	A316	C85	A311
C 91 <i>Dyscinetus</i> sp.2	A317	C87	A 312
C 93 <i>Dyscinetus</i> sp.1	A 318	C 91	A313
C 98 <i>Hydrophilus</i> sp.	A320	C93	A314
continua...			

Apendice1 Cont.

C 99 <i>Anomala</i> sp.3	A 321	C96	A315
C 119 <i>Cyclocephala</i> sp.5	A 322	C98	A316
C120 <i>Plectris</i> sp 3	A 323	C105	A317
C 122 <i>Ctenostoma</i> sp.	A 324	C112	A318
C 123 <i>Cissites maculata</i>	A 325	C115	A320
C 124 <i>Cyclocephala</i> sp.4	A 326	C118	A 321
C 126 <i>Cyclocephala</i> sp.6	A 327	C119	A 322
C 127 <i>Anomala undulata</i>	A328	C120	A 323
C 128 <i>Anomala</i> sp.4	A330	C121	A 324
C 131 <i>Cyclocephala</i> sp.7	A 332	C122	A 325
C 132 <i>Cyclocephala</i> sp.8	A333	C123	A 326
C 147 <i>Germarostes</i> sp.	A 334	C124	A 327
C 150 <i>Aspisoma</i> sp.	A336	C126	A328
C 157 <i>Bolbapium</i> sp.	A 337	C128	A330
C 160 <i>Cyclocephala ohausiana</i>	A 338	C130	A 332
C 168 <i>Cyclocephala mecynotarsis</i>	A 339	C131	A333
C 170 <i>Chalcolepidius</i> sp.	A 340	C132	A 334
C 171 <i>Coelosis biloba</i>	A 341	133	A336
C 172 <i>Conoderus</i> sp.	A 342	C145	A 337
C 173 <i>Ligyris</i> sp.	A 343	147	A 338
C 176 <i>Polpochila</i> sp.	A 344	C148	A 339
C 182 <i>Scarites</i> sp.	A 345	C150	A 340
C 183 <i>Scarithodes morio</i>	A 346	C156	A341
C 189 <i>Lebia</i> sp.	A 347	C157	A 342
C 197 <i>Maecolaspis occidentalis</i>	A348	C160	A343
C 198 <i>Colliuris</i> sp.	A 349	C 166	A 344
C 199 <i>Clivina</i> sp.	A350	C169	A 345
C 201 <i>Physeia setosa</i>	A351	C171	A 346
C 202 <i>Germarestes rugiceps</i>	A352	C172	A 347
C 207 <i>Phaops ambitiosa</i>	A353	C173	A348
C 210 <i>Hoplopyga multipunctata</i>	A354	C175	A349
C 415 <i>Pyrota</i> sp.	A355	C176	A350
C 421 <i>Epicauta</i> sp.	A356	C177	A351
HYMENOPTERA	A357	C180	A352
H 1 <i>Eciton</i> sp.	A 358	C 182	A353
H 3 <i>Apoica</i> sp.1	A359	C183	A354
H 4 <i>Netelia</i> sp.	A360	C185	A355
H 31 <i>Apoica</i> sp.2	A 361	C188	A356
H 34 <i>Neivamyrmex</i> sp.	A 364	C199	A357
H 37 <i>Agelaia</i> sp.	A366	C201	A358
H 41 <i>Apoica palens</i>	A367	C202	A359
H 42 <i>Paraponera</i> sp.	A369	C204	A360
H 43 <i>Polistes</i> sp.	A370	C205	A 361
H 45 <i>Apoica</i> sp.3	A374	C206	A 364
H 47 <i>Megachile</i> sp.	A 375	C207	A366
H 50 <i>Eulaema</i> sp.	A 376	C210	A367
MANTODEA	A 377	C212	A369
L 3 <i>Parastigmatophera serricomis</i>	A 379	C213	A370
MEGALOPTERA	A 380	C215	A374
M 1 <i>Corydalus</i> sp.	A 381	C216	A 375

continua...

Apendice1 Cont.

ORTHOPTERA	A382	C217	A 376
O 9 <i>Pasidippus</i> sp.	A383	C218	A 377
DERMAPTERA	A384	C219	A 379
D 1 <i>Doru luteipes</i>	A385	C220	A 380
	A 386	C221	A 381
	A 387	C222	A382
	A388	C223	A383
	A 389	C224	A384
	A390	C225	A385
	A399	C411	A 386
	A400	C413	A 387
	A401	C414	A388
	A402	C415	A 389
	A403	C416	A390
	A404	C417	A399
	A405	C 418	A400
	A 406	C 419	A401
	A407	C420	A402
	A408	C421	A403
	A436	C422	A404
	A438	C423	A405
	A439	C424	A 406
	A 440	C425	A407
	B1	C426	A408
	B2	C427	A436
	B3	C428	A438
	B4	C429	A439
	B5	C430	A 440
	B6	C431	A442
	B11	C432	A443
	B13	C433	A444
	B14	C434	A445
	B15	H1	A446
	B16	H2	A447
	B17	H3	A448
	B18	H4	B1
	B19	H5	B2
	B20	H8	B3
	B21	H9	B4
	B23	H10	B5
	B25	H29	B6
	B27	H30	B9
	B28	H31	B11
	B29	H33	B13
	B30	H34	B14
	B32	H35	B15
	B33	H36	B16
	B37	H37	B17
	B 40	H38	B18
	B42	H39	B19

continua...

Apendice1 Cont.

	B46	H41	B20
	B48	H43	B21
	B 49	H 44	B23
	B54	H 45	B25
	B55	H 46	B26
	B56	H 51	B27
	B58	H 52	B28
	B59	H 53	B29
	B60	H 54	B30
	B61	H55	B32
	B62	H56	B33
	B63	Z1	B34
	B64	Z2	B35
	B65	Z3	B37
	B66	Z4	B 40
	B67	Z7	B42
	B68	Z8	B43
	B69	Z9	B45
	B70	Z12	B46
	B71	Z13	B48
	B73	Z14	B49
	B74	Z15	B54
	C 1	Z16	B55
	C 2	Z20	B56
	C3	Z21	B58
	C4	Z22	B59
	C5	Z26	B60
	C 6	Z30	B61
	C7	Z33	B62
	C 8	Z49	B63
	C9	Z51	B64
	C 11	Z65	B65
	C13	Z71	B66
	C15	Z72	B67
	C17	Z74	B68
	C18	Z75	B69
	C19	Z76	B70
	C20	Z77	B71
	C22	Z80	B72
	C23	Z82	B73
	C24	Z83	B74
	C25	Z84	B76
	C27	Z90	B77
	C28	Z93	B78
	C29	Z94	B79
	C30	Z95	B80
	C33	Z96	B81
	C 35	Z97	B83
	C37	Z101	B84
	C41	Z102	B85

continua...

Apendice1 Cont.

	C42	Z103	B86
	C46	Z105	B87
	C52	Z106	B88
	C53	Z107	B89
	C 55	Z108	C 1
	C57	Z109	C 2
	C58	Z110	C3
	C59	Z113	C4
	C60	Z114	C5
	C61	Z115	C 6
	C62	Z116	C7
	C63	Z117	C 8
	C64	Z118	C9
	C65	Z119	C 11
	C66	Z120	C13
	C67	Z121	C15
	C68	Z122	C16
	C69	Z123	C17
	C70	Z124	C18
	C71	Z125	C19
	C72	Z126	C20
	C73	O2	C21
	C75	O4	C22
	C77	O5	C23
	C82	O6	C24
	C85	O9	C25
	C 86	O10	C27
	C87	O 15	C28
	C91	O 16	C29
	C98	O 17	C30
	C99	O 18	31
	C111	O 19	C33
	C115	O 20	C 35
	C119	O 21	C37
	C120	M1	C41
	C121	M2	C42
	C122	D1	C46
	C 123	I1	C48
	C125	L3	C49
	C126	L4	C50
	C127		C52
	C128		C53
	C132		C 55
	C135		C56
	C146		C57
	C147		C58
	C148		C59
	C152		C60
	C156		C61
	C157		C62

continua...

Apendice1 Cont.

	C160		C63
	C161		C64
	C162		C65
	C163		C66
	C164		C67
	C165		C68
	C166		C69
	C168		C70
	C169		C71
	C170		C72
	C171		C73
	C172		C75
	C173		C77
	C174		C78
	C175		C80
	C176		C82
	C177		C85
	C178		C 86
	C179		C87
	C180		C91
	C181		C93
	C182		C96
	C185		C98
	C186		C99
	C187		C105
	C189		C111
	C190		C112
	C191		C115
	C192		C118
	C196		C119
	C197		C120
	C198		C121
	C199		C122
	C200		C 123
	C201		C124
	C202		C125
	C203		C126
	C204		C127
	C206		C128
	C207		C130
	C208		C131
	C209		C132
	C211		C133
	C213		C135
	C214		C145
	C 324		C146
	C411		C147
	H1		C148
	H2		C150
	H3		C152

continua...

Apendice1 Cont.

	H4		C156
	H5		C157
	H8		C160
	H9		C161
	H10		C162
	H13		C163
	H14		C164
	H15		C165
	H23		C166
	H30		C168
	H31		C169
	H32		C170
	H34		C171
	H35		C172
	H36		C173
	H37		C174
	H38		C175
	H39		C176
	H41		C177
	H42		C178
	H43		C179
	H44		C180
	H45		C181
	H46		C182
	H47		C183
	H48		C185
	H49		C186
	H50		C187
	Z1		C188
	Z2		C189
	Z3		C190
	Z4		C191
	Z5		C192
	Z7		C196
	Z9		C197
	Z10		C198
	Z11		C199
	Z13		C200
	Z14		C201
	Z15		C202
	Z17		C203
	Z21		C204
	Z22		C205
	Z26		C206
	Z30		C207
	Z32		C208
	Z33		C209
	Z35		C210
	Z36		C211
	Z37		C212
continua...			

Apendice1 Cont.

	Z41		C213
	Z42		C214
	Z43		C215
	Z45		C216
	Z49		C217
	Z50		C218
	Z54		C219
	Z56		C220
	Z57		C221
	Z 62		C222
	Z65		C223
	Z68		C224
	Z70		C225
	Z71		C324
	Z74		C411
	Z75		C413
	Z76		C414
	Z80		C415
	Z82		C416
	Z83		C417
	Z84		C418
	Z90		C419
	Z93		C420
	Z96		C421
	Z97		C422
	Z101		C423
	Z102		C424
	Z104		C425
	Z106		C426
	Z107		C427
	Z108		C428
	Z109		C429
	Z110		C430
	Z111		C431
	Z112		C432
	Z113		C433
	Z114		C434
	O1		H1
	O4		H2
	O8		H3
	O9		H4
	O10		H5
	O11		H8
	O12		H9
	O14		H10
	M1		H13
	D1		H14
	I1		H15
	L3		H23
	L4		H29

continua...

Apendice1 Cont.

			H30
			H31
			H32
			H33
			H34
			H35
			H36
			H37
			H38
			H39
			H41
			H42
			H43
			H44
			H45
			H46
			H47
			H48
			H49
			H50
			H51
			H52
			H53
			H54
			H55
			H56
			Z1
			Z2
			Z3
			Z4
			Z5
			Z7
			Z8
			Z9
			Z10
			Z11
			Z12
			Z13
			Z14
			Z15
			Z16
			Z17
			Z20
			Z21
			Z22
			Z26
			Z30
			Z32
			Z33
			Z35

continua...

Apendice1 Cont.

			Z36
			Z37
			Z41
			Z42
			Z43
			Z45
			Z49
			Z50
			Z51
			Z54
			Z56
			Z57
			Z 62
			Z65
			Z68
			Z70
			Z71
			Z72
			Z74
			Z75
			Z76
			Z77
			Z80
			Z82
			Z83
			Z84
			Z90
			Z93
			Z94
			Z95
			Z96
			Z97
			Z101
			Z102
			Z103
			Z104
			Z105
			Z106
			Z107
			Z108
			Z109
			Z110
			Z111
			Z112
			Z113
			Z114
			Z115
			Z116
			Z117
			Z118

continua...

Apendice1 Cont.

			Z119
			Z120
			Z121
			Z122
			Z123
			Z124
			Z125
			Z126
			O1
			O2
			O4
			O5
			O6
			O8
			O9
			O10
			O11
			O12
			O14
			O15
			O16
			O17
			O18
			O19
			O20
			O21
			M1
			M2
			D1
			I1
			L3
			L4

APÊNDICE 2 - FICHA DE ANOTAÇÃO DO LEVANTAMENTO DA DATA
E QUANTIDADE DE INDIVÍDUO POR ESPÉCIE POR
ARMADILHA.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
LABORATÓRIO DE PROTEÇÃO FLORESTAL – FENF

FICHA Nº _____

PROJETO: _____ LOCAL: _____

INÍCIO: ___/___/___ TIPO DE ARMADILHA: _____

PLANTIO: _____

ESPECIE: _____ FAMILIA: _____

DATA	ARMADILHAS									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10